

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELA DE CASTRO RIBEIRO

A RELAÇÃO ENTRE O TELEJORNALISMO ESPORTIVO E A CRIAÇÃO DE
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ESPORTE: O CASO DO TÊNIS NO BRASIL

CURITIBA

2014

GABRIELA DE CASTRO RIBEIRO

**A RELAÇÃO ENTRE O TELEJORNALISMO ESPORTIVO E A CRIAÇÃO DE
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ESPORTE: O CASO DO TÊNIS NO BRASIL**

Trabalho acadêmico apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial para graduação no curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná. Trabalho orientado pelo professor doutor Mário Messagi Junior e pelo professor doutor Elson Faxina.

CURITIBA

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, porque desde sempre dediquei toda minha capacidade a Ele e assim o farei por toda a minha vida.

Ao meu falecido avô Rubens, que foi a primeira pessoa que me apoiou quando pensei em ser jornalista e que sempre foi meu maior exemplo de fé.

Aos meus pais Joel e Tania, que sempre me apoiaram, me deram direção e que sempre fizeram o melhor por mim.

Aos mestres Mário Messagi Júnior e Elson Faxina, que aceitaram o desafio deste projeto.

Ao amigo Cristiano Luiz Freitas, que foi meu primeiro exemplo na profissão e é o melhor jornalista que já conheci.

À Patrícia Pinheiro, sem a qual minha trajetória singular jamais teria começado da maneira como foi.

Ao meu namorado Lucas, que aceitou se dedicar comigo neste projeto, assim como tem se dedicado a estar ao meu lado todos os dias.

Loyola preconizava que era preciso agir contando apenas consigo mesmo, como se Deus não existisse, mas na recordação constante de que tudo dependia da Sua vontade.

(Roger Caillois)

RESUMO

Um dos maiores jargões contemporâneos em sociedades fortemente influenciadas pelos meios de comunicação de massa é aquele que diz que a imprensa é culpada pelos problemas modernos. Partindo da visão do telejornalismo esportivo e da cobertura de esportes que é apresentada pelos grandes veículos, esta pesquisa busca analisar a efetividade da função social do jornalismo na criação de políticas públicas. Afinal, o jornalismo tem parte da culpa no que diz respeito à precariedade do esporte brasileiro? Através de vários questionamentos e da discussão latente sobre o que é pertinente ou não ao campo jornalístico, o trabalho foi desenvolvido com a intenção de entender, por meio de padrões, o que acontece no âmbito esportivo do telejornalismo. O enfoque da pesquisa é o caso do tênis, modalidade que já teve grande destaque no Brasil e hoje enfrenta um período de entressafra – muito mais na imprensa do que no esporte de alto rendimento. Entrevistas em profundidade com fontes selecionadas foram realizadas como método acadêmico. Como produto da pesquisa monográfica foi desenvolvido um documentário, que tem como foco apresentar a situação deficitária das quadras públicas de tênis do país. Com a apresentação de um projeto social e a opinião dos entrevistados, foi lançado o debate sobre os rumos do esporte e da mídia.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo. Televisão. Tênis. Políticas públicas. Documentário.

ABSTRACT

One of the biggest jargon in contemporary societies strongly influenced by the mass media is the one that blames the media for modern problems. Starting from the point of view of television journalism and the sports coverage presented by large media outlets, this research aims to analyze the effectiveness of the social role of journalism in the creation of public policies. After all, is journalism partly to blame for the precariousness of sports in Brazil? Through various questions and latent discussion about what is appropriate or not in the journalistic field, this project has been developed with the intent to understand, through standards, what happens on telejournalism's sporting scope. The focus of the research is the case of tennis, a sport that has had great prominence in Brazil and now faces an off-season – much more in the press than in the high performance sport itself. In-depth interviews were conducted with selected sources as academic method. As a product of the monographic research, a documentary was developed, focusing on presenting the deplorable situation of the public tennis courts in the country. With the presentation of a social project and the opinion of the interviewed sources, the debate was launched on the directions of the sport and the media in the future.

Keywords: Sports Journalism. Television. Tennis. Public Policies. Documentary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 – PRÁTICAS ESPORTIVAS NO BRASIL, SEGUNDO IPSOS MARPLAN.....	27
GRÁFICO 2 – PRÁTICAS ESPORTIVAS NO BRASIL, SEGUNDO DELOITTE.....	28

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – FORMAS DE JOGO, SEGUNDO CAILLOIS (1990).....	16
TABELA 2 – CATEGORIAS DE ESPORTES DE MICHEL BOUET (1995).....	19
TABELA 3 – CATEGORIAS DE ESPORTES DE MANOEL TUBINO (1999) ...	19
TABELA 4 – CARACTERÍSTICAS DO ESPORTE DA MÍDIA NO BRASIL, SEGUNDO BETTI (2002).....	36

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2.ESPORTE E SOCIEDADE	14
2.1 DEFINIÇÃO DE ESPORTE.....	14
2.2 OS FATORES SOCIAIS DO ESPORTE	20
2.3 O ESPORTE NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	24
2.4 ESPORTE, POLÍTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS	28
2.5 O ESPORTE COMO CULTURA DE MASSA E ESPETÁCULO.....	33
2.6 O ESPORTE COMO PRODUTO DE MÍDIA	35
2.7 O TÊNIS.....	37
2.7.1 Breve história da modalidade	37
2.7.2 Contexto Atual.....	39
2.7.3 O Tênis na Televisão.....	41
2.7.4 A Questão das Quadras Públicas no Brasil.....	42
3.JORNALISMO E JORNALISMO ESPORTIVO	44
3.1 DEFINIÇÃO DE JORNALISMO E SUA FUNÇÃO SOCIAL.....	44
3.2 O JORNALISMO APLICADO AO ESPORTE E SEU PAPEL.....	50
3.3 JORNALISMO X ENTRETENIMENTO	54
3.4 JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO – MÉTODOS, PRÁTICAS E PRODUTOS.....	56
3.5 A COBERTURA DE FUTEBOL.....	65
3.6 A COBERTURA DO TÊNIS – DA ÉPOCA DE GUGA AOS DIAS DE HOJE.....	68
4.A ANÁLISE.....	72
4.1 PESQUISA QUALITATIVA – ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE	72
4.1.1 Sobre o método.....	72
4.1.2 Modelo de entrevista aplicado	74
4.2 ENTREVISTADOS E CRITÉRIO DE ESCOLHA.....	75
4.3 DESCRIÇÃO DO PROCESSO	76
4.4 ANÁLISE DO RESULTADO.....	77
5.A NARRATIVA DOCUMENTAL.....	93
5.1 DEFINIÇÃO.....	93

5.2 POR QUE UM DOCUMENTÁRIO?	96
5.3 A PRODUÇÃO	98
5.4 ROTEIRO	99
5.5 ANÁLISE DO PRODUTO FINAL	99
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICES	111
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO	112
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO	113
ANEXOS	124

1. INTRODUÇÃO

Assistir a esportes na televisão é ter plena consciência de que você pode ser tratado de forma respeitosa, como um telespectador crítico, ou de maneira hostil, como alguém que não tem capacidade de diferenciar conteúdo sério de gracejos infames. O uso de critérios diversos na produção jornalística de esportes foi o principal motivador desta pesquisa, cujo tema surgiu depois da observação de padrões “*curiosos*” da cobertura esportiva.

O casal de namorados na arquibancada é mais importante que o próprio jogo. A celebridade que estava presente no ginásio tem mais relevância que a criança que nunca pôde assistir a uma modalidade ao vivo. Estigmas sociais e preconceituosos são reafirmados por matérias pouco aprofundadas. Números que afetam aos torcedores se restringem a noticiários gerais e não fazem parte da pauta esportiva. A lista, embora não incomode a todos os telespectadores, é notável por aqueles que têm como hábito ver conteúdo esportivo na TV. Para aqueles espectadores apaixonados por esportes e pelo verdadeiro jornalismo, o resultado nem sempre é agradável.

Como é possível perceber, a preferência jornalística por amenidades quando o assunto “esporte” é tratado na televisão, despertou interesse para que a pesquisa fosse realizada. Mais do que isso: o entendimento empírico de que o esporte “pode ser” muito mais do que é mostrado na TV foi o que norteou a escolha do objeto de estudo.

Quando falava sobre “o que é esporte”, Barthes (2009) disse que esporte é “se comunicar”. A afirmação não poderia ser mais adequada para se encaixar num trabalho de conclusão de curso que trata, justamente, dos dois assuntos. Embora haja recorrência de estudos acadêmicos sobre esportes, poucos se desafiam a sair do senso comum do futebol. As pesquisas acadêmicas sobre o tema, assim como o próprio esporte na televisão, são tratadas de forma secundária.

A proposta desta pesquisa, então, é analisar qual a relação do telejornalismo esportivo com a criação de políticas públicas para o esporte, no sentido de observar a função social do profissional de imprensa. Será que o telejornalismo de esportes

influencia a vida da sociedade? Apesar de tratar do assunto de maneira geral, um caso específico foi escolhido como base: o tênis.

A modalidade, no Brasil, já teve nomes de grande destaque. Maria Esther Bueno e Gustavo Kuerten são constantemente citados na galeria de ídolos do esporte nacional. A grande questão – e que, além da estima pessoal, chamou a atenção para o problema – é que, mesmo com o incentivo de grandes campeões, o tênis nunca conseguiu papel de destaque, seja na popularização da prática ou na cobertura diferenciada. A escolha pelo assunto se deu na tentativa de promover um debate particularizado da modalidade.

A primeira unidade do trabalho consiste em uma apresentação, baseada em pesquisa bibliográfica, daquilo que é o esporte, com tratamento especial para o tênis. A unidade seguinte discorre sobre o que é jornalismo, especificamente na televisão. Nestas duas categorias, são propostos algumas teses que vão guiar a pesquisa metodológica.

Mais do que apenas colocar citações e trabalhar com discursos importantes, a intenção da pesquisa bibliográfica sobre esporte e sobre jornalismo é apresentar pontos que, talvez, possam ser desconhecidos para muitos jornalistas que lidam com o assunto. Ainda sobre isso, o sentido do extenso texto teórico é apontar fundamentos que são esquecidos no decorrer da prática jornalística e que são essenciais para o profissional.

Segundo Arbex (2001), quando alguém se dispõe a assumir uma postura crítica em relação ao conteúdo midiático e à cultura, é obrigatório que esta pessoa tenha em mente que ela mesma, como participante do mundo, é portadora de preconceitos e percepções. O esporte, nesse caso, também é um elemento cultural. Logo, as hipóteses levantadas pela pesquisa levaram em conta que tudo o que foi pressuposto poderia ser negado pelo resultado final.

Em seguida, a unidade de análise metodológica apresenta a forma da pesquisa: as entrevistas em profundidades com fontes selecionadas, que darão voz ou mostrarão desconhecimento em relação aos problemas previamente apontados. A ideia era entender como os entrevistados, qualificados de acordo com suas relações com a mídia e com o esporte, observam a própria imprensa. A análise dos

resultados apresenta o conjunto de informações coletadas, bem como pontos da pesquisa que foram reafirmados e rebatidos.

Por fim, a última unidade trata da narrativa documental. Além da monografia, um documentário relacionado ao tema compõe a pesquisa. A intenção de colocar em imagens o problema da falta de incentivo ao esporte no Brasil resultou na elaboração desse produto. Sob a perspectiva das quadras públicas de tênis, a discussão principal do filme é chamar a atenção para o fato de que a modalidade – assim como várias outras – não recebe o devido cuidado. O papel do jornalismo – o assunto central da monografia – ainda é colocado pelas vozes do documentário de forma breve.

O formato documental foi escolhido pela possibilidade de abordar o assunto em um tipo diferente de mídia, algo que é constantemente exigido na faculdade de Jornalismo. A abertura de diálogo com o público que pode ser proporcionada pelo trabalho com as imagens motivou a filmagem.

Através da história do projeto “Jogue Tênis”, o debate sobre a condição precária de espaços públicos destinados para a prática esportiva foi colocado em jogo. A iniciativa, que começou no interior do Paraná e hoje é apoiada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, junto com seus personagens, é a protagonista da história. O documentário também dá voz aos entrevistados da monografia.

Diante de dilemas sobre o esporte e sobre o próprio jornalismo, a pesquisa foi construída com a intenção de somar à academia um trabalho relevante sobre um assunto pouco explorado. Com a expectativa de um bom produto final, o documentário veio para complementar o que foi falado pelo texto.

2. ESPORTE E SOCIEDADE

2.1 DEFINIÇÃO DE ESPORTE

A melhor maneira de começar a definição do termo *esporte* é entender o que *jogar* significa para a espécie humana. O lúdico (ou *jogo*, de acordo com a tradução livre) é uma das partes componentes do ser humano. A maior parte dos estudos acadêmicos que envolve o esporte utiliza os conceitos de Johan Huizinga (2000) como ponto de partida para qualquer conceito (SPORTS... 2013).

Para Huizinga (2000), o lúdico é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Segundo o autor, a ideia de lúdico, que abrange o prazer do divertimento, é parte inata do ser humano e perpassa as características humanas. Huizinga (2000) acredita que, assim como o homem recebeu a classificação de *Homo sapiens*, por ser racional, e *Homo faber*, por produzir objetos, deveria levar a alcunha de *Homo ludens*, por ser o lúdico um fator distinto e presente em tudo o que acontece no mundo.

De acordo com Huizinga (2000), o lúdico é uma ação livre, vivida como fictícia e situada para além da vida corrente, capaz, contudo, de absorver completamente o jogador. É uma ação destituída de todo e qualquer interesse material e de toda e qualquer utilidade. Para definir melhor, o termo “jogo” une as concepções de limite, liberdade e invenção. Caillois (1990) explica:

Todo jogo é um sistema de regras que definem o que é e o que não é do jogo, ou seja, o permitido e o proibido. Estas convenções são simultaneamente arbitrárias, imperativas e inapeláveis. Não podem ser violadas sob nenhum pretexto, pois, se assim for, o jogo acaba imediatamente e é destruído por esse fato (CAILLOIS, 1990, p. 11).

O jogo é uma atividade de luxo que supõe o ócio – é um benefício de quem pode. Essa ideia de privilégio é melhor explicada pelo autor com a frase “quem tem fome não joga”. A definição, inclusive, fundamenta o conceito do esporte moderno iniciado na burguesia e aristocracia inglesas do século XIX, que será visto mais a frente. O lúdico se baseia no prazer de vencer o obstáculo, mas um obstáculo arbitrário, quase fictício, feito à medida do jogador e por ele aceito (CAILLOIS, 1990).

Segundo Caillois (1990), em sua definição de jogo, o mesmo deve caracterizar uma ação livre e voluntária que proporciona alegria e diversão. Se existe, de alguma forma, coerção para a participação, o ato deixa de ser lúdico. Para

o autor, se o jogo fosse uma obrigação, o indivíduo iria querer se libertar rapidamente dele (CAILLOIS, 1990).

Antes de partir para a definição do esporte, é preciso entender como o jogo é fundamentado. Existem seis características que definem o jogo. A primeira é a de que é uma atividade livre, que perde o sentido da diversão quando há obrigatoriedade. Depois, de que é uma ação delimitada, que está restrito a espaço e tempo; também é uma atividade incerta, já que é impossível de prever seus resultados. A quarta característica do lúdico é a improdutividade, ou seja, não produz bens materiais e não gera riquezas; faz com que os oponentes deixem o jogo da mesma forma como entraram nele. A quinta característica é a de que o lúdico consiste em um ato regulamentado, que está sob o comando de convenções. Por fim, a última característica é de atividade fictícia, já que o jogo obedece a uma realidade paralela à real. Depois de estabelecer esses critérios de definição, Caillois (1990) também postulou as formas de jogo do ser humano em categorias fundamentais, que são quatro: *agôn*, *alea*, *mimicry* e *illinx* (CAILLOIS, 1990).

Agôn é originário do termo grego e significa “competição”. A maioria dos esportes se encaixa nesta definição de lúdico. Quando os adversários são colocados em situação de igualdade para o combate, é criada uma situação de *agôn*. *Alea* se refere à “sorte” e é o nome do jogo de dados em latim. Está relacionado aos jogos de azar e, de forma contrária ao *agôn*, renega o esforço do treinamento e da habilidade. O conceito de *mimicry*, que vem do inglês e significa “mimetismo”, envolve o teatro, a imaginação e a criatividade. *Mimicry* não está excluída de *agôn*, visto que as competições esportivas, com todas as formalidades, também formam um simulacro. A identificação do público com o campeão em um torneio, por exemplo, é, também, um *mimicry* dentro de um *agôn*. Por fim, a última categoria é a de *illinx*, que envolve a busca pela vertigem, como nos esportes radicais. *Illinx* também pode ser complementado por *agôn*, em competições de alto rendimento de esportes radicais, por exemplo (CAILLOIS, 1990).

Para completar o conceito de categorias fundamentais do jogo, Caillois (1990) classifica as ações em *paidia* e *ludus*. Para o autor, *paidia* define o jogo com liberdade, alegria e improvisação. São manifestações amadoras dos jogos e a definição é inspirada no jogo infantil, que não pretende estabelecer nomes e padrões. O conceito de *ludus* se aproxima do que conhecemos do esporte e, segundo Caillois (1990), é uma intenção quase civilizadora de *paidia*. A tabela

apresentada pelo autor ajuda a compreender a ideia das categorias fundamentais como um todo.

TABELA 1 – Formas de jogo, segundo Caillois (1990)

	AGÔN (Competição)	ALEA (Sorte)	MIMICRY (Simulacro)	ILLINX (Vertigem)
<p>PAIDIA Algazarra Agitação Risada</p> <p>↑</p> <p>Papagaio <<solitário>> Paciências Palavras Cruzadas LUDUS</p> <p>↓</p>	<p>Corridas } Lutas } NÃO Atletismo } REGU- LAMENTADAS</p> <p>Boxe } Esgrima } Futebol } Damas Competições } Xadrez desportivas em } geral }</p>	<p>Lengalengas Cara ou coroa Apostas Roletas Loterias simples, compostas ou transferidas</p>	<p>Imitações infantis Ilusionismo Bonecas, brinquedos Máscara Disfarce Teatro Artes do espetáculo em geral</p>	<p>Piruetas infantis Carrossel Balança Valsa Volador Atrações das feiras Ski Alpinismo Acrobacias</p>
N.B. – Em cada coluna vertical os jogos são classificados aproximadamente numa ordem tal que o elemento <i>paidia</i> é sempre decrescente e o elemento <i>ludus</i> é sempre crescente.				

Fonte: CAILLOIS, 1990.

A relação de jogo com o esporte moderno traz a tona a discussão sobre a ideologia do esporte em si, como diz Rowe (2004). Para Alabarces (1998), o esporte também é um jogo e, embora em larga escala tenha passado pelo processo de mercantilização – o que lhe tiraria algumas características básicas de jogo, segundo Huizinga (2000) e Caillois (1990) – ainda mantém um sentido em que conserva a vertente lúdica. Rowe (2004) afirma:

(...) being an amateur (derived directly from the French word for lover) was to adhere to higher values of selfless devotion to the sport, fellow team members and competitors. Indeed, the ethos of sport they were promoting explicitly opposed the 'unworthy' practice of 'playing for pay' or of constructing entire sports (like prize fighting) around gambling and moneymaking. (...) 'Pure' amateurism in sport, if it ever existed, quickly died (...) (ROWE, 2004, p. 17).¹

Aos conceitos *Homo*, é possível acrescentar o *Homo sportivus*, datado do início do século XX, bem quando as manifestações de esporte moderno começaram a surgir nas atuais conjunturas. A responsabilidade dos diversos segmentos em relação ao esporte aumenta quando se admite que o *Homo sportivus* é um fato (TUBINO, 1999).

¹ (...) ser um amador (derivado diretamente da palavra francesa para amante) era aderir aos mais altos valores de devoção altruísta ao esporte, colegas de equipe e competidores. Na verdade, o ethos do esporte que eles estavam promovendo era explicitamente contrário à prática 'indigna' de 'jogar por dinheiro' ou à construção de modalidades inteiras entorno das apostas e do ganhar dinheiro (como prêmios de luta). (...) Amadorismo "puro" no esporte, se alguma vez existiu, morreu rapidamente (...) (ROWE, 2004, p. 17).

Ademais, Tubino (1999) insiste na relação entre jogo e esporte, combatida por alguns autores. Segundo ele, é impossível entender o esporte sem que o jogo, o lúdico faça parte do mesmo conceito:

Na esteira dessa notável percepção, posso afirmar que, para entender a origem do esporte, é fundamental vinculá-lo ao jogo. A história do esporte será invariavelmente a história dos jogos. As próprias definições de esporte passam pelo jogo, o que demonstra de forma inequívoca que é o jogo que faz o vínculo entre a cultura e o esporte. Alguns autores chegam a definir o esporte como a antítese do jogo, enquanto outros defendem que o esporte é o jogo institucionalizado, o jogo regulado por códigos e regras e comandado por entidades dirigentes, como as federações (TUBINO, 1999, p. 12).

O termo “*sport*” surgiu para definir os jogos e atividades esportivas da Inglaterra do século XIX. Embora a prática de exercícios conste, por exemplo, nos registros dos primórdios da Grécia antiga, a palavra foi criada para enquadrar os passatempos aristocráticos britânicos. Segundo Elias e Dunning (1992), a baixa abrangência do termo em meados de 1800 fez com que um escritor alemão dissesse que “*sport* é tão intraduzível quanto *gentleman*”, numa referência às dificuldades do vernáculo germânico. A difusão dos esportes da Inglaterra fez com que outros idiomas adaptassem o uso da palavra, como foi o caso do francês *desport* e do próprio alemão *sport*.

Hoje em dia, o termo é utilizado para definir uma série de classes de jogos de competição. Para Elias e Dunning (1992), o emprego da palavra esporte pode adquirir sentidos diversos, de acordo com o contexto:

Cuando hablamos de <<deporte>>, en cambio, aún utilizamos el término indiscriminadamente, tanto en sentido lato, en el cual se refiere a los juegos y ejercicios físicos de todas las sociedades, como en sentido estricto, que entonces denota los juegos de competición en particular que, como la palabra misma, se originaron en Inglaterra y pasaron de allí a otras sociedades (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 161).²

O esporte foi introduzido na cultura britânica através de Thomas Arnold, educador e historiador inglês que incluiu na grade escolar do Colégio Rugby, na Inglaterra, a prática esportiva da burguesia e da aristocracia. O conceito deu certo e saiu dos muros do colégio para conquistar o povo. Arnold encontrava no esporte três pontos principais: é um jogo, é uma competição e é uma formação. Inspirado por Darwin e superando Platão, Arnold acreditava que o corpo era “um meio para a moralidade, definindo o esporte como um auxiliar do corpo”. Quem se inspirou no

² Quando falamos de <<esporte>>, em contrapartida, ainda utilizamos o termo indiscriminadamente, tanto no sentido amplo, no qual se referem aos jogos e exercícios físicos de todas as sociedades, como no sentido estrito, que então denota os jogos de competição em particular que, como diz a própria palavra, se originaram na Inglaterra e passaram dali para outras sociedades (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 161).

modelo inglês foi o pai dos Jogos Olímpicos, Pierre de Coubertin, que enxergou no esporte uma possibilidade de união entre as nações (TUBINO, 1999).

Alabarces (2009) definiu o esporte como uma invenção da modernidade europeia. Na Inglaterra do século XIX, o esporte se desenvolveu como um passatempo das classes com tempo livre – um privilégio, no caso – e também como um instrumento de disciplina para o corpo e de preparação para a guerra.

A difusão dessa concepção britânica de esporte foi simultânea à construção dos grandes mercados mundiais e também dos impérios coloniais. Prerrogativa da elite, apenas depois de reformas nos regimes trabalhistas, em meados do século XX, foi que o esporte chegou às classes populares. Para Alabarces (2009), existem sete características que definem os esportes modernos:

1. Secularismo, como opuesto a la relación de los juegos antiguos con los rituales religiosos;
2. Igualdad, el establecimiento de reglas que equiparen a los contendientes;
3. Burocratización, la invención de instituciones reguladoras;
4. Especialización, la concentración de los practicantes en una sola especialidad;
5. Racionalización, la introducción de técnicas específicas de entrenamiento y tácticas;
6. Cuantificación, la introducción de mediciones, archivo y estadísticas;
7. Obsesión con los récords, en tanto la cuantificación permite establecer continuamente barreras a ser superadas (ALABARCES, 2009, p. 3).³

Esses pontos diferenciam os esportes modernos das formas arcaicas de competências físicas (como na Grécia Antiga), impedindo, assim, as manifestações primárias de serem chamadas de “esportes” (SPORTS... 2013). As características dos esportes modernos, de secularização, especialização, burocracia, racionalização e recordes excluem modalidades que também não se adequam a esses quesitos. Ainda existem outros critérios para que uma modalidade seja caracterizada como esporte, partindo do pressuposto esportivo de Thomas Arnold: tem que ser competitivo; deve ser organizado (com regras e padrões, além das associações e confederações) e tem que envolver o físico (diferente dos jogos da mente, como o xadrez). Essa definição de que jogos mentais não são modalidades esportivas começou a ser superada depois de 1978, quando a Unesco publicou a

³ 1. Secularismo, o contrário da relação de jogos antigos com rituais religiosos;

2. Igualdade, o estabelecimento de regras para equiparar os concorrentes;

3. Burocracia, a invenção das instituições reguladoras;

4. Especialização, concentração de profissionais em uma única modalidade;

5. Racionalização, a introdução de técnicas e táticas de formação específica;

6. Quantificação, a introdução de medidas, arquivos e estatísticas;

7. Obsessão com recordes, a quantificação contínua das barreiras a serem superadas (ALABARCES, 2009, p. 3).

Carta Internacional de Educação Física e Esporte, que diz em seu primeiro artigo que o esporte é um direito de todos (ALABARCES, 2009).

Uma das classificações mais antigas de esportes é a de Bouet (1995), que definiu cinco classes esportivas: os esportes de combate (“les sports de combat” – as lutas), os esportes com bola (“les sports de balle” – futebol, vôlei, tênis, basquete), os esportes de atletismo (“les sports athlétiques”), os esportes ao ar livre (“les sports de nature” – como o alpinismo) e os esportes motorizados (“les sports mécaniques” – automobilismo). O esporte pode ser uma atividade saudável com a intenção de suprir as necessidades motoras daquele que o pratica. Além disso, é um promotor de realização pessoal, já que afirma o “eu”, e uma contrapartida ao mundo profissional estressante. O esportista, contudo, apresenta características diferentes. A necessidade do pertencimento a um grupo, o desejo de ser um campeão e a atração pelo risco e pela aventura são pontos fundamentais do esporte (BOUET, 1995).

TABELA 2 – Categorias de esportes de Michel Bouet (1995)

CATEGORIA	EXEMPLOS
<i>Les sports de combat</i>	Lutas, artes marciais
<i>Les sports de balle</i>	Futebol, vôlei, tênis, basquete
<i>Les sports athlétiques</i>	Ginástica, competições de atletismo
<i>Les sports de nature</i>	Alpinismo, <i>trekking</i>
<i>Les sports mécaniques</i>	Automobilismo

Tubino (1999) desenvolveu uma classificação mais ampla e recente de esportes. A primeira categoria é a de “esportes olímpicos”, que não necessariamente inclui todas as modalidades disputadas no evento quadrienal, mas aquelas que estão há muito tempo na grade dos Jogos Olímpicos, como o basquete, o vôlei, o atletismo, a natação e a ginástica. A segunda categoria é a de “esportes de tradição não-olímpica”, ou seja, aqueles que têm disputas mais importantes que os Jogos Olímpicos, como é o caso do futebol e do tênis. A terceira categoria é a de artes marciais e a quarta a de “esportes-aventura ou de desafio”. A quinta categoria abrange os “esportes de relação com a natureza”, enquanto a sexta é a de “esportes intelectivos”, como os jogos mentais. A sétima categoria é a de “esportes de identidade cultural”, que abrange as modalidades que têm uma relação intrínseca com a cultura de uma nação. Por último, o autor coloca os “esportes de expressão corporal”, como as competições de dança e a patinação artística.

TABELA 3 – Categorias de esportes de Manoel Tubino (1999)

CATEGORIA	EXEMPLOS
Esportes olímpicos	Vôlei, basquete, atletismo, natação
Esportes de tradição não-olímpica	Futebol, tênis, beisebol
Artes marciais	Judô, caratê, tae kwondo
Esportes-aventura ou de desafio	Triatlos, ralis, combinados, automobilismo
Esportes de relação com a natureza	Surfe, voo livre, skate
Esportes intelectivos	Xadrez, bilhar, aeromodelismo
Esportes de identidade cultural	Sumô (Japão), Capoeira e Futvôlei (Brasil)
Esportes de expressão corporal	Dança, patinação artística, ginástica solo

De todas as definições dadas ao esporte, a ligação dele com o cumprimento de regras e com a disciplina é um fator quase que unânime. Segundo Marques (2011), o conceito de esporte que se sustenta hoje nasceu ligado ao mercantilismo capitalista, que passou a orientar o mundo ocidental desde o século passado. Marques (2011) questiona a refutação de Huizinga (2000) de que o jogo, em essência, tenha sido suprimido do esporte, ainda mais pela popularidade que as modalidades e as práticas esportivas continuam a ter.

A empresa de pesquisa e de inteligência de mercado Ipsos Marplan desenvolveu uma pesquisa, em 2006, sobre o perfil esportivo do brasileiro⁴. O trabalho fez um levantamento de mais de 140 modalidades que podem ser consideradas como esportes, agrupando jogos e atividades lúdicas também. De acordo com a pesquisa, oito modalidades foram inventadas no Brasil. A pesquisa constatou, contudo, que somente 58 modalidades são reconhecidas pelo Ministério do Esporte, pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como esporte.

Ao tratar sobre *esporte*, a ideia de jogo, apropriada de Huizinga (2000) e Caillois (1990), e a definição que engloba o lúdico e o espetáculo, de Tubino (1999), serão utilizadas como base para esta pesquisa.

2.2 OS FATORES SOCIAIS DO ESPORTE

⁴ MARPLAN, Ipsos. **Dossiê Esporte**. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4018794.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.

Murad (2007) considera o esporte como um “fato social total”. Segundo o autor, baseado em Marcel Mauss, o fato social total se define “como aqueles fenômenos complexos, pelos quais o conjunto das instituições se exprime e todo social pode ser observado”. Como o conceito do fato social total também pode ser encontrado em Émile Durkheim, Murad (2007) reitera a importância de pontuar o esporte dentro desta categoria. Além disso, o autor aponta a essência do estudo social do esporte:

Enquanto objeto de pesquisa da sociologia, o lúdico e também o esporte são considerados, hoje, imprescindíveis para o entendimento da totalidade social. O esporte, que é o lúdico cultural e socialmente organizado, regulamentado e institucionalizado, com sua lógica interna e externa, constitui parte integrante da dinâmica das sociedades. Historicamente, parece não haver registros documentais que comprovem a existência de qualquer organização social que não tenha praticado com empenho, motivação e destaque senão alguma modalidade, ao menos os fundamentos últimos do esporte, em pelo menos uma de suas atividades de relevo (MURAD, 2007, p. 16).

O fato social é definido por três características. A primeira delas é a coercitividade, ou seja, é um padrão cultural tão intrínseco à sociedade que é quase obrigatório aos indivíduos cumprir a ordem. A outra característica do fato social é a exterioridade: são fatos que vão além do controle do indivíduo e são externos a sua consciência. Por fim, a generalidade, que é a característica do fato social ser feito para o coletivo e não para o indivíduo. Ao olhar para o esporte, é possível ver que ele cumpre todos esses quesitos para ser classificado como um fato social (DURKHEIM, 2014).

Numa definição mais ampla, a história do esporte é íntima da cultura humana, pois por meio dela se compreendem épocas e povos, já que cada período histórico tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete. O esporte está inserido na cultura pela possibilidade que ele oferece de interpretação da sociedade através da prática esportiva (TUBINO, 1999). As diferentes categorias de jogo – o *agôn* (por definição), a *alea*, o *mimicry* e o *illinx* – pressupõem a companhia e não a solidão (CAILLOIS, 1990). Os jogos são, portanto, uma extensão da sociedade. Para Bourdieu (*apud* Bueno, 2008), o campo esportivo reflete de forma sem igual a dinâmica, o padrão e a reprodução das relações sociais.

Os processos de popularização do esporte possibilitaram que as modalidades se tornassem categorias de equivalência social. O conceito de igualdade no esporte moderno envolve uma predominância do imaginário democrático esportivo, com a ideia de que somente o mérito pode garantir o êxito.

Tal espaço democrático de ascensão social caracteriza um espaço único, impossível de ser encontrado no mundo sociopolítico do capitalismo, por exemplo. O esporte proporciona a possibilidade de o débil vencer o poderoso; é um espaço em que o pobre pode ascender socialmente com as armas que tem: habilidade corporal, esforço e astúcia.

Outro fator que permitiu o esporte assumir esse papel fundamental de promotor de melhorias na sociedade foi a profissionalização (ALABARCES, 2009). O esporte deixou de ser exclusividade dos ricos, como pressupunha Caillois (1990), para ser essencial como um espaço de incorporação das classes populares. A profissionalização do esporte e a consequente rentabilidade das modalidades também foram fatores que proporcionaram sua expansão na mídia, assunto que será tratado mais à frente. De qualquer forma, é preciso ter em mente que os importantes aspectos econômicos do esporte moderno não devem ocultar as dimensões políticas e culturais que iluminam o esporte e o tornam comercializável em primeiro lugar (ROWE, 2004).

Para Alabarces (2009), por exemplo, o esporte latino-americano é hoje um importante elemento de socialização; é a primeira alfabetização de milhões de crianças, que têm mais facilidade para soletrar o nome de “Ronaldo do que Tiradentes”. Além disso, todas as culturas têm seus próprios jogos. Segundo Callois (1958), o jogo não é simplesmente uma distração individual, mas constitui uma vocação social, característica fundamental do esporte moderno.

Na visão da Unesco (2014), o esporte é um direito humano inalienável. Além disso, deve ser considerado sempre da forma mais universal e democrática possível – proporcionada para todos. Nesse quesito, a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte foi um marco não apenas na reformulação dos conceitos de esporte moderno, como também na reafirmação da inclusão social através dessa ferramenta. O esporte é um instrumento que permite a autodescoberta, o aumento da autoconfiança e da autoestima, mas é também um meio poderoso de mobilização, ao reunir pessoas de diferentes crenças, culturas e origens étnico-raciais (UNESCO, 2014).

Como um fato social total, o esporte é encontrado nas mais diversas sociedades. De qualquer forma, existem fatores sociodemográficos que são determinantes para o desenvolvimento de determinadas modalidades em certas regiões. O primeiro desses critérios é o dinheiro. O poder aquisitivo tem um papel

central na decisão de qual tipo de pessoa joga o quê. O polo e o iate, por exemplo, são esportes praticados pela elite, enquanto o futebol e basquete, em contrapartida, são mais acessíveis e têm maior abrangência de público e de classes sociais. O segundo fator é a cultura. Em alguns países, o esporte está diretamente relacionado com a identidade das pessoas (como no Brasil, com o futebol, e o beisebol na República Dominicana). O último fator sociodemográfico determinante para a evolução das modalidades – e o mais importante para esta pesquisa – é o papel do governo como promotor do esporte. Inclusive, esse se tornou um dos principais dilemas do esporte moderno. Um grande exemplo da falta de investimento público para o desenvolvimento do esporte é o caso da Índia. O país asiático tem quase um bilhão de habitantes, mas nunca produziu atletas de alto rendimento em nível global, porque isso nunca foi uma prioridade para o governo. Quando o Estado promove políticas que focam em um ou dois esportes, a consequência direta é o bom desempenho na modalidade.

Um caso clássico da promoção de esporte pelo governo é o da China e do tênis de mesa. Em meados de 1950, Mao Tse-Tung decretou que o tênis de mesa seria o esporte principal do país. Para o grande líder, era o esporte perfeito para a China: econômico e divertido. Até hoje os grandes tenistas de mesa são de origem chinesa. Os fatores sociodemográficos do esporte podem mudar o curso de uma modalidade em determinado país, justamente porque o esporte está muito mais relacionado a esses três fatores do que a aspectos biológicos (SPORTS... 2013).

O atual mapa de onde os esportes são jogados ao redor do mundo diz muito sobre a história do colonialismo. Aliás, o panorama de fecundidade cultural dos jogos é impressionante. É possível ver o destino de culturas a partir dos jogos praticados em determinadas sociedades. Segundo Caillois (1990), dar preferência ao *agôn*, *alea*, *mimicry* ou *illinx* é interferir, inclusive, no futuro de uma civilização (SPORTS... 2013).

Em relação ao papel social do esporte no que diz respeito aos elementos culturais, Pierre de Coubertin, o fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna, afirmava que o esporte dá às pessoas a sensação de pertencimento – o que pode ser traduzido como nacionalismo. Os esportes sempre estiveram conectados com a ideia de nacionalismo, seja ele de forma saudável ou de maneira extremada. Inúmeros são os possíveis exemplos do nacionalismo que o esporte cria: seja como no caso do Fútbol Club Barcelona, que reforça as ideias separatistas, ou como o

Estrela Vermelha, clube de futebol da Sérvia, em que os torcedores tratam os rivais como inimigos mortais. É válido ressaltar que esse nacionalismo característico do esporte é, inclusive, a chave do sucesso dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de futebol – o princípio de competição como nação (SPORTS... 2013).

Para Bourdieu (2003), uma das tarefas da história social do esporte é legitimar a ciência social esportiva como um objeto científico à parte. O *ethos* criado em torno do esporte – como os “ideais morais” atribuídos a Pierre de Coubertin – também favorecem a criação desse campo. O autor ainda afirma que o esporte é um fenômeno social visto, com facilidade, como “óbvio”, mas que o campo esportivo abrange práticas sociais inteiramente particulares.

2.3 O ESPORTE NO CONTEXTO BRASILEIRO

A partir dos conceitos elencados de esporte moderno, existem poucos registros do período colonial da prática de atividades físicas. Segundo pesquisas de Marinho (*apud* Bueno, 2008), os indígenas tupiniquins usavam arco e flecha, praticavam natação e canoagem, além das marchas, equitação e cavalgadas dos colonizadores portugueses e holandeses.

Na época imperial, foram introduzidas práticas esportivas nas escolas militares, como a natação, a esgrima e o tiro ao alvo. O remo também foi difundido no período e compôs a base esportiva das associações no Brasil. A capoeira, outra prática esportiva comum no Império, chegou ao país por meio dos escravos e se desenvolveu à margem da sociedade. A ginástica chegou ao sul do país em meados de 1820, através da imigração alemã. No que diz respeito à ação do Estado, o período registrou poucas mudanças. A ação mais importante foi a Lei de n.º 630 de 1851 que colocou a ginástica dentro da grade escolar (BUENO, 2008).

De acordo com Herold Junior (*apud* Bueno, 2008), no início do século XX, era discutida a função pedagógica das atividades físicas. Da mesma forma como ocorria em outros países, o esporte era visto como um meio de reunir a nação pela ideia do progresso idealizado pelos republicanos. Esse grupo valorizava o liberalismo e a iniciativa individual, características entendidas como integrantes do esporte.

Nesse contexto de debates, as modalidades europeias encontraram espaço entre as elites brasileiras. Assim, no final do século XIX, as modalidades

desenvolvidas na Inglaterra chegaram a terras tupiniquins – fato que também foi influenciado pela posterior vinda da Associação Cristã de Moços para o Rio de Janeiro, em 1893 (BUENO, 2008).

O futebol, que viria a se tornar o esporte mais popular do país (ao contrário do que pregava Graciliano Ramos⁵), chegou ao Brasil em 1894. Não se sabe ao certo se a bola veio com Charles Miller, ou antes, com o escocês Thomas Donohoe, mas é fato que o inglês é apontado como o pai da modalidade no país. Ainda existe a possibilidade de o futebol ser um “filho bastardo” de marinheiros europeus que, com a revolução industrial, foram espalhados pelo mundo milhares de britânicos praticantes da modalidade (ROSSI; MENDES JÚNIOR, 2014).

A verdade é que até o final da década de 20 as modalidades mais desenvolvidas no Brasil foram o remo e o futebol. A criação de diversos clubes de remo no Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis e Porto Alegre favoreceu a modalidade. O Brasil começou a aparecer em competições internacionais no início do século XX, principalmente em torneios de futebol, o que reforçou a expansão da modalidade no país (BUENO, 2008).

A história institucional do esporte no Brasil teve início no Estado Novo. Em 1937, por intermédio da Lei nº 378 de 13/03/37, foi criada a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura (MEC) (ESPORTE, 2014).

Durante a Ditadura Militar, o esporte se desenvolveu de forma comedida e regrada pelo regime. A Educação Física passou a ser matéria básica em todos os níveis de ensino – inclusive nas universidades. A ideia de que mulheres fortes gerariam filhos aptos e saudáveis para a nação estava relacionada ao patriotismo que o sistema queria perpetuar. A prática de algumas modalidades também ficou restrita aos homens no período. Em 1970, a Divisão de Educação Física do MEC foi transformada em Departamento de Educação Física e Desportos e, em 1978, ainda debaixo do regime ditatorial, tal departamento transformado em Secretaria de Educação Física e Desporto (CASTELLANI FILHO, 1988). Somente em 1990 o órgão foi desvinculado do MEC e nomeado como Secretaria de Desportos da Presidência da República. No segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, depois da criação do Ministério Extraordinário do Esporte, foi oficializado o Ministério

⁵ GLOBO, O. **A rasteira de Graciliano Ramos no futebol**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/01/12/a-rasteira-de-graciliano-ramos-no-futebol-481961.asp>>. Acesso em: 18 maio 2014.

do Esporte e Turismo, em 1998. Em 2003, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva separou as duas pastas. Atualmente, quem ocupa o cargo de Ministro do Esporte é Aldo Rebelo (ESPORTE, 2014).

A preferência dos brasileiros por esportes com bola, movimento e participação coletiva é histórica. O grande público comprova o interesse. Além do futebol – que, inclusive, foi favorecido pelo que Eduardo Galeano chama de *tropicalización del fútbol*, no conceito do esporte como fator transcultural – o vôlei alcançou um patamar importante no país (SPORTS... 2013). Esportes como o futebol de salão e o handebol também têm grande destaque nas escolas brasileiras (BNDES, 1997).

O desenvolvimento das modalidades pós-ditadura foi influenciado também pela transmissão televisiva. Embora a atenção máxima do Brasil ainda esteja voltada para o futebol, principalmente no que diz respeito à mídia, o acesso à informação proporcionou ao cidadão a experiência com novas modalidades. O caso recente do futebol americano é uma prova disso. A modalidade, que alcançou o público na TV paga⁶, tem conquistado cada vez mais adeptos, seja na assistência ou na prática física, ainda de forma amadora.

A identificação do público com um atleta⁷ também foi uma das causas de expansão de algumas modalidades no Brasil. O tênis é um exemplo clássico disso, com os expoentes Maria Esther Bueno e Gustavo Kuerten⁸. Em menor escala e num período que ainda está acontecendo, as artes marciais mistas com Anderson Silva passam pelo mesmo fenômeno no Brasil.

Em 2006, uma pesquisa da Ipsos Marplan⁹, denominada Dossiê Esporte, foi encomendada pelo canal de televisão pago SporTV. A empresa entrevistou mais de 2300 pessoas das classes A, B e C, de ambos os sexos, de oito capitais das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, além de Brasília. A amostra continha indivíduos de 7 até 69 anos.

No que se refere à prática esportiva, o “esporte nacional” é a caminhada – 31% dos brasileiros são adeptos da modalidade. Separados em homens e mulheres,

⁶ TV, Notícias da. **Futebol americano conquista jovens e vira líder na TV por assinatura.**

Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/futebol-americano-conquista-jovens-e-vira-lider-na-tv-por-assinatura-1612>>. Acesso em: 18 maio 2014.

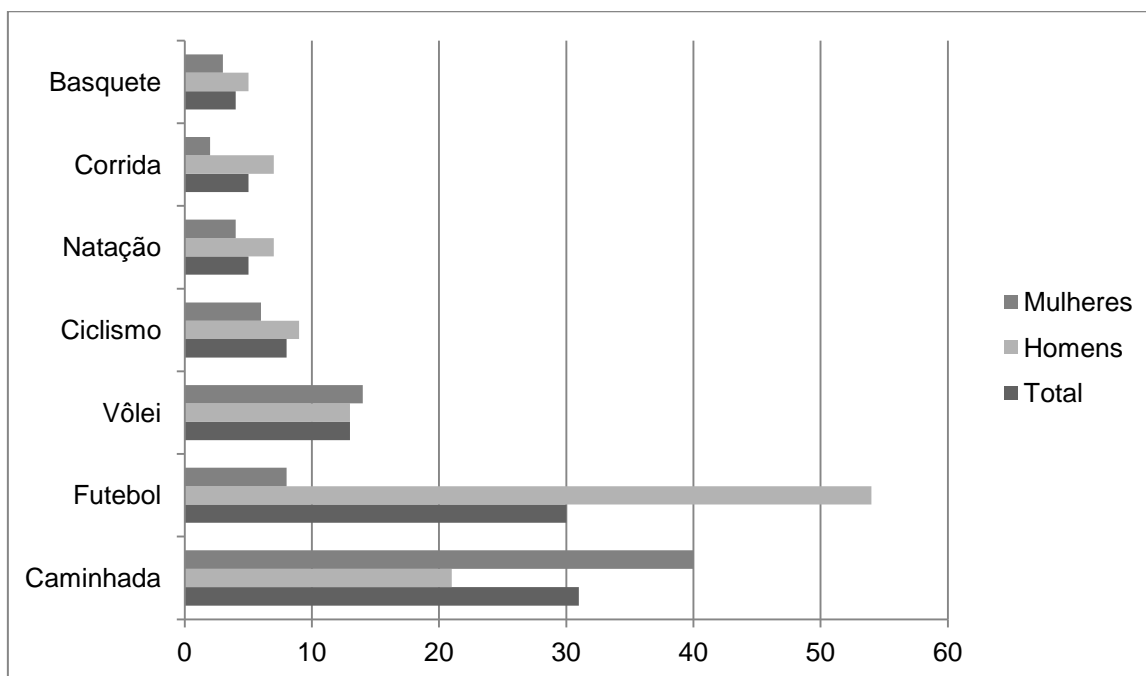
⁷ Cf. infra p. 34

⁸ Cf. infra p. 34

⁹ Cf. supra p. 20

54% dos homens preferem o futebol e 40% das mulheres optam pela caminhada. Em terceiro lugar está o vôlei, praticado por 13% da totalidade.

GRÁFICO 1 – Práticas esportivas no Brasil, segundo Ipsos Marplan



Fonte: MARPLAN, Ipsos. **Dossiê Esporte**. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4018794.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.

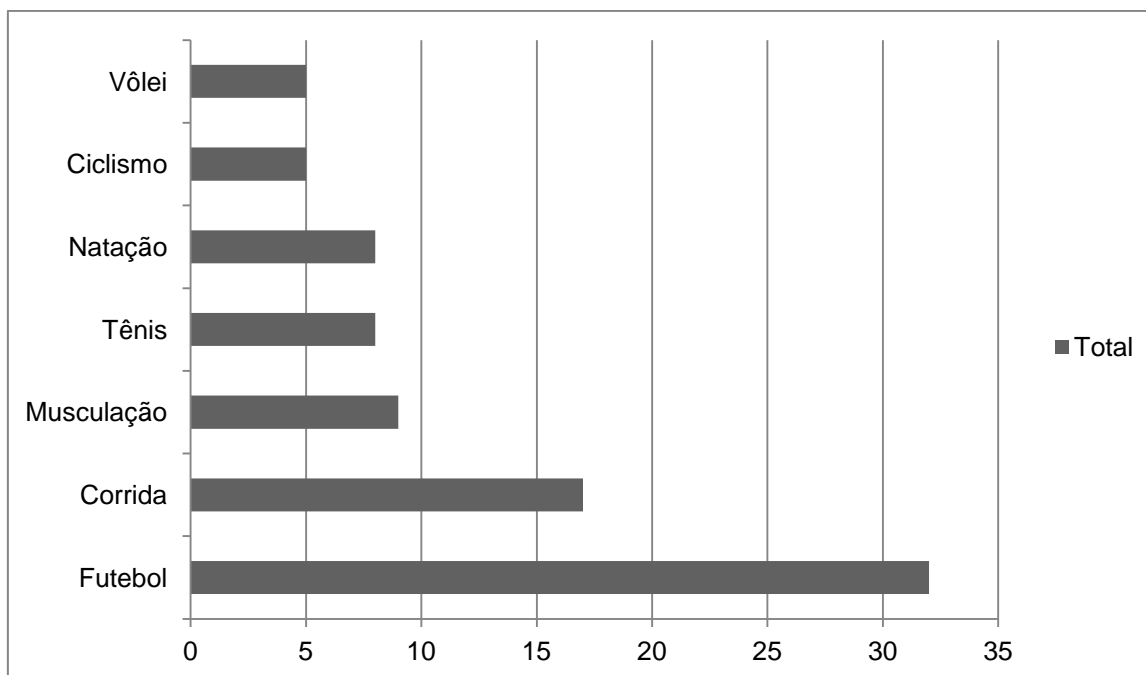
É válido ressaltar que a pesquisa pode apresentar resultados já defasados em relação à atual realidade brasileira. O aumento do poder aquisitivo e das novas práticas esportivas¹⁰, bem como a ascensão das novas mídias, também têm transformado a forma como o público pratica e consome o esporte.

O relatório “Muito além do futebol”¹¹, da empresa de consultoria Deloitte, foi divulgado em setembro de 2011, interessado em analisar o público num período pré-Copa de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016. Os resultados, mais segmentados, foram influenciados pela amostragem da pesquisa: cerca de 70% daqueles que responderam ao questionário eram do estado de São Paulo. De qualquer forma, é interessante observar que o panorama mudou em relação à pesquisa Marplan. Embora o futebol continue dominante, outras modalidades surgem como opção.

¹⁰ SEBRAE. **Número de Academias Aumenta 133% em Cinco Anos**. Disponível em: <<http://www.sebraemercados.com.br/numero-de-academias-aumenta-133-em-cinco-anos/>>. Acesso em: 18 maio 2014.

¹¹ DELOITTE. **Muito além do futebol**. Disponível em: <[http://www.deloitte.com/assets/Dcom-brazil/Local Assets/Documents/Estudos e pesquisas/PesquisaMuitoAlémFutebol.pdf](http://www.deloitte.com/assets/Dcom-brazil/Local%20Assets/Documents/Estudos%20e%20pesquisas/PesquisaMuitoAlémFutebol.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2014.

GRÁFICO 2 – Práticas esportivas no Brasil, segundo Deloitte



Fonte: DELOITTE. **Muito além do futebol**. Disponível em: <<http://www.deloitte.com/assets/Dcom-brazil/Local Assets/Documents/Estudos e pesquisas/PesquisaMuitoAlemFutebol.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.

2.4 ESPORTE, POLÍTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS

Nos estudos da influência política do esporte, um dos primeiros exemplos citados é o das Olimpíadas de Berlim, em 1936. A competição esportiva, na ocasião, foi utilizada pelo Terceiro Reich de Adolph Hitler para reafirmar o poderio do regime (SPORTS... 2013). É claro e histórico que os esportes podem, eventualmente, ser usados por governantes para promoção pessoal ou do próprio sistema. Expansivo e imperialista, o esporte é capaz de dominar territórios (ALABARCES, 1998).

O fato de o esporte exercer essa função agrupadora, essa sensação de nação e esse poder de resolução de disputas, o transforma em uma potente arma. Em relação aos aspectos políticos ligados ao esporte, é possível entender:

Nuevamente el deporte: su productividad significativa le permite tanto relevar una totalidad falaz – según la cual un seleccionado nacional de fútbol, béisbol, básquet o atletismo designa metonímicamente a la nación toda –, como regodearse en los infinitos fragmentos de las identidades regionales, locales, vecinales. Y en ese pequeño relato disipar, alienadamente, todo conflicto (ALABARCES, 1998, p. 5).¹²

¹² Novamente o esporte: sua produtividade significativa permite tanto aliviar uma totalidade falaciosa - segundo a qual, uma seleção nacional de futebol, beisebol, basquete ou atletismo se refere metonimicamente para toda a nação - como aproveitar os fragmentos intermináveis de identidades locais, regionais e vizinhanças. E, neste conto, dissipar, alienadamente, todo conflito (ALABARCES, 1998, p. 5).

Para Alabarces (1998), a esportivização¹³ contemporânea exibe de forma desenfreada a relação do esporte com a política. De acordo com o autor, o esporte leva a duas leituras simplistas do que é realidade: de um lado, o político que tem certeza da vitória eleitoral, caso haja abundância de gols, e do outro, o crítico que parte do mesmo princípio e pressupõe a alienação das massas. De qualquer forma, o autor afirma que não existe uma relação de causalidade entre um feito esportivo e um comportamento político.

Del mecanicismo poco dialéctico presente en la denuncia del uso político–alienante del deporte profesional se ha pasado al análisis fragmentado de las prácticas sin advertir la realidad social que las incluye. (...) Un diseño de investigación social y cultural debe recuperar una mirada jerarquizadora de los valores que ubique la práctica en un conjunto de prácticas y en correlación social con otras series, con los niveles de integración, con el nuevo lugar del tiempo libre en épocas de desocupación, con el nuevo protagonista de las clases sociales, el subconsumo de los deportes profesionales de las clases populares y el nuevo consumo simbólico de los deportes masivos por parte de la clase media, advertir en este caso una fuerte identificación entre medios, deporte profesional y clase media (MANGONE in ALABARCES, 1998, p. 12).¹⁴

Se os conceitos de esporte moderno foram estabelecidos através de uma base da sociedade civil, as coisas mudaram muito na era contemporânea. A operação do Estado no âmbito esportivo é clara. O surgimento de organizações e entidades nacionais de regulamentação do esporte colocaram, em outro patamar, as relações de poder dentro do mundo esportivo. Essas unidades de gerenciamento, essenciais para a classificação de uma modalidade como esporte¹⁵, elevaram a necessidade do envolvimento do Estado (BUENO, 2008).

Carzola Prieto (*apud* Bueno, 2008) aponta três razões importantes que justificam a abrangência da iniciativa pública no esporte. Em primeiro lugar, o Estado deve se envolver no esporte porque se trata de atividades fundamentais para os indivíduos. A questão da saúde pública é primordial para o autor, que coloca o esporte como ponto-chave para evitar o sedentarismo e outras doenças modernas. O segundo fator apontado pelo autor é a ampliação do acesso ao esporte para

¹³ Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa, *esportivização* é a “transformação de uma atividade física ou corporal em modalidade desportiva, geralmente com vertente competitiva”.

¹⁴ Do mecanismo pouco dialético presente na denúncia do uso político alienante do esporte profissional se passou para a análise fragmentada de práticas, sem perceber a realidade social. (...) Um projeto de investigação social e cultural deve recuperar um olhar hierárquico dos valores que indique a prática em um conjunto de práticas sociais e em correlação com outras séries, com níveis de integração, com o novo espaço de lazer em tempos de desemprego e com o novo protagonista das classes sociais: o subconsumo dos esportes profissionais das massas e o novo consumo simbólico dos esportes de massa pela classe média, para advertir, neste caso, uma forte identificação entre a mídia, o esporte profissional e a classe média (MANGONE in Alabarces, 1998, p. 12).

¹⁵ Cf. supra p. 22

participação popular – que o Estado deve se envolver com o esporte para cumprir esse papel de promotor social. Por fim, lista a imprescindível estruturação do esporte de forma burocrática, já que a política externa também envolve competições globais, por exemplo.

Os grandes eventos esportivos e a popularização dos esportes de massa, de certa forma, passaram a promover as modalidades ao redor do mundo. A questão da indústria cultural e do produto “esporte”, que será abordada adiante, também foi uma das causas para que o poder público voltasse os olhos para a necessidade de envolver o Estado com o esporte.

O advento do entretenimento público de massa, e acima de tudo dos esportes de massa, criou um estoque adicional de terrenos e estruturas públicos construídos para a expressão de emoções de massa, notavelmente os estádios (HOBBSAWN, p. 153).

O esporte passou por significativas mudanças quando a Unesco reconheceu a importância de tratar do assunto. O fato de o esporte ser considerado um direito inalienável fez com que o Estado começasse a se preocupar com a manutenção dessa garantia.

(...) o esporte ampliou o seu conceito quando finalmente, em 1978, a Unesco publicou a Carta Internacional de Educação Física e Esporte, que, no seu primeiro artigo, estabelecia que a atividade física ou prática esportiva era um direito de todos, assim como a educação e a saúde. Esse documento atualmente serve como referência em todos os países do mundo, e já provocou modificações profundas no papel do Estado diante do esporte, possibilitando até a inclusão do tema nos textos constitucionais (TUBINO, 1999, p. 26).

O texto original da Carta Internacional de Educação Física e Esporte abrange características importantes do esporte. Além dos direitos às liberdades individuais, que são relacionadas ao esporte de maneira direta, a carta pontua sobre a importância do esporte na qualidade de vida física e mental do indivíduo.

Todas as pessoas devem ter oportunidades plenas, de acordo com as tradições nacionais de esporte, de praticar a educação física e o esporte, com isso melhorando sua forma física e atingindo um nível de realização no esporte que corresponda ao seu talento (UNESCO, 2014, p. 10).

No caso brasileiro, a virada em relação às leis do esporte se deu em 1988. A Constituição, no artigo 217, reconhece pela primeira vez o esporte como parte importante da sociedade e prioriza o esporte educacional e o lazer esportivo, além de enaltecer no preâmbulo do artigo "o direito de todos ao esporte". Vale ressaltar também o terceiro parágrafo, que aponta a responsabilidade do Poder Público no incentivo ao lazer e à promoção social (TUBINO, 1999).

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:

- I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;
 - II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;
 - III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional;
 - IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.
- (...)
- § 3º - O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social (BRASIL, 1988).

Um direito social pressupõe a garantia e a provisão, por parte do Estado, de políticas que possam dar suporte ao bem-estar dos cidadãos. Esses temas envolvidos na promoção do bem-estar social, como o esporte, são direitos mínimos e universais, que devem ser compreendidos como fonte de legitimação da democracia (LINHALES, 1996).

Mesmo assim, embora seja tema de dispositivos legais, o esporte em si é um setor com pouca autonomia e isso dificulta a cobrança para a criação de políticas públicas. Além disso, é uma área que não consegue ser organizada a ponto de mobilizar forças que, junto ao Estado, exijam o esporte como um direito social legítimo. O esporte pode até ter entidades representativas, mas os clubes, federações e confederações não constituem representantes de interesses relativos à consolidação do esporte como um direito social para os indivíduos. A função dessas entidades é fortalecer o sistema organizacional, sem estabelecer um interesse social específico. Dessa forma, o confronto direto é mínimo, já que outros interesses políticos e econômicos acabam envolvidos na disputa (LINHALES, 1996).

A sociedade brasileira, caracterizada pelas classes, é refletida na forma como o fenômeno esportivo se apresenta no Brasil. Enquanto o esporte de alto rendimento é organizado, em sua maioria, por setores das camadas dominantes, o esporte como atividade de lazer fica restrito a essas classes. É a representação das desigualdades sociais. O esporte como lazer é um pressuposto do tempo livre¹⁶, o que restringe o acesso de grande parte da população. Se o esporte é um direito constitucional conquistado pelo cidadão brasileiro, a legitimidade desse direito social está em descrédito. A maior parte da população não pode articular de forma organizada seus interesses relativos ao lazer, muito menos interpelar o poder público quanto a isso, já que existem outras prioridades. Para o Estado, o incentivo ao esporte de alto rendimento é mais “barato” e traz maiores dividendos políticos,

¹⁶ Cf. supra p. 14

ainda mais porque a priorização do esporte implica, também, na ampliação e conservação de espaços urbanos destinados ao lazer (BRACHT, 1989).

O esporte é uma instituição em constante construção, que está submetida ao tempo em que se situa, além das influências que recebe dos interesses e ações dos indivíduos que nela disputam poder. Analisar o esporte como um direito social é observar os dilemas políticos com os quais esse setor está envolvido. A cobrança para o suprimento das demandas influencia os arranjos políticos do Estado, de maneira que os conteúdos das políticas sociais permanecem em um contínuo processo de mudança. Assim, para suprir as necessidades do esporte, é inevitável a atuação dos sujeitos (LINHALES, 1996).

Para Bracht (1989), só o esporte (de rendimento) organizado pode exercer pressão junto ao Estado a favor desses interesses. De certa forma, o esporte de alto rendimento tem se estruturado, no Brasil, na luta pelas igualdades esportivas. O Bom Senso F.C.¹⁷, movimento caracterizado pela exigência de mudanças em todas as categorias do futebol brasileiro, é uma mostra dessa disputa política. Numa escala olímpica, o manifesto Atletas pelo Brasil¹⁸ reúne grandes ídolos esportivos de diversas modalidades com o objetivo de cobrar investimentos para o esporte-lazer e também exigir que o legado dos megaeventos esportivos no país não seja restrito às grandes construções, mas afetem, de fato, o cidadão comum¹⁹.

A atuação dos agentes envolvidos diretamente com o esporte – no caso, os atletas do espetáculo – é fundamental para a criação de políticas públicas. Como já dito, a luta desses indivíduos pela reafirmação das leis que asseguram o acesso ao esporte-lazer é a base para políticas efetivas. Nesta pesquisa, o estudo se dá no campo comunicacional – como o jornalismo esportivo pode ser também, na esfera cidadã, eficiente na cobrança pelas políticas públicas de esportes.

¹⁷ BOM SENSO F.C. **Propostas**. Disponível em: <<http://www.bomsensofc.org/#propostas>>. Acesso em: 20 maio 2014.

¹⁸ ATLETAS PELO BRASIL. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://atletaspelobrasil.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 20 maio 2014.

¹⁹ ZERO HORA. **Presidente da Atletas pela Cidadania, Ana Moser afirma: "O Brasil gosta de esporte, mas só vê na televisão"**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2013/10/presidente-da-atletas-pela-cidadania-ana-moser-afirma-o-brasil-gosta-de-esporte-mas-so-ve-na-televisao-4290898.html>>. Acesso em: 20 maio 2014.

2.5 O ESPORTE COMO CULTURA DE MASSA E ESPETÁCULO

Segundo Morin (1997), a cultura de massa é uma cultura como outra qualquer – abrange símbolos, normas, mitos e imagens que se relacionam com o íntimo do indivíduo, estruturam instintos e orientam emoções. É uma cultura que está integrada numa realidade policultural. Para o autor, a cultura de massa, no capitalismo, está sujeita à indústria e ao comércio e tem como lei fundamental o mercado – as demandas partem da dialética entre a produção e o consumo.

A relação importante para esta pesquisa da cultura de massa com o esporte se dá, também, na cultura de lazer. A organização burocrática do trabalho tornou o lazer não apenas repouso, mas tempo de consumo (MORIN, 1997). O jogo e o espetáculo compõem o lazer moderno. Embora o conceito não seja novo, a extensão televisonária e teleauditiva do espetáculo é algo diferente e representa o progresso de uma concepção lúdica da vida. O esporte em si é, quase por natureza, espetacular (WOLTON, 1996).

Bourdieu (2003) diz que seria mais fácil observar o esporte-espetáculo como uma mercadoria de massa se a prática e o consumo de esportes não estivessem em situação de “divórcio”. Na percepção dele, o aumento da abrangência do “círculo de amadores” coopera para a manutenção do “reino dos puros profissionais”. Em outras palavras: àqueles que estão à margem do espetáculo sustentam sua existência. O esporte como atividade de lazer, inclusive, busca o interesse do espetáculo, mesmo sem saber. Aqueles que, vindo de classe popular, praticam esportes, não buscam outra coisa senão as exigências para a profissionalização. Como já abordado na pesquisa²⁰, o esporte enquanto direito social é refém do espetáculo.

A busca pelo lucro e a exploração do produto cultural são características do espetáculo. No esporte, contudo, o dilema do espetáculo com os valores morais do esporte propostos por Pierre de Coubertin causa discussão. O tema foi abordado, inclusive, na Carta Internacional de Educação Física e Esporte, da Unesco.

De acordo com o ideal olímpico, o esporte competitivo, mesmo quando na forma de espetáculo, deve cumprir o propósito do esporte educacional, do qual representa o ápice. Não deve, de forma alguma, ser influenciado por interesses comerciais que visam ao lucro (UNESCO, 2014, p. 12).

Para Debord (1997), o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. Nele, uma parte do mundo se representa diante dos outros. Nos

²⁰ Cf. supra p. 32

meios de comunicação de massa, que segundo o autor são “a manifestação superficial mais esmagadora” do espetáculo, ele invade a sociedade de acordo com o automovimento dela mesma. Em relação ao esporte, os meios de comunicação de massa são coorganizadores do espetáculo: seja nos direitos de transmissão, na coordenação de campeonatos, na redefinição de regras ou na simples interferência opinativa (BRACHT, 1989).

El deporte-espectáculo ha obtenido en la moderna sociedad un éxito que ninguna otra actividad humana ha podido tan fácilmente apuntarse. Toda clase de intereses económicos, empresariales, políticos, etc., han seguido tras él. El deporte, como el arte o la ciencia, traspasa además fronteras políticamente cerradas, llega a todas partes, es uno de los modos de diálogo internacional más fácil y de más éxito. En esta universalización está su peligro. Convertido ya en una de las fuerzas demo-políticas y dialécticas más relevantes, el deporte se ha erigido en importante instrumento de propaganda (CAGIGAL, 1972, p. 13).²¹

Ao falar sobre os “olimpianos”, Morin (1997) reafirma o que Caillois (1990) propôs nos conceitos sobre esporte. Para aqueles que não participam, qualquer *agôn* é um espetáculo (CAILLOIS, 1990). A cultura de massa produz os próprios heróis e semideuses, embora se fundamente no que é a decomposição do sagrado: o espetáculo. De forma simultânea ao espetáculo, o lazer desenvolve o jogo. O lazer, na cultura de massa, tende a tomar a forma de um grande jogo-espetáculo (MORIN, 1997).

O combate do boxe, o jogo de futebol ou a partida de tênis, por exemplo, são espetáculos constituídos, com vestimenta adequada, liturgia e sequências ordinais. Mas, de qualquer forma, não deixam de ser esporte competitivo. No que escreveu Caillois (1990), é a combinação de *mimicry* – do simulacro – com o *agôn*. Além disso, a identificação que o público cria com o campeão, por exemplo, já constitui o espetáculo (MORIN, 1997).

A consequência direta do esporte-espetáculo é a descaracterização do esporte. O fenômeno é fragmentado e descontextualizado. Dos eventos são retirados fatores históricos, sociológicos e culturais (BETTI, 2002).

É válido lembrar, como parte fundamental para esta pesquisa, que a atuação dos heróis do espetáculo é essencial para a criação de políticas que favoreçam o esporte-lazer. O espetáculo faz parte da rotina do cidadão comum de formas

²¹ O esporte-espetáculo alcançou, na sociedade moderna, um sucesso que qualquer outra atividade humana poderia facilmente fazer parte. Todos os tipos de economia, negócios, política, etc., estão por trás dele. Esporte, como arte ou ciência, também supera fronteiras politicamente fechadas, atinge a todos os lugares, é uma das maneiras mais fáceis e bem sucedidas de diálogo internacional. Nesta universalidade está o seu perigo. Uma das forças demo-políticas e dialéticas mais importantes, o esporte surgiu como instrumento de propaganda importante (CAGIGAL, 1972, p. 13).

indiretas, já que o indivíduo é coparticipante da festa e se espelha nos protagonistas (como em *mimicry*). O surgimento de um herói no espetáculo fomenta o interesse pela modalidade e ocasiona o investimento no lazer. É como um ciclo: o herói atrai atenção para o esporte-espetáculo e promove o esporte-lazer para gerar novos heróis. Embora o esporte tenha outras prioridades na sociedade (não apenas a profissionalização), também é através desses protagonistas do espetáculo que o interesse público pelas modalidades aumenta. Os exemplos já citados na pesquisa justificam a afirmação²².

Como o tênis é o esporte central para esta pesquisa, vale lembrar mais uma vez o caso de Gustavo Kuerten. O tenista chegou ao topo do ranking da Associação de Tenistas Profissionais (ATP), com o auge da carreira em 2000/2001 e o tricampeonato em Roland Garros. Mesmo assim, a reclamação do próprio atleta sempre foi a de que a Confederação Brasileira de Tênis não converteu os títulos e a popularidade dele em benefícios para o esporte-lazer. “Eu fui número 1 do mundo, nós disputamos durante anos a elite da Copa Davis, mas o tênis só andou para trás. Se não for feito um bom trabalho, isso termina. O grande catalisador disso precisa ser a confederação. Só a confederação pode fazer o tênis se tornar popular de sul a norte do país”, disse Guga numa entrevista em 2012²³.

2.6 O ESPORTE COMO PRODUTO DE MÍDIA

Para Betti (2002), não existe esporte *na* mídia, apenas esporte *da* mídia. A referência de esporte que é abrangida pela cobertura esportiva é diferente das definições de esporte outrora apresentadas nesta pesquisa. O esporte *da* mídia é o formal, organizado através de instituições, passível de *espetacularização* pela televisão (e outras mídias também) e, portanto, que deixa de lado a polissemia do termo “esporte”. A cobertura do esporte como ele é em sua inteireza é incompatível com as práticas midiáticas, principalmente por causa das limitações de cada mídia e também porque o campo midiático segue suas próprias funções (BETTI, 2002).

Como produto de mídia, o esporte está muito mais relacionado ao espetáculo do que ao lazer. As ordens que o meio esportivo profissional segue

²² Cf. supra p. 26

²³ IG. **Guga critica retrocesso do tênis, mas assume papel de esteio da CBT**. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/tenis/2012-07-07/guga-critica-retrocesso-do-tenis-mas-assume-papel-de-esteio-da-cbt.html>>. Acesso em: 25 maio 2014.

também se restringem às demandas do produto. O conjunto do campo de produção esportiva – principalmente nos grandes eventos – seria, para Bourdieu (1997), um *espetáculo televisivo*, um “instrumento de comunicação”.

A produção da imagem televisiva desse espetáculo, que, enquanto suporte de spots publicitários, torna-se um produto comercial que obedece à lógica do mercado e, portanto, deve ser concebido de maneira a atingir e prender o mais duradouramente possível o público mais amplo possível: além de dever ser oferecida nos horários de grande audiência nos países economicamente dominantes, ela deve submeter-se à demanda do público, curvando-se às preferências dos diferentes públicos nacionais por este ou aquele esporte e mesmo às suas expectativas nacionais ou nacionalistas, por uma seleção ponderada dos esportes e das provas capazes de proporcionar sucessos a seus nacionais e satisfações a seu nacionalismo. (BOURDIEU, 1997, p. 124)

Betti (2002) elaborou um conjunto de cinco características que são encontradas no esporte da mídia. A primeira delas, segundo o autor, é a “ênfase na *falação esportiva*”. Eco (*apud* Betti, 2002) diz que a falação esportiva informa e atualiza; conta histórias e faz previsões; cria expectativas e polêmicas. É a falação esportiva que constrói os ídolos do esporte – a *mimicry*²⁴ em televisão aberta. A segunda característica do esporte da mídia é a monocultura esportiva: o fato de que a cobertura esportiva no Brasil está quase que restrita ao mundo do futebol. O terceiro ponto apontado pelo autor é a sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo, aqui se referindo de forma marcante à televisão. O esporte da mídia é valorizado pelo seu formato, não pelo que representa. A quarta característica apresentada é a superficialidade, sendo que ela é um reflexo direto de como é a mídia. O debate raso ignora conceitos importantes para o esporte. Por fim, a quinta característica é a prevalência dos interesses econômicos, fator que obedece à lógica das mídias e do mercado.

TABELA 4 – Características do esporte da mídia no Brasil, segundo Betti (2002)

CARACTERÍSTICA	O QUE É?
Ênfase na “falação esportiva”	Retórica contínua que envolve o esporte da mídia
Monocultura esportiva	O futebol como centro
Sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo	A imagem, em si, é mais importante que o discurso
Superficialidade	O debate pouco aprofundado
Prevalência dos interesses econômicos	O esporte a serviço da lógica da mídia

Bourdieu (2004) aponta que a conceituação do esporte moderno é contemporânea da criação do campo produtivo do esporte, do campo de “produtos esportivos”. Para o autor, a lógica dos serviços esportivos é relativamente autônoma.

²⁴ Cf. *supra*. p. 15

Mesmo assim, ele aponta para o desenvolvimento, no interior do campo, de uma indústria do espetáculo esportivo que se submete às leis da rentabilidade sem se importar com os riscos (BOURDIEU, 2004).

Se o esporte fosse possível *na* mídia – da forma conceitual como vista na pesquisa – Betti (2002) aponta quais seriam suas características. Além de assistirmos a uma cobertura poliesportiva, inclusive com modalidades amadoras, as informações sobre a cultura esportiva e conteúdos científicos também seriam constantes. A análise esportiva não seria restrita à *falação*, mas contaria com a devida profundidade crítica a respeito de fatos que envolvem o esporte. Mais do que isso, a *experiência global* do atleta – como ser humano, não apenas como reprodutor de resultados ou ator do espetáculo – seria ouvida. Os processos de comunicação, na visão ideal de Betti (2002), seriam alterados, com o aumento da interação com o receptor (que, no caso, não seria considerado parte da massa homogênea).

Vale lembrar que a abrangência do esporte é tamanha que não é possível restringir os resultados produzidos apenas à mídia. Inúmeros são os produtos que podem alimentar a indústria cultural esportiva, bem como sustentar a cultura criada pelo esporte.

De fato, o campo esportivo em geral e o futebolístico em particular ofertam uma série extensa de mercadorias. Trata-se de mercado tão amplo e com tamanha variedade de produtos e diversidade de preços que se produzem segmentações ou classes a partir do acesso ou da restrição ao consumo (DAMO, 2001, p. 73).

2.7 O TÊNIS

2.7.1 Breve história da modalidade

O tênis é originário da Europa medieval. A quadra, as regras e todo o equipamento tiveram lentas mudanças em quatro séculos. Como um passatempo da monarquia, a modalidade foi criada sob a alcunha real. O nome do esporte é uma das dúvidas na história da modalidade. Como Lobo (2010), alguns acreditam que o esporte foi assim nomeado pelo fato de ser praticado usando tênis nos pés.

The most confusing aspect of tennis is its name. In England the sport is called 'real tennis', but it is known as 'court tennis' in the United States and 'royal tennis' in Australia. The French still call it 'jeu de paume' – game of the palm – even though tennis has been played with a racket, not the hand, for over five hundred years. It is commonly believed that the term 'real' derives from 'royal' and refers to the origins of the sport as a pastime for monarchs. This is an etymological myth. The appendage 'real' was only added to tennis

in the 1870s to distinguish it from the new outdoor craze of 'lawn tennis'. 'Real' means 'genuine' or 'original' (KRZNNARIC, 2006, p. 4).²⁵

Há historiadores que afirmam que o Egito antigo teve uma modalidade precursora do tênis e, por isso, justificam o nome do esporte como advindo da cidade egípcia Tinnis. Outros dizem que a expressão surgiu muitos séculos depois, com origem na palavra francesa “tenez” (que significa “pegue”), dita sempre que um jogador se preparava para sacar²⁶.

As bases do jogo atual surgiram na França, no final do século XII, com o *jeu de paume* (jogo de palma). O tênis era jogado sem raquetes, apenas com as mãos e posteriormente com luvas. Quando a modalidade chegou ao século XIV, alguns jogadores usavam objetos de madeira com o formato de pás. Depois, como uma invenção italiana, o utensílio ganhou cabo e cordas trançadas – as raquetes primitivas. Vários jogos derivados do *jeu de paume* surgiram ao longo dos séculos (CBT, 2014).

O *lawn tennis* – que é o tênis no formato atual – nasceu no século XIX, na Inglaterra. Em 1874, as regras da modalidade foram registradas pelo Major Walter C. Wingfield e, assim, o tênis passou a ser reconhecido como esporte. A consolidação da modalidade veio com a criação do torneio de Wimbledon, em 1877. O tênis foi um esporte pioneiro inclusive no debate sobre gêneros (TERRA, 2014).

No tênis, o torneio Women's Singles foi instituído poucos anos depois do Men's Singles na Grã-Bretanha, na França e nos Estados Unidos. Talvez não nos pareça nada revolucionário permitir que mulheres, mesmo casadas, compitam como indivíduos num campeonato, mas suponho que, nos anos 1880 e 1890, foi uma mudança mais radical do que hoje reconhecemos (HOBBSAWN, 2013, p. 71).

Para Marshall (1878), o tênis pode ser conceituado como o “rei dos esportes” ou como o “esporte dos reis”. As duas definições se encaixam na modalidade, já que a idade do esporte e suas características primordiais são descritas nessas categorias. Como Lobo (2010) diz, o tênis é uma invenção tipicamente inglesa caracterizada, inclusive, pelo humor britânico – seja no espetáculo ou na forma de contabilizar o jogo.

²⁵ O aspecto mais confuso do tênis é o seu nome. Na Inglaterra, o esporte é chamado de ‘tênis real’, mas é conhecido como ‘tênis de campo’ nos Estados Unidos e “tênis real” na Austrália. Os franceses ainda chamam de ‘jeu de paume’ – jogo da palma da mão – mesmo que o tênis seja jogado com uma raquete, não com a mão, há mais de 500 anos. Acredita-se geralmente que o termo ‘real’ deriva de ‘realeza’ e se refere às origens do esporte como um passatempo para os monarcas. Este é um mito etimológico. O apêndice ‘real’ só foi adicionado ao tênis em 1870 para distingui-lo da nova mania ao ar livre chamada apenas de ‘tênis’. ‘Real’ significa ‘genuíno’ ou ‘original’ (Krznnaric, 2006, p. 4).

²⁶ TRAVINHA. **Origem e história do tênis no mundo**. Disponível em: <<http://www.travinha.com.br/esportes-com-raquetes/61-tenis/96-tenis-a-origem>>. Acesso em: 22 maio 2014.

É o caso do tênis, cuja unidade nominal mascara que, sob o mesmo nome, coexistem maneiras 'de praticar tão diferentes quanto são diferentes, em sua categoria, o esqui fora da pista, o esqui de circuito e o esqui comum: o tênis dos pequenos clubes municipais, que se pratica com jeans e Adidas, num chão duro, já não tem muito mais em comum com o tênis de traje branco e saia plissada que eram obrigatórios há uns vinte anos e que se perpetuam nos clubes seletos (ainda seria encontrado todo um universo de diferenças ao nível do estilo dos jogadores, de sua relação com a competição, com o treinamento, etc.) (BOURDIEU, 2004, p. 210).

Até a metade do século XX, o tênis era um esporte amador – a profissionalização era condenada pela Federação Internacional de Tênis (ITF). No cenário pós-guerra, em 1946, a modalidade era dividida entre os profissionais, liderados pelo americano Jack Kramer, e os amadores, que tiveram como um dos ícones a brasileira Maria Esther Bueno. Tenistas que optavam pela carreira profissional eram banidos das maiores competições. A revolução foi em 1968, quando a ITF se viu pressionada, principalmente pela Confederação Britânica, a *abrir* os torneios (como Wimbledon e US Open) para os profissionais. Foi o início da *era aberta*, que dura até hoje com o mesmo nome (os “abertos” de tênis). As brigas continuaram até 1972, quando os tenistas aderiram à recém-criada Associação dos Tenistas Profissionais (ATP), a entidade que até hoje representa os atletas da modalidade. O marco da popularização do tênis veio com a expansão da transmissão televisiva da modalidade (REVISTA TÊNIS, 2014).

Presente nas primeiras Olimpíadas, em 1896, em Atenas, a modalidade foi excluída do programa olímpico em 1924, justamente por causa do processo de profissionalização. O tênis foi incluído novamente em 1988. Hoje, faz parte das 25 modalidades fixas do programa, decididas em 2013 (FREITAS; BARRETO, 2008).

2.7.2 Contexto brasileiro

Assim como o futebol, o tênis chegou ao Brasil trazido pelos ingleses que trabalhavam nas ferrovias e nas docas portuárias. As primeiras quadras foram construídas em 1897, no Rio de Janeiro. No início, a modalidade era exclusividade dos descendentes britânicos. Nos anos 40 e 50, o tênis ainda era visto com desconfiança. Clubes de origem britânica e alemã, onde se praticava o esporte branco²⁷, estavam localizados principalmente no eixo Niterói-São Paulo-Porto

²⁷ O tênis era conhecido como “esporte branco” porque as vestimentas usadas na modalidade eram exclusivamente da cor neutra. Em 1970, tons pastel foram incluídos nos uniformes dos jogadores, durante o Aberto dos Estados Unidos. Mesmo assim, até hoje, a convenção da modalidade prega que, nas quadras de Wimbledon, a única cor de roupa permitida é branca.

Alegre. A preferência nacional era o futebol, já que os clubes eram caros e não existiam quadras públicas. Até 1955, o tênis era membro da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), mas passou a ser regulamentado pela Confederação Brasileira de Tênis (CBT) no mesmo ano (CARTA; MARCHER, 2004).

O tênis começou a ter destaque com Maria Esther Bueno, detentora de vinte títulos de Grand Slams, que foi entre 1958-68 uma das dez melhores do mundo. A década de ouro do tênis foi a de 60, com grandes nomes como Thomaz Koch (que chegou a ser quadrifinalista em Wimbledon, Roland Garros e US Open e foi semifinalista nas duplas na Copa Davis com Édson Mandarino), Ronald Barnes (semifinalista do US Open) e Lelé Fernandes (primeiro brasileiro a chegar às quartas de final de Roland Garros).

As décadas de 70 e 80 também tiveram nomes relevantes na modalidade, mas a difícil compreensão de que “estar entre os cem primeiros num ranking de dois mil nomes é uma coisa boa” fez com que os atletas passassem despercebidos. Carlos Kirmayr, por exemplo, construiu a carreira nesta época. O tenista de São Paulo é considerado o melhor duplista brasileiro de todos os tempos. Luiz Mattar e Jaime Oncins surgiram no final da década de 80 para revitalizar o tênis brasileiro. Fernando Meligeni, no final da década de 90, também divulgou o nome do esporte em solo nacional. O grande ídolo do tênis do Brasil, Gustavo Kuerten, alcançou o ápice em 2000, com o consequente tricampeonato em Roland Garros e o topo do ranking da ATP. Hoje em dia, o Brasil tem dois grandes duplistas em destaque no circuito: Bruno Soares e Marcelo Melo. Na chave simples masculina, Thomaz Bellucci comanda a lista de brasileiros, enquanto na feminina, a principal jogadora é Teliana Pereira (CARTA; MARCHER, 2004).

Em Jogos Olímpicos, o tênis brasileiro ainda não conseguiu subir ao pódio. A estreia foi em Seul 1988, com Luiz Mattar e Ricardo Acioly (em duplas e simples) e Gisele Miró. A dupla e Gisele só conseguiram chegar à segunda rodada. Em Barcelona 1992, Jaime Oncins ganhou as três primeiras partidas, mas perdeu nas quartas. Nos Jogos de Atlanta 1996, Meligeni esteve perto de uma medalha - chegou à semifinal da competição. Em Atenas 2004, o destaque foi a vitória da dupla André Sá e Flávio Saretta na estreia. Em 2008 e 2012, Thomaz Bellucci foi o representante do Brasil nos Jogos Olímpicos (FREITAS; BARRETO, 2008).

Uma pesquisa realizada pela ITF em 2006 indicava que o Brasil tinha quase 1,5 milhão de praticantes de tênis, o que não representava, na ocasião, nem 1% da

população²⁸. Em 2012, a Confederação Brasileira de Tênis (CBT) estimava que o número de praticantes da modalidade estivesse na faixa dos dois milhões, com mais de 30 mil atletas filiados²⁹. Segundo a pesquisa da CBT, 17 mil pessoas iniciaram a prática de tênis por ano, desde 2006.

2.7.3 O Tênis na Televisão

As grandes mídias favoreceram a inclusão de tenistas nas listas de ídolos globais do esporte. No Brasil, em 1976, Rui Viotti (que já foi diretor de programação da TV Manchete, Bandeirantes, Globo e Record) trouxe a primeira transmissão de uma partida de tênis internacional para o Brasil – a final masculina de Wimbledon. Em escala global, o tênis começou a ganhar mais espaço na televisão na década de 80 (UOL, 2014). Em 1987, bancado por empresários admiradores do tênis, o Grand Slam de Roland Garros passou a ser transmitido todos os anos pela Rede Manchete. Mesmo com a pressão pela audiência, a modalidade se manteve na televisão aberta e o ápice da audiência foi a vitória de Guga no torneio, em 1997³⁰. O fato de a Band deter os direitos de Roland Garros, desde 2013, levou o tênis novamente à TV aberta³¹. Em entrevista³², Rui Viotti acredita que não é difícil colocar o tênis na programação da televisão aberta. “Sei que só é necessário empenho para colocar o produto e adequá-lo ao espaço que a TV oferece. (...) É preciso que as emissoras acreditem que tênis é um grande produto”, disse Viotti.

Na grade fixa da programação, o SporTV não conta com nenhum programa dedicado ao tênis. A ESPN, que tem em seu time de profissionais o ex-tenista Fernando Meligeni, produz o “Entrando de Fininho”, que trata da modalidade. Durante os Grand Slams, a emissora exibe o “Pelas Quadras”, um programa de bastidores do tênis. O BandSports exibe, usualmente, o “Ace BandSports”, que traz

²⁸ UOL. **Pesquisa da ITF faz o mais amplo raio-X do tênis brasileiro**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/tenisbrasil/especiais/tenis2000.htm>>. Acesso em: 26 maio 2014.

²⁹ TENISBRASIL. **Dia do Tenista arrecada para projetos sociais**. Disponível em: <<http://tenisbrasil.uol.com.br/noticias/13623/Dia-do-Tenista-arrecada-para-projetos-sociais/>>. Acesso em: 26 maio 2014.

³⁰ REVISTA TÊNIS. **O tênis na televisão após a vitória de Guga**. Disponível em: <http://revistatenis.uol.com.br/artigo/o-tenis-na-televisao-apos-a-vitoria-de-guga_433.html>. Acesso em: 26 maio 2014.

³¹ EXAME. **E o tênis voltou à TV aberta. Parabéns, Band!** Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/esporte-executivo/2013/06/12/e-o-tenis-voltou-a-tv-aberta-parabens-band/>>. Acesso em: 26 maio 2014.

³² UOL. **"Se os diretores de TV não gostarem de tênis, ele nunca será transmitido"**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/tenisbrasil/profissional/entrevista/entrevista_rui_viotti.htm>. Acesso em: 26 maio 2014.

notícias do circuito e reportagens especiais sobre a modalidade. O Fox Sports, embora exiba torneios ATP 250, também não tem nenhum programa sobre tênis.

Segundo o Ibope³³, 73% dos fãs de tênis acompanham os jogos da modalidade pela televisão. Em 2012, o tênis foi a quarta modalidade mais exibida na televisão brasileira, com 2.463 horas de transmissão. Entre as principais modalidades transmitidas – futebol, automobilismo, vôlei, tênis, basquete e artes marciais/lutas, que compõem 80% da programação esportiva – o tênis registrou o menor crescimento: apenas 4% entre 2011-12 (IBOPE, 2014).

Apesar de ser o quarto esporte mais televisionado no país – a longa duração das partidas explica o fato – a mídia televisiva do tênis está fortemente voltada aos canais a cabo, justamente pelos jogos longos. Segundo a pesquisa Deloitte (2014), 75% dos respondentes que declararam acompanhar tênis possuem renda superior a R\$ 5 mil – e a transmissão quase que exclusivamente via TV a cabo justifica o número.

2.7.4 A Questão das Quadras Públicas no Brasil

Como visto no histórico do tênis no Brasil³⁴, a modalidade sempre foi praticada em clubes e sociedades de alto padrão. A falta de espaços públicos para a prática do tênis é apontada como um dos motivos pelos quais o esporte não se popularizou mais por aqui. A Confederação Brasileira de Tênis (CBT) não tem um cadastro das quadras públicas que estão disponíveis hoje no Brasil. A CBT controla o número através da lista colaborativa do site TennisBrasil, que contabiliza hoje 249 quadras³⁵. O número não é exato, mas reflete o baixo suporte público para o tênis. Uma rápida conta mostra que, se os tenistas praticassem a modalidade somente em quadras públicas, o país contabilizaria mais de oito mil pessoas por quadra.

Segundo a Deloitte (2014), entre os dez esportes mais praticados no Brasil, o tênis foi a modalidade mais lembrada como “esporte de elite”. Quando observado o perfil dos praticantes de tênis identificados na pesquisa, 61% dos respondentes

³³ IBOPE. **73% dos fãs de tênis acompanham os jogos pela televisão, segundo pesquisa do Ibope Repucom**. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/relacionamento/imprensa/releases/Paginas/73-dos-fas-de-tenis-acompanham-os-jogos-pela-televisao-segundo-pesquisa-do-IBOPE-Repucom.aspx>>. Acesso em: 26 maio 2014.

³⁴ Cf. supra p. 39

³⁵ TENISBRASIL. **Quadras Públicas**. Disponível em: <<http://tenisbrasil.uol.com.br/quadraspublicas/>>. Acesso em: 26 maio 2014.

possuem renda familiar mensal acima de R\$ 10 mil. Quem pode jogar tênis, no Brasil, é quem tem condições de pagar pelo espaço de jogo.

Em suma, a prioridade das prioridades é a construção da estrutura do espaço das práticas esportivas do qual as monografias consagradas a esportes particulares vão registrar os efeitos (BOURDIEU, 2004, p. 210).

3 JORNALISMO E JORNALISMO ESPORTIVO

3.1 DEFINIÇÃO DE JORNALISMO E SUA FUNÇÃO SOCIAL

“O que é jornalismo?”, pergunta Traquina (2004), ao tentar definir a função de forma concisa. E a tarefa não é fácil, já que uma questão induz à outra e nenhuma das dúvidas tem resposta concreta. Segundo o autor, o jornalismo é a resposta ao interesse pelo que acontece ao nosso redor.

Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação, como ‘estórias’? (TRAQUINA, 2004, p.21).

Journalists write the words that turn up in the papers or on the screen as stories. Not government officials, not cultural forces, not ‘reality’ magically transforming itself into alphabetic signs, but flesh-and-blood journalists literally compose the stories we call news (SCHUDSON *apud* ROWE, 2004, p. 39).³⁶

O jornalismo não é um campo fechado. E o pensamento crítico sobre o que é feito é essencial para o jornalismo. Embora os pragmáticos considerem que a simplicidade das técnicas jornalísticas dispensa uma abordagem teórica, a reflexão sobre as práticas da atividade são fundamentais para que o jornalista desempenhe bem sua função (GENRO FILHO, 1987), (TRAQUINA, 2004).

Traquina (2004) aponta algumas mudanças ocorridas desde o século XIX na prática jornalística. A primeira delas foi a industrialização da imprensa, com a expansão da mídia e a criação do mito do Quarto Poder (que será tratado mais a frente). A segunda mudança é o surgimento de um paradigma completamente diferente do que outrora havia dominado o jornalismo: o domínio dos fatos - a informação ao invés da propaganda. O terceiro ponto foi o surgimento do campo jornalístico com relativa autonomia, que possibilitou o desenvolvimento das técnicas e da identidade profissional. Por fim, a mudança significativa do reconhecimento de dois polos no jornalismo: o econômico e o ideológico.

Para Genro Filho (1987), o jornalismo é uma manifestação essencialmente ideológica, já que os ideais de objetividade e imparcialidade norteiam as práticas. Segundo Traquina (2004), a imprensa se tornou um elemento fundamental da teoria

³⁶ Jornalistas escrevem as palavras que aparecem nos jornais ou na tela como histórias. Não funcionários do governo, não as forças culturais, não a ‘realidade’ transformando magicamente a si mesma em sinais alfabéticos, mas jornalistas de carne e osso, literalmente, compõem as histórias que chamamos de notícias (*apud* ROWE Schudson, 2004, p. 39).

democrática e o jornalismo começou a ser visto como um serviço público em que as notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer os seus direitos democráticos. No que tange o polo ideológico, dois valores são fundamentais no *ethos jornalístico*³⁷: a liberdade e a objetividade (TRAQUINA, 2004).

A liberdade consiste no núcleo da relação entre jornalismo e democracia. Os jornalistas sempre estiveram, historicamente, à frente da luta pela liberdade. Este valor, em contrapartida, pressupõe outras duas importantes virtudes: a independência e a autonomia em relação a outros agentes sociais. A consequência da garantia dessas virtudes é a credibilidade, fator de importância fundamental para os jornalistas (TRAQUINA, 2004).

A objetividade, por sua vez, é o valor mais discutido do jornalismo. Nasceu no século XX, como parte da ideologia de que os jornalistas deveriam substituir a simples crença nos fatos por uma fidelidade às regras e aos procedimentos criados. A objetividade não é a negativa da subjetividade, mas uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar a credibilidade do trabalho. É como um ritual estratégico, utilizado pelos jornalistas para mitigar pressões da função, como teoriza a socióloga norte-americana Gaye Tuchman. A objetividade traça os métodos que o jornalista deve seguir e está, de uma forma ou de outra, presente nos códigos deontológicos dos jornalistas nos países democráticos (TRAQUINA, 2004).

O polo econômico, de forma semelhante, está profundamente relacionado às práticas jornalísticas modernas. De acordo com Traquina (2004), as notícias são a mercadoria de um negócio cada vez mais lucrativo. A influência da publicidade e a lógica de mercado são decisivas nos grandes veículos, por exemplo, e causam um conflito entre os polos aos quais o jornalismo se submete. Segundo Ure (2008), a redução da relação entre o jornalismo e o público a uma transação mercantil induz ao risco de criar lacunas informativas cuja cobertura seria imprescindível para o desenvolvimento social e humano.

O fator econômico é uma força importante na atividade jornalística. Enquanto o polo ideológico define o jornalismo como um serviço público, o jornalismo é feito em empresas que, na sua esmagadora maioria, têm como objetivo acabar o ano com lucros. Enquanto o polo ideológico define o jornalismo como um serviço público, o polo econômico define o jornalismo como um negócio, que tem tendência para definir as notícias como uma mercadoria que vende jornais ou consegue um bom *share* da audiência. A

³⁷ *Ethos jornalístico*, segundo Traquina (2004), é a síntese das práticas e costumes do meio jornalístico.

desregulamentação da atividade televisiva em Portugal, durante os anos 90, acentuou esta visão das notícias e alimentou um ambiente de cada vez maior competitividade no campo jornalístico (TRAQUINA, 2004, p. 207).

Amaral (*apud* Genro Filho, 1987) aponta quatro funções do jornalismo: política, econômica, educativa e de entretenimento. A função econômica e social do jornalismo é destacada pelo autor.

Não é de agora que os meios de informação se tornaram instrumentos do desenvolvimento econômico e social. Difundindo diariamente uma enorme massa de informações sobre assuntos os mais variados e de interesse permanente da sociedade, o Jornalismo tem contribuído para o desenvolvimento da indústria e do comércio, como para melhorar as relações sociais, de um modo geral (AMARAL *apud* GENRO FILHO, 1987, p. 44).

Para Abreu (2003), a imprensa fornece informações aos cidadãos e possibilita com que os próprios possam levar suas demandas até os responsáveis pelas decisões que afetam a vida em sociedade. Segundo a autora, a função da imprensa é dar visibilidade à “coisa pública”, justamente porque a visibilidade é uma condição democrática. A informação é decisiva nos movimentos de atuação da sociedade e é a imprensa que permite com que o cidadão conheça melhor as questões públicas a ele concernentes.

Segundo Cytrynblum (*apud* Ure, 2008), o sentimento do jornalista que se coloca na perspectiva social é o de um cidadão comprometido com a realidade do país e, como tal, um ator social de peso. É fato que, nesta perspectiva, o jornalista deixa de ser uma testemunha objetiva da realidade e passa a ter uma atitude pró-ativa no desenvolvimento da profissão.

A responsabilidade do jornalista sempre deve ser entendida como social precisamente pelo alcance das ações individuais que executa. De todas as formas, a responsabilidade é sempre própria, contrariamente à atitude pós-moderna, que dilui a responsabilidade pessoal culpando a um todo social ou institucional abstrato - assim o faz um importante número de jornalistas, que tranquilizam sua consciência acusando aos meios-empresas de não lhes permitirem cobrir certos assuntos de interesse público, seja porque se oponham aos interesses dos grandes anunciantes, ou porque debilitem um poder político que querem sustentar (URE, 2008, p. 120).

O entendimento do jornalismo com função social pode ser facilmente confundido com um jornalismo militante, que atende a interesses além da própria sociedade. Entretanto, por mais que a informação tenha força de transformação e formação de opinião, a função do jornalista não é política e nem partidária. O compromisso jornalístico, enquanto atuante na sociedade, deve ser com as necessidades sociais – compromisso com a humanidade dos cidadãos (URE, 2008).

Ure (2008) citou o Código de Ética dos jornalistas argentinos, elaborado em 2006, como exemplo da dimensão social da responsabilidade do trabalho

jornalístico. O texto diz que o jornalista “serve ao interesse público, nunca a objetivos setoriais nem pessoais”. Além disso, completa afirmando que “a informação deve ser considerada como um bem social³⁸”. Por fim, aponta que o “exercício da profissão de um servidor público não habilita a obtenção de benefícios pessoais”.

A noção de utilidade social do jornalismo começou a se fortalecer no Brasil com a volta do regime democrático. O conceito de utilidade social coloca o trabalho jornalístico a serviço dos interesses dos cidadãos e responsável por responder às preocupações dos leitores/espectadores em relação aos assuntos que envolvem a vida social. A imprensa assume um papel de interventora na sociedade – o “Quarto Poder” ou poder moderador, tratado adiante (ABREU, 2003).

Apesar de muitas vezes o jornalismo ser reconhecido como aquele que sustenta o poder instituído, é fato que a prática jornalística também pode assumir o papel de um contrassenso do vigente. Para Traquina (2004), o jornalismo é um “Quarto Poder” que sustenta o poder instituído através do acesso habitual às fontes oficiais. Na visão do autor, o jornalismo defende, sobretudo, o *status quo*, mas por vezes realiza o seu potencial de contrapoder.

É claro que o estudo do jornalismo põe em causa uma fé simples no mito do jornalismo como um contrapoder. A teoria interacionista reconhece o papel do jornalismo como uma força conservadora, mas também reconhece que pode constituir um recurso para os agentes sociais que contestam o *status quo* e os valores dominantes. Alguns estudos demonstram que os agentes sociais com menos recursos conseguem mobilizar as notícias como um recurso a favor da sua causa (TRAQUINA, 2004, p. 200).

O conceito de Quarto Poder do jornalismo – enquanto essencialmente contrapoder – já foi conhecido como *Fourth Estate*, pelas antigas definições de Thomas Macaulay e Thomas Carlyle. O que entra em discussão no *Fourth Estate* não é a divisão governamental de poderes, mas o papel da imprensa na publicização de temas que, de outro modo que não fosse pela mídia, não chegariam ao público. No caso da política, que originou o termo, se referia ao debate que vinha do Parlamento e era promovido pela imprensa nacionalmente (ALBUQUERQUE *in* MIGUEL; BIROLI, 2010).

Definir a imprensa como um “Quarto Estado” significava caracterizá-la como representante dos interesses da sociedade como um todo. Daí ficou a referência do papel da imprensa como guardião dos interesses dos cidadãos (*watchdogs*, como já

³⁸ Segundo Ure (2008), a informação é um bem social porque a liberdade de expressão e o acesso à informação são direitos que toda a sociedade deve respeitar para que seus membros possam se desenvolver. Embora a notícia seja um produto, para o autor, ela é muito mais que isso: é um serviço.

citado), função que será tratada adiante³⁹. No Brasil, segundo Albuquerque in Miguel & Biroli (2010), a retórica do Quarto Poder é utilizada de forma a criar um “poder moderador”. Com base nesse poder, a mídia pode assumir formatos diferentes. A imprensa brasileira, no caso, reivindica o papel de intérprete dos interesses nacionais (ALBUQUERQUE in MIGUEL; BIROLI, 2010).

A relação fundamental da democracia com o jornalismo – e sua consequente liberdade – dá sentido à função da atividade. Para Traquina (2004), uma das principais funções do jornalismo é a de *watchdog*.

A democracia não pode ser imaginada como sendo um sistema de governo sem liberdade e o papel central do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura. Os pais fundadores da Teoria Democrática têm insistido, desde o filósofo Milton, na liberdade como sendo essencial para a troca de idéias e opiniões, e reservaram ao jornalismo não apenas o papel de informar os cidadãos, mas também, num quadro de *cheks and Balances* (a divisão do poder entre poderes) a responsabilidade de ser o guardião (*watchdog*) do governo (TRAQUINA, 2004, p.23-24).

A cidadania, como uma forma de prática jornalística, é vista, por muitos, como o ato de prestar serviços. Quando fala de *civic journalism*, Fernandes (2008) afirma que a mídia tem um papel mais importante do que relatar acontecimentos, mesmo que esses interessem à coletividade. Se a mídia pode estar envolvida em atividades e programas que intentem contribuir para a melhoria de vida da comunidade, ela deve estar em contato com a sociedade, não apenas *acima* dela. Fernandes (2008) aponta a importância de que a mídia seja como um catalisador social, que informa e auxilia a população, além de tomar para si a responsabilidade sobre problemas comunitários. É um jornalismo que trabalha não apenas como contra-poder, mas é construído como um espaço de ideias. É o chamado do jornalista como cidadão. Como disse Ure (2008), “jamais poderá fazer bem o seu trabalho o jornalista que não o assuma como uma vocação”.

A construção de conteúdo pelo jornalista, através da visão de cidadão, também é conceituada por Traquina (2005) ao explicar o valor-notícia. Hall (*apud* Traquina, 2005) definiu que a notícia não é um relato, mas uma construção. Então, o critério de noticiabilidade, ou seja, a importância que o jornalista dá para decidir se deve ou não pautar um fato, tem a ver com a capacidade de o acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país ou sobre a nação. Elemento básico para a cultura jornalística, os valores-notícia “servem de ‘óculos’ para ver o mundo e para construir”. Para o autor, o valor-notícia serve como *norte* para a apresentação

³⁹ Cf. infra p. 50

do material, sugerindo o que deve ser destacado, o que deve ser omitido e também o que deve ter prioridade na construção do fato como uma notícia.

Para Martins (2014), a importância central assumida pelos *media* nas sociedades urbanizadas é o motivo que faz com que a constituição de uma esfera pública democrática – ou seja, de opinião pública – preceda a independência dos meios. Segundo Martins (2014), os *media* são os principais instrumentos de ação da opinião pública e, portanto, o favorecimento a determinado setor, organização, poder ou grupo de indivíduos é desfavorável à constituição de um espaço público democrático. O autor usa dos escritos de Jürgen Habermas para definir o papel da mídia e sua função. De acordo com Martins (2014), os *media* são fundadores e mantenedores do espaço público democrático, desde que a independência funcional seja mantida. Sobre a mídia como difusora do interesse público e como construtora do espaço de ideias, Pena (1997) aponta alguns pensamentos.

As características inerentes à burguesia ascendente ocuparam o espaço público e viabilizaram a consolidação da imprensa moderna. Estratégias de mercado aos poucos substituem o espaço das causas públicas (...) Da ideia de cidadania presente nas praças atenienses à noção de publicidade dos tempos atuais, que está condicionada pelas famigeradas leis do mercado. (...) A mídia (a imprensa como parte dela) assumiu a privilegiada condição de palco contemporâneo do debate público. E a palavra palco não foi escolhida aleatoriamente. Na contemporaneidade, as representações substituem a própria realidade. Um assunto exposto na esfera pública não é necessariamente de interesse público. (...) Na história da imprensa, os críticos costumam fazer uma divisão cronológica em modelos explicativos, que refletem as transformações do espaço público. Para Bernard Miège, por exemplo, eles são quatro: imprensa de opinião (artesanal, tiragem reduzida e texto opinativo), imprensa comercial (industrial, mercantil e texto noticioso), mídia de massa (tecnologia, marketing e espetáculo) e comunicação generalizada (megaconglomerados de mídia, informação como base das estruturas socioculturais e realidade virtual) (PENA, 1997, p. 29-39).

Entender as funções do jornalismo, que estão inevitavelmente atreladas às definições da prática, é essencial para desenvolver as bases desta pesquisa. O conceito de *watchdog* e o entendimento da importância da função social do jornalismo, assim como a fundamentação do jornalismo cidadão e atuante na sociedade compõem o início da análise a que este trabalho se propõe. Dadas algumas definições básicas do que é jornalismo e do que envolve o campo, é importante entender o jornalismo aplicado ao esporte – ou jornalismo esportivo – para fundamentar o trabalho.

3.2 O JORNALISMO APLICADO AO ESPORTE, SEU PAPEL E SUA FUNÇÃO SOCIAL

Antes de apresentar a categoria de forma apropriada, é válido tecer um breve histórico sobre o jornalismo aplicado ao esporte e as notícias sobre as modalidades no Brasil. O jornalismo esportivo apareceu pela primeira vez numa publicação de 17 de outubro de 1901. O Jornal do Comércio de São Paulo divulgou notícias sobre futebol, numa tônica elitista, da mesma forma como o esporte era praticado na época. Nas décadas de 1940 e 1950, a modalidade começou a ser transmitida pelo rádio. A primeira reportagem de televisão sobre esporte foi filmada no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, no dia 15 de outubro de 1950. A primeira transmissão em rede pela televisão é datada de 1969 e a Copa de 70, no México, ficou marcada pela primeira transmissão de esporte ao vivo no Brasil (TÊMER, 2012).

O jornalismo de esportes está entre as categorias jornalísticas mais contestadas da área. Por vezes tratado como inferior, apenas como um *hobby* ou como entretenimento, o jornalismo esportivo é classificado sem restrições como *chapa branca*. Segundo Boyle (2006), o jornalismo esportivo sustenta um paradoxo. Na hierarquia do jornalismo profissional, normalmente é visto como o “departamento de lazer”, o “bastião da vida fácil”, um “jornalismo folgado” com “notícias leves”. A realidade dos bons profissionais – embora o mercado saturado de ‘faladores esportivos’ insista no contrário – é bem diferente. Para Rowe (2004), ser jornalista esportivo é estar empenhado em uma especialização profissional que combina as responsabilidades gerais da profissão com as demandas específicas impostas pelo objeto pelo qual as práticas e a ética profissional são dirigidas.

Court reporters relate the events of important trials; Law reporters address difficult legal issues; Police reporters go to crime scenes and gets unattributable briefings from the constabulary; business reporters watch the share market and pick up on the rumours (often planted) of corporate plays; and sports reporters get the best seats at the biggest games, inform others of what happened, and are meant to use this privileged vantage point to expose the hidden workings of the sports machine (ROWE, 2004, p. 41).⁴⁰

⁴⁰ Repórteres da corte relatam julgamentos importantes; repórteres de justiça abordam questões jurídicas difíceis; repórteres policiais vão para cenas de crime e recebem *briefings* não imputáveis da polícia; repórteres de negócios observam o mercado de ações e analisam os rumores (muitas vezes plantados) das peças corporativas; e repórteres esportivos obtêm os melhores lugares nos maiores jogos, informam aos outros sobre o que aconteceu e destinam-se a usar esse ponto de vista privilegiado para expor os trabalhos ocultos da máquina esportiva (Rowe, 2004, p. 41).

O embate entre os repórteres titulados pela experiência e os jornalistas formados pela academia também é recorrente no jornalismo esportivo. Sobre isso, Rowe (2004) afirma que a atitude negativa de jornalistas – sejam esportivos ou não – que foram formados pelos métodos ortodoxos para com aqueles que entraram na profissão com base nos conhecimentos esportivos é comum. Para o autor, contudo, não acrescenta em nada para o campo esse tipo de conflito. O conservadorismo da área também se reflete em outras discussões, como a resistência à entrada da mulher no meio profissional. Quanto ao tema, Rowe (2004) diz que a diversificação do corpo jornalístico de esportes não é apenas uma questão de igualdade social, mas de produzir abordagens diferentes e novos métodos para a função.

O jornalismo esportivo, com suas dualidades e debates constantes, é um exemplo de como funciona o jornalismo moderno. A agilidade e a informação rápida fazem parte da rotina do jornalista que trabalha com esportes. Inclusive, pelo papel que o esporte assumiu na sociedade, o espaço para o jornalismo esportivo é cada vez maior. No contexto brasileiro, com a realização de megaeventos esportivos, por exemplo, podemos afirmar que a crescente é verdadeira. Somente o principal canal de TV paga do Brasil credenciou mais de 600 profissionais para trabalhar na cobertura da Copa do Mundo FIFA 2014⁴¹ (BOYLE, 2006).

Segundo Rowe (2004), é possível esperar, diante da grande importância do jornalismo de esportes como um fator atrativo de audiência e como um fornecedor de conteúdo para todo tipo de mídia, que a pressão da área seja grande para os profissionais. O autor afirma que, apesar da impressão comum de que o jornalismo esportivo seja uma tarefa tranquila, confortável, que privilegia homens brancos de classe média com viagens pelo mundo para assistir a jogos à custa da empresa, muitos jornalistas que fazem cobertura esportiva se sentem profissionalmente inseguros e desvalorizados.

Para Borelli e Fausto Neto (2002), a editoria de esportes de um jornal é a que tem mais autonomia, porque sofre menos sanções internas que outras editorias, como política ou economia. Quando o assunto é esporte, no jornalismo, a democracia é clara: várias vozes são ouvidas e diversas opiniões consultadas para

⁴¹ SPORTV. **SporTV escala 620 profissionais para cobertura da Copa do Mundo.** Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/SporTV-na-Copa/noticia/2014/05/sportv-escala-600-profissionais-para-cobertura-da-copa-do-mundo.html>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

apresentar um parecer. O campo jornalístico do esporte é, sobretudo, de legitimação, já que conjuga essas falas e luta pela notoriedade de cada uma.

Sobre o jornalismo esportivo e suas construções no campo interno das mídias, é possível considerar que a atividade jornalística é um ator social que realiza a atividade de produção de sentido no campo do esporte de forma particular. O esporte – enquanto espetáculo – só adquire sentido de existência social porque passa por procedimentos técnicos – pela conversação cotidiana, seja pela mídia ou pela opinião pública. Se o jornalismo não exercesse um papel no esporte, o espetáculo ficaria restrito às regras e a prática dos heróis, sem que incorporasse uma significação na sociedade (BORELLI; FAUSTO NETO, 2002).

O jornalismo esportivo, embora ainda sofra com o preconceito de outras áreas jornalísticas, tem perdido um pouco da alcunha de “atividade fácil”. O que tem feito a diferença para mudar a imagem do jornalista esportivo é a habilidade do esporte em transpassar os assuntos e em caber em diferentes tipos de mídia. Aproximando o jornalismo esportivo de outras temáticas jornalísticas, os limites são rompidos e ficam mais indefinidos. Vale lembrar que a cobertura de esportes possibilita ao repórter um diálogo muito grande com qualquer tipo de assunto – seja política, economia, sociedade e todas as outras editorias (BOYLE, 2006).

Um exemplo claro dessa interdisciplinaridade da cobertura esportiva é a Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil. O processo anterior ao evento aglutinou muito mais que a rotina da seleção brasileira: a mídia agendou desde as manifestações com cunho político e social, que foram provenientes do mundial, até a questão da improbidade administrativa com os gastos públicos referentes à preparação para o torneio. Jornalismo de esportes é e deve ser, antes de qualquer outra coisa, jornalismo.

Partindo desse pressuposto, o papel do jornalismo esportivo é a extensão do cumprimento da função jornalística, bem como os estudos jornalísticos, como propôs Boyle (2006), obrigatoriamente regidos pelos mesmos pressupostos. Se uma das funções do jornalismo é promover o debate público⁴², o jornalismo esportivo também deve seguir o mesmo princípio. Embora o jornalismo de esportes trabalhe diretamente com o espetáculo, o dever jornalístico levanta alguns debates em relação ao que de fato é apresentado pela mídia. O jornalismo, enquanto cidadão,

⁴² Cf. supra p. 44

deve atuar de forma ativa na construção da significação do esporte-lazer e na responsabilização do esporte-espetáculo. Na forma de moderador do espaço público, incentivar discussões sobre o esporte de maneira relevante. Ao que concerne às políticas públicas de esporte, tema central desta pesquisa, o jornalismo de esportes deve atuar de modo fiscalizador e ativo, participando da construção de uma realidade diferente.

A notícia esportiva é o jogo ou a disputa. Delas as pessoas tomam conhecimento ou assistindo ao espetáculo ou a partir de resumos – os lances principais. Tudo mais é constituído de declarações e decisões, tomadas num clima de paixão, em torno das quais se propõe análises e prognósticos - a crônica desportiva. Cabe ao repórter de esportes documentar estas declarações e decisões, atento ao contexto emocional em que se situam e à natureza empresarial que hoje assume a atividade desportiva. Mas não deve perder de vista os aspectos éticos do esporte, seu poder de catarse – catalisador de tensões sociais – e a finalidade educativa de sua prática, que deve voltar-se para a saúde física e mental (LAGE, 2003, p. 115).

Todos os autores de publicações sobre o tema “jornalismo esportivo” (manuais, em sua maioria), fazem questão de salientar que não se pode nem se deve considerar o gênero algo em separado dos preceitos e práticas das demais editorias. Embora todos acreditem que, com a dose de emoção que caracteriza o esporte, fica sempre difícil não enxergá-lo com algumas “liberdades”. O que, em princípio, não deveria e nem poderia significar a distorção dos critérios de notícia e responsabilidade diante do público que busca informação (GUERRA, 2014, p. 161).

O que domina os noticiários de esporte, na verdade, não tem quase nada a ver com isso. Apesar do grande espaço que o esporte tem na mídia, nem sempre o jornalismo praticado é caracterizado pela excelência profissional. Embora represente uma parte significativa do conteúdo informativo, através da cobertura esportiva, o jornalismo de esportes não se projeta como uma experiência madura do ‘fazer jornalístico’ (BUENO, 2014).

A descaracterização da função do jornalismo na sociedade tem que ser debatida e refletida, sob pena de termos que mudar conceitualmente as definições desta atividade profissional. (...) A sensação de vazio de informação jornalística, de apuração e da boa pauta é constante. E quem gosta de esporte, me refiro aqui a quem não é jornalista, não é muito diferente (GUERRA, 2014, p. 160-169).

Nos próximos capítulos, será apresentado um breve panorama do jornalismo esportivo na televisão, enquanto fator relevante na sociedade. Muito além da discussão de jornalismo x entretenimento – que também faz parte desta pesquisa – está a manutenção dos princípios que caracterizam o próprio jornalismo. Esse é o ponto central para fundamentar o debate.

3.3 JORNALISMO x ENTRETENIMENTO

Quando se está assistindo televisão, é difícil saber quando acaba o entretenimento e quando começa a notícia, ainda mais quando programas de entretenimento recebem a aura informativa do setor jornalístico. Da mesma forma como Debord (1997) concluiu que o espetáculo se tornou a *forma de ser* da sociedade de consumo, o jornalismo *espetacularizado* se tornou um dos principais modos de se fazer jornalismo na televisão. Para Debord (1997), os meios de comunicação representam “a manifestação superficial mais esmagadora” da sociedade do espetáculo.

Também não é novidade, segundo Guerra (2014), que o envolvimento do jornalismo com o entretenimento tem provocado sérias discussões na academia. O questionamento é, na verdade, sobre os caminhos e valores que a informação está tomando. No âmbito esportivo, o esporte *espetacularizado*⁴³, salvo raras exceções, exige do jornalismo a informação previamente digerida, de baixa complexidade e com pouco valor teórico.

Ao falar do embate entre jornalismo e entretenimento⁴⁴, Ivete Roldão disse que “o que mais preocupa é quando você encontra o entretenimento dentro do telejornal”. A professora de telejornalismo da Unicamp ainda afirmou que, se bem alocado, o conflito não é tão sério – ela lembrou que a “revista eletrônica”, como é o caso do Fantástico, mistura as duas pontas. Na mesma ocasião, José Arbex afirma que quando existe o choque entre jornalismo e entretenimento, o jornalismo “abdica da função principal dele, histórica, herdada do Iluminismo”. Para ele, “o compromisso do jornalismo nunca foi entreter, tornar a vida mais fácil. O propósito do jornalismo – e isso está escrito no código de ética do jornalismo – é a busca da verdade”. Outro ponto importante abordado por Arbex é o limite entre as duas funções. “Eu como jornalista estou aqui para quê, para agradar o telespectador, ou para ir atrás da verdade dos fatos?”, apontou o profissional. Arbex ainda citou Habermas, que ao falar da esfera pública afirmou que o telejornalismo cada vez mais iria copiar técnicas do videoclipe e da telenovela (diálogos rápidos, recursos de filmagem, etc).

⁴³ Cf. supra 33

⁴⁴ JORNALISMO E ENTRETENIMENTO. **Ver TV**. São Paulo: TV Brasil, 15 de Julho de 2012. Programa de TV.

A constituição de jornalismo em espetáculo está relacionada diretamente a televisão – a expansão do meio modificou profundamente a forma de se fazer jornalismo. Para discutir o choque entre os tipos de interesse, isto é, o jornalismo e o entretenimento, é importante considerar que a televisão está submetida a pressões econômicas e culturais e que esses campos afetam substancialmente a produção jornalística (BOURDIEU, 1997).

Arbex (2001) afirma que, na sociedade do jornalismo e entretenimento, “a transformação do ‘fato’ em ‘notícia’ passa pela sanção do mercado”. Para o autor, o produto final da notícia é um “pacto de cumplicidade”, já que nessa lógica o mercado se reflete na mídia que, por outra via, mostra os eventos que reforçam a estrutura mercadológica. Mesmo assim, o conceito jornalístico – que passa longe de ser congruente com essa linha de pensamento – não pode ser submetido às mesmas regras do mercado, principalmente porque isso resulta no declínio do valor mais raro aos profissionais de imprensa, a credibilidade.

Nos Estados Unidos, os mais respeitados jornais e revistas, sob pressão dos anunciantes, simplesmente deixavam de registrar fatos importantes para a vida de seus leitores – entre eles, por exemplo, os malefícios do tabagismo. Entretanto, apesar dos interesses imediatos dos jornais nos bilhões de dólares obtidos com publicidade, o assunto acabou virando notícia, depois de mais de três décadas de pesquisas realizadas por órgãos do governo e de denúncias por grupos de defesa do consumidor. Não dar destaque sobre os efeitos do cigarro no corpo humano, a partir do início dos anos 80, poderia significar perda total de credibilidade (Arbex, 2001, p. 133).

A prática de ceder espaço ao entretenimento no jornalismo também tem outras consequências. De acordo com Arbex (2001), a maneira sedutora de se reconstruir diariamente a visão de mundo através das técnicas da publicidade implica a omissão da reflexão e da crítica. Em outras palavras, o autor afirma que a espetacularização da notícia, a transformação da informação em entretenimento, resulta num processo de despolitização do conteúdo midiático. Para Sousa (2012), essa entrada do entretenimento no jornalismo pode ser um prenúncio de uma mudança que o jornalismo em geral vá passar, numa sociedade cada vez mais consumidora de informação e diversão.

Mas como reagir diante da inevitabilidade do entretenimento? Embora pareça inevitável que o entretenimento deixe suas nuances no jornalismo, ainda mais na televisão, a solução depende daquele que interpreta o fato antes de transformá-lo em notícia. Para Arbex (2001), a possibilidade de crítica está em tentar escapar das armadilhas da sedução. Segundo o autor, assim é possível “reconstruir a história segundo uma perspectiva pluralista e não autoritária”. A ideia de dar voz a

quem não tem e visibilidade aos fatos que estão à margem é resignificada em tempos de espetáculo.

Numa época em que a maioria dos programas esportivos dialoga com o conteúdo leve e os conflitos de transmissão (que serão estudados no próximo capítulo), a separação dos conceitos é quase impossível. O editor-chefe do Globo Esporte no Rio de Janeiro, Afonso Garshgen, afirmou a estudantes em uma palestra que “até bobagem tem que ser relevante”. Para ele, “não basta querer ser engraçado”, que completou dizendo que “há espaço na televisão, inclusive na cobertura esportiva, para bobagens relevantes”.

Comparando, contudo, a afirmação do jornalista com a frase de Debord (1997), que diz que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”, o esporte na televisão impregnado de características de entretenimento é resultado do conteúdo dessa relação social. Se o esporte que o público pede é massificado, industrializado e acrítico, então isso é reflexo da mediação que está sendo transmitida. O que deve ser debatido, exatamente como disse Ivete Roldão, é essa interferência, que não constitui mais uma dialética saudável, mas uma perda do referencial jornalístico (PUC-RIO, 2014).

3.4 JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO – MÉTODOS, PRÁTICAS E PRODUTOS

Ao ligar a televisão num noticiário esportivo, é fácil perceber o padrão. No complexo da comunicação de massa, a mensagem jornalística se transforma em um produto de consumo da indústria cultural. A definição, não necessariamente negativa, mas típica das sociedades urbanas e industrializadas, escancara a tendência dos programas de TV. Como visto no capítulo anterior, as notícias predominantes nos veículos acumulam a função de informação/entretenimento. Para procurar atingir o nível massa de leitores ou espectadores, dá-se ênfase nas informações de sonho/realidade, como nos noticiários que dão enfoque ao *mundo dos olímpianos* (também conhecidos por transmitirem as mudanças capilares de atletas renomados, bem como seus respectivos relacionamentos românticos com estrelas de novela) (MEDINA, 1978).

Para Medina (1978), toda matéria jornalística parte de uma pauta que pode ser intencional, procurada ou ocasional e essa pauta pode sofrer o processo de

angulação. Essa angulação pode se dar nos três níveis gerais de comunicação numa sociedade urbana: o nível massa, o grupal (quando está relacionada aos interesses políticos e econômicos do grupo de comunicação que detém a informação) e o pessoal (aquela que privilegia interesses de repórteres). Na televisão, não é diferente; no jornalismo esportivo, muito menos.

Segundo Betti (2002), a televisão é a mídia mais importante para entendermos as relações entre o esporte e a mídia. Para entender melhor o que esta pesquisa empreende, vale conhecer um pouco mais sobre o veículo colocado em discussão.

Para Wolton (1996), a televisão é um espetáculo de gênero particular. Destinada a um público imenso, anônimo e heterogêneo, a TV é um meio de imagens que permite ampla interpretação – “não é porque todo mundo vê a mesma coisa que a mesma coisa é vista por todo mundo”. O que se passa na televisão é que o significado da mensagem vai além da intenção, na maior parte do tempo, e isso a torna um meio fascinante. A televisão, segundo Wolton (1996), é realmente uma atividade de comunicação social, porque é o principal instrumento de percepção da realidade para a maioria da população. Da mesma forma, Eco (*apud* Arbex, 2001) afirma que a televisão não é um gênero artístico, como o cinema ou o teatro, mas sim um meio de comunicação que atua como um “serviço”. A TV contribui diretamente para retratar e modificar representações de mundo e dentre o conteúdo que é apresentado na televisão, o esporte é um dos mais populares e notáveis. O público confia na televisão e naqueles que a fazem, além de acreditar que aquilo que é apresentado é o que existe de mais interessante e de mais importante.

Os fenômenos esportivos constituem fatos jornalísticos desde o início da imprensa moderna – de forma concomitante ao surgimento do esporte moderno⁴⁵ –, no século XIX. Quando a prática esportiva atingiu patamares de profissionalização, com o alinhamento com as elites internacionais, a cobertura esportiva começou a integrar a rotina da imprensa brasileira. Com o passar dos anos e o surgimento de novas tecnologias de comunicação, o vínculo entre esporte e mídia se fortaleceu ainda mais, sendo que os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, ficaram marcados pela primeira transmissão televisiva que cruzou o pacífico via satélite. A maior

⁴⁵ Cf. *supra* p. 19

audiência histórica da mídia brasileira também esteve relacionada com uma transmissão esportiva. Em 2002, por volta das 3 horas da manhã, 98% dos televisores (numa estimativa de cerca de 110 milhões de pessoas) estavam ligados no jogo entre Brasil e Inglaterra, válido pela Copa do Mundo da FIFA no Japão e Coreia do Sul (GASTALDO, 2011).

O esporte não teria alcançado a importância política, econômica e cultural de que desfruta hoje não fosse sua associação com a televisão. Tal associação criou uma “realidade textual autônoma”: o esporte telespetáculo⁴⁶. O conceito já apresentado na pesquisa – esporte *da* mídia – pode ser mais bem entendido através do estudo da televisão. Como característica mais marcante do esporte *telespetacularizado*, a forma é mais valorizada do que o conteúdo. Isso, conseqüentemente, gera uma ilusão no espectador, que não mais tem a experiência de assistir ao esporte *in loco*, mas que pressupõe que a realidade é sempre aquela que ele enxerga diante da tela. Enquanto o esporte-espetáculo é apresentado de maneira idealizada, aquele que assiste pela televisão não tem noção prática do que acontece com o esporte-lazer. Se a fonte de informação esportiva permanece na superficialidade do show televisivo, o espectador não tem acesso ao *outro lado* das modalidades e competições. Mesmo assim, vale lembrar que a estética, inevitável premissa na era das televisões digitais, não se trata mais de um bônus, mas de uma exigência do público (BETTI, 2002).

A discussão, inclusive, vai muito além da qualidade da transmissão do produto esportivo: ela coloca em pauta o conflituoso embate entre o papel de *broadcasting* e o jornalismo. Incomum no Brasil, já que os conglomerados de mídia se responsabilizam pela geração de imagens em grandes eventos, *broadcasting* é a “prática de criar conteúdo de áudio e vídeo e distribuí-lo para as audiências de massa de rádio, televisão e internet”⁴⁷. Para este estudo, a pontuação desse quesito é importante para que os conflitos entre a atual forma de exibir esporte na TV e a realidade do jornalismo funcional sejam apresentados.

Para Boyle (2006), é importante fazer a distinção entre o *broadcasting* esportivo e o jornalismo esportivo – debate válido na instância da mídia televisiva. A importância em reportar os eventos esportivos, bem como trazê-los ao público,

⁴⁶ Cf. supra p. 33

⁴⁷ UNCP. **What is Broadcasting?** Disponível em:

<<http://www2.uncp.edu/home/acurtis/Courses/ResourcesForCourses/Broadcasting/BroadcastingWhatIsIt.html>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

resultou em um processo de mediação que altera a natureza do evento (como a narração, por exemplo). Na televisão, constantemente as empresas de *broadcasting* assumem funções que apresentam características do trabalho jornalístico, como a momentaneidade dos fatos. Em contrapartida, enquanto o público desconhece essa diferenciação e exige do serviço de *broadcasting* a imparcialidade, neutralidade e objetividade recorrentes do jornalismo, a vasta gama de pressões comerciais e culturais faz com que esses princípios sejam cada vez menos frequentes. Em empresas que fazem produções das duas vertentes – a jornalística e a de entretenimento – o embate fica mais claro, até mesmo no resultado final dos produtos apresentados (BOYLE, 2006).

Algo importante que deve ser pontuado em relação ao *broadcasting* é que a empresa que comprou os direitos de transmitir (e, ao menos no caso brasileiro, que também faz a cobertura jornalística) de um evento esportivo tem uma relação longe de ser neutra ou alheia aos outros envolvidos. *Broadcasters* evitam fazer programas de televisão esportivos que sejam controversos por razões óbvias: se você expõe as mazelas de algum evento, provavelmente não conseguirá comprar os direitos de transmissão mais uma vez. Além disso, na mídia regida pelo mercado é quase que impossível exigir que um veículo critique o produto que está tentando promover. Na realidade do Brasil, por exemplo, podemos observar esse tipo de situação na interferência da Rede Globo na atual conjuntura do Campeonato Brasileiro. Enquanto os atletas clamam por mudanças, qualquer câmbio só será efetivado com o aval da empresa detentora dos direitos de TV⁴⁸ (BOYLE, 2006).

De acordo com Boyle (2006), as notícias sobre esportes e celebridades esportivas sempre tiveram posição central na cobertura de *broadcast*. O problema, contudo, é o escopo dessa agenda midiática. O trabalho jornalístico de *broadcasting* (e essa “cobertura” de *broadcasting*, como o autor denomina) está voltado para a reportagem de resultados, as notícias de time e a transmissão de eventos esportivos conforme eles acontecem. Mesmo assim, profissionais envolvidos com a prática refutam a ideia de que essas atividades não são jornalísticas. O fato é que, como Boyle (2006) aponta, historicamente, o *broadcaster* – que é aquele profissional que trabalha nessa transmissão do evento esportivo – tem o trabalho focado em relatar

⁴⁸ ESPN. **Globo convida Bom Senso e reunião deve acontecer nesta terça-feira**. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/435163_globo-convida-bom-senso-e-reuniao-deve-acontecer-nesta-terca-feira>. Acesso em: 28 ago. 2014.

as cenas ao espectador. Essa intermediação, que obviamente não parte de um pressuposto neutro, é um elemento chave na transformação do esporte em um espetáculo. Para Boyle (2006), o *broadcast* esportivo permanece como forma de jornalismo, mas guiado pelos valores híbridos que são delineados pelas convenções de entretenimento na televisão. Mesmo que os jogos, campeonatos e eventos esportivos não caracterizem formatos jornalísticos puros, a relação de tais transmissões com o jornalismo é fundamental para que o público compreenda melhor esses produtos (TÊMER, 2012).

Ainda dentro do próprio campo do jornalismo esportivo, outras tensões se estabelecem. A relação entre jornalistas de veículos impressos e jornalistas de televisão é marcada pelo debate sobre quem sustenta a verdade absoluta do jornalismo esportivo. De acordo com Boyle (2006), parte dos jornalistas esportivos – que já lutam contra o preconceito no campo jornalístico – veem os semelhantes que trabalham na televisão como o lado “leve” do jornalismo esportivo: questionam os atletas com perguntas que permanecem na “zona de segurança”, para proteger os interesses do canal ao qual estão submetidos. O choque inevitável expõe a discussão do que é permitido e/ou válido para os jornalistas de cada meio.

A elaboração da reportagem é a transmissão de informação e a geração de conhecimento. Contudo, é preciso levar em consideração que a programação televisiva de esportes deve ser vista além do entretenimento. Na área, profissionais especializados constroem e apresentam o que se define no meio esportivo. Na televisão, o esporte possui um status diferenciado e detém um estatuto próprio. É preciso, portanto, diferenciar o esporte-espetáculo propriamente dito (aquele gerado pelos serviços de *broadcasting*), a informação anexa do espetáculo (as narrações, debates de mesa-redonda, o jornalismo decorrente do evento) e a informação sobre o esporte (JASPERS *apud* SILVA; MARCHI JÚNIOR, 2009).

Para falar sobre o assunto, Têmer (2012) se baseia em uma pesquisa realizada no Brasil, a qual constatou que a maior rede de televisão do país dedica uma média de três horas e 50 minutos por semana para o conteúdo esportivo. Para a autora, o gênero informativo é predominante, mas a presença do utilitário é significativa, com destaque para os serviços (informações sobre partidas, horários, classificações, etc). O gênero divisional aparece em pequena escala – aquele que se dedica à busca de histórias curiosas. Há poucas notícias ou informações novas. Muitas vezes, a qualidade da informação esportiva é de caráter questionável, já que

se vê contaminada pelo sensacionalismo e perpassa os limites jornalísticos ao investir em informações descontextualizadas sobre a vida pessoal dos olímpianos. O que se vê na televisão, principalmente aberta, é a intenção de trazer a leveza e diversão do esporte para o jornalismo, mas isso contrasta com a cobertura realizada nos conteúdos voltados para o esporte (TÊMER, 2012).

Enquanto no jornalismo o esporte é leveza, na transmissão do evento tudo é sério, cada jogada é decisiva, cada decisão é fundamental, cada erro pode ser fatal. Ou seja, quando o assunto é o esporte, o material exibido na televisão torna-se o seu contrário: o jornalismo (cujo fundamento é a veracidade e o compromisso com a qualidade da informação) busca recursos – ou se transforma – no entretenimento, enquanto o entretenimento (cuja máxima é o lazer e a evasão) se ancora na seriedade e na linguagem formal (TÊMER, 2012, p. 301).

É possível observar diferentes tipos de produções na grade da programação esportiva. Na TV aberta – ao menos nos dois principais canais – o esporte se faz presente não apenas em forma de notícia, como também na transmissão ao vivo. Globo e Band dedicam mais tempo ao assunto, com a exibição de jogos, programas esportivos e reportagens variadas dentro da programação jornalística. A Record, embora tenha adquirido os direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos de Londres 2012 (e das versões de inverno em Vancouver 2010 e Sochi 2014), conta com apenas um programa dedicado ao esporte. A RedeTV transmite jogos da segunda divisão do Campeonato Brasileiro, além de matérias sobre esportes durante a programação.

Na TV fechada, quatro são os canais básicos de esportes: SporTV, ESPN, Fox Sports e Bandsports. Alguns deles agrupam outros canais de transmissão, por conta da agenda conflitante de exibições “ao vivo”, mas que priorizam a reprise de programas do canal-base. Dentre as produções, existem os telenoticiários esportivos – como é o caso do SporTV News, do Bandsports News e do SportsCenter (da ESPN Brasil) –, aqueles que investem em humor e notícia (o Globo Esporte, por exemplo), as “revistas” (como o Esporte Espetacular e o SporTV Repórter), os boletins informativos e os programas de mesa-redonda (Redação SporTV, Bate-Bola na ESPN). Ainda há os programas de entrevista (Bola da Vez, da ESPN) e alguns com formato mais descontraído, como o Bem Amigos! do SporTV e o Baita Amigos da Bandsports. O Central Fox, da Fox Sports, segue a linha do noticiário com opinião e mais descontraído. Vale lembrar que tanto na TV aberta quanto na paga o conteúdo primordial é o mesmo: futebol e divulgação de resultados de campeonatos de outras modalidades.

A definição perfeita para o que é majoritário no conteúdo esportivo na televisão – pelo menos na grande parte da programação aberta – vem de Bourdieu (1997): as informações que constituem a ação simbólica da televisão consistem em atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar a todo mundo (*omnibus*). Bourdieu (1997) nomeia essa variante como *fatos-ônibus*, aqueles que, como diz a definição, não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não provocam divisões, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas, de tal modo que não tratam de nada realmente importante. Como a televisão está sujeita aos interesses econômicos, como o próprio autor sugere, o tempo é algo extremamente raro no meio. Contudo, Bourdieu (1997) aponta que a televisão desperdiça esse tempo – que poderia ser destinado para dizer coisas relevantes – com informações que interessam a todo mundo sem ter consequências. O fato é que tais notícias são relevantes porque têm grande abrangência e espaço na mídia. Caso contrário, não ocupariam minutos tão preciosos. Bourdieu (1997) insiste que, se essas *coisas fúteis* recebem tamanho destaque, é porque elas são muito importantes na medida em que ocultam *coisas preciosas*.

Bourdieu (1997) afirma que, na televisão, uma *censura invisível* atua de forma a dominar os assuntos que são apresentados. Essa censura invisível, que também é composta pela censura econômica dos grupos que detêm os veículos de comunicação, é imposta, de certa maneira, aos indivíduos que prestam serviços a eles. Nesse sentido, inclusive, é indubitável que o universo jornalístico é um campo que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência. A inoperância do jornalismo esportivo na televisão também pode ser entendida – embora não justificada – por esse mecanismo que influi sobre os meios. A constante repetição da mesma agenda de pautas, bem como a falta de novidade nos assuntos é reflexo do mesmo problema.

É verdade também que – particularmente em um período no qual, como hoje, há um exército de reserva e uma enorme precariedade de emprego nas profissões da televisão e do rádio – a propensão ao conformismo político é maior. As pessoas se conformam por uma forma consciente ou inconsciente de autocensura, sem que haja necessidade de chamar sua atenção (BOURDIEU, 1997, p. 19).

(...) quanto mais se avança na análise de um meio, mais se é levado a isentar os indivíduos de sua responsabilidade – o que não quer dizer que se justifique tudo o que se passa ali –, e quanto melhor se compreende como ele funciona, mais se compreende também que aqueles que dele participam são tão manipulados quanto manipuladores. Manipulam mesmo tanto melhor, bem frequentemente, quanto mais manipulados são eles próprios e mais inconscientes de sê-lo (Ibid., p. 21).

A lógica das mídias, em última instância, atende a interesses econômicos, entronizando na televisão os índices de audiência e criando assim um círculo vicioso: os produtores pressupõem o que o público (que é visto como homogêneo) quer, e só lhe oferecem isso, portanto, não podem saber se o público deseja outra coisa. (...) A pobreza de conteúdo na TV brasileira é cada vez mais evidente, não obstante o artigo 221 da Constituição brasileira determinar que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão deverão conceder prioridade a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas (BETTI, 2002, p. 2).

O desconhecimento funcional e a falta de domínio teórico dos profissionais da área podem ter consequências no produto final que chega aos telespectadores. A ineficácia do jornalismo no sentido de desempenhar um papel social, principalmente na televisão, também é resultado disso. É mister que os jornalistas saibam que podem produzir efeitos sem equivalentes dispondo da força excepcional que é a imagem televisiva (BOURDIEU, 1997).

Os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o efeito de real, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas etc. (...) e a simples narração, o fato de relatar, to record, como repórter, implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou de desmobilização) (BOURDIEU, 1997, p. 28).

O poder de difusão que a televisão tem traz para o jornalismo um grande dilema. Segundo Bourdieu (1997), a televisão pode reunir em um telejornal noturno mais pessoas do que todos os jornais impressos reunidos. De acordo com o autor, a gravidade de uma “informação-ônibus, sem aspereza e homogeneizada” é tamanha que pode resultar até em efeitos políticos e culturais. O campo jornalístico, por sua vez, tem tamanha importância na sociedade por causa do monopólio sobre os instrumentos de produção e difusão da informação. Por meio de tais ferramentas, os jornalistas adquirem o monopólio dos cidadãos simples e também daqueles que são produtores culturais, o que por vezes é chamado de “espaço público” (BOURDIEU, 1997).

O padrão repetitivo dos telenoticiários de esporte apresenta fatos com pouco retorno social. O resultado do jogo, as curiosidades do campeonato, a entrevista com o craque. Quando se trata de cobertura esportiva (e isso já foi falado em relação ao serviço de *broadcasting*), os eventos são a prioridade. Embora a cobertura factual seja necessária para a sustentação do esporte – seja ele como espetáculo, com a obrigatoriedade de reprodução televisiva, ou de lazer, que ressurge pela valorização do espetáculo – os telenoticiários esportivos não podem

ser baseados apenas nisso, porque é um desperdício do potencial do meio, como bem apontou Bourdieu (1997).

Por vezes, os problemas das modalidades são ignorados pelas reportagens, bem como produções de cunho investigativo, combativas e de denúncia. Embora a televisão seja um dos principais meios de acesso do público à informação esportiva, pouco se encontra de cobranças em relação aos baixos investimentos no esporte-lazer. As relações necessárias entre o esporte e a sociedade também são apresentadas de forma rasa; quando encontradas, se restringem à televisão a cabo. A profundidade dos temas fica restrita a casos isolados de sucesso e a exposição das mazelas é contornada por histórias de superação, que são mais exceção do que regra. É a mídia que prioriza o evento ao processo (BETTI, 2002).

Como lembra Santaella (1996), a cultura das mídias é a cultura do efêmero, do breve, do descontínuo; é a cultura dos “eventos em oposição aos processos” (p. 36). Mas como a cultura das mídias caracteriza-se também pela interação entre elas, a mesma notícia passa de uma mídia a outra, permitindo análises mais aprofundadas nas revistas semanais e no jornalismo investigativo da TV por assinatura, por exemplo. Idealmente, as mídias seriam intercomplementares (Santaella, 1996), e a notícia da TV levaria o espectador ao jornal, daí à revista, etc. Mas quem no Brasil lê jornais, revistas ou pode pagar por uma TV a cabo? Daí o receio dos efeitos perniciosos que a televisão pode trazer a um país como o Brasil, com baixo nível educacional, com uma grande massa de analfabetos e semi-analfabetos (...) (Ibid., p. 2)

O evento, contudo, tem seus agentes de destaque. Como já visto na pesquisa, o surgimento dos ídolos sustenta o esporte e a mídia⁴⁹. Segundo Têmer (2012), o jornalismo produzido para a televisão – ou por ela – deve ter por princípio ser esteticamente atraente, bem como uma abordagem de histórias dramatizadas e espetacularizadas, num processo de produção que trabalha de forma constante com o sensacionalismo. Esse processo envolve uma forma de linguagem específica e um formato de criação romanceado, observação com a qual é possível entender as percepções de que os telenoticiários esportivos falam mais sobre as fofocas dos atletas do que sobre informações importantes relacionadas às modalidades. O jornalismo esportivo, que trata dos bastidores, informações técnicas privilegiadas e outros dados *exclusivos* (e que assim conquista o público), trata os atletas como heróis, como indivíduos únicos que trabalham a partir da superação. A intenção é, também, fidelizar o público através da identificação. O que ocorre, segundo Morin (1997), é que “a imprensa de massa, ao mesmo tempo em que investe os olímpicos de um papel mitológico”, principalmente pelo interesse comercial, invade

⁴⁹ Cf. supra p. 34

as vidas privadas desses personagens, para tentar encontrar neles “a substância humana que permite a identificação”.

O evento ao qual Betti (2002) se refere não está restrito aos seus protagonistas. De acordo com Eco (*apud* Têmer, 2012), a cobertura de esportes pode ter diferentes níveis de apropriação. Enquanto o esporte em si mesmo é uma forma de se cobrir esportes, o espetáculo esportivo é o que o autor chama de “esporte elevado ao quadrado”. O esporte-espetáculo ainda abre espaço para que o esporte seja “elevado ao cubo”, numa espécie de discurso do esporte assistido – como as mesas-redondas de futebol, por exemplo. O resultado que essa *falação esportiva*, segundo Betti (2002), pode gerar é muito grande (e imensamente positivo, se bem apropriado), mas o mau uso de tais ferramentas, como já foi citado em Bourdieu (1997), é um desperdício com consequências sérias, inclusive na área esportiva e no esporte da sociedade.

A bundalização da TV arreganhada invade o campo e dá carrinhos por trás da informação qualificada. Os índices de audiência pautam a cobertura e o enfoque turvo dos fatos. Logo, manda na mídia quem manda na arquibancada, mais que no campo (BETING, 2005, p. 28).

3.5 A COBERTURA DE FUTEBOL

DaMatta (1982) disse que o futebol transcende o mero noticiário dos jornais e televisão e essa parece ser a verdade universal para todos os fãs da modalidade. Mas não seria essa característica interdisciplinar uma qualidade do próprio esporte, como um todo, e não apenas do futebol? “O pior cego é o que só vê a bola”, apontou sabiamente Nelson Rodrigues, em uma de suas célebres frases relacionadas ao ludopédio⁵⁰. Nesse sentido, ao que parece, a imprensa esportiva só *vê a bola*: mais de 80% do noticiário esportivo nacional corresponde ao futebol (CAMARGO *apud* SOUSA, 2012).

Numa observação desavisada, dependendo do dia do noticiário, é possível acreditar que não há interessados ou praticantes de outras modalidades no Brasil. A maior parte dos programas esportivos de televisão é dedicada ao futebol. Salvo algumas exceções, como as produções de automobilismo e de esportes radicais, o foco é a discussão *boleira*.

⁵⁰ Sinônimo de “futebol”.

Mais ainda: essa preocupação exclusiva com o futebol deixa parecer que o país não tem competência explícita e reconhecida em outras áreas. Beting (2005) definiu que seria mais apropriado, na conjuntura brasileira, se apresentar como “jornalista futebolístico”, dadas as circunstâncias de trabalho. De fato, a nomenclatura caberia adequadamente no que é visto na imprensa esportiva.

Betti (2002) é um dos autores que aponta que a *falação esportiva* no Brasil está majoritariamente relacionada ao futebol, num índice que cresceu possivelmente por causa da descoberta da relação custo-benefício das redes de televisão. Embora muitos insistam na ideia de “país do futebol” (e, de fato, a arte da bola nos pés seja predominante em terras tupiniquins), há uma desproporção em relação às outras modalidades – o número de praticantes e o tempo dedicado a elas na mídia (BUENO, 2014).

Para Bueno (2014), a cobertura eventual das diversas modalidades – principalmente em época de grandes competições internacionais – prejudica atletas e equipes técnicas envolvidas com tais esportes, que se veem solitários, no desenvolvimento do esporte, ou empreendedores, em busca de formas alternativas de rentabilizar seu trabalho. O autor afirma que a imprensa age de maneira egoísta, visto que só reconhece os vencedores e relega os demais ao esquecimento, deixando de cumprir o papel que tem de estimular novas vocações e de valorizar o espírito de competição.

Outro ponto importante levantado por Bueno (2014) é que a cobertura esportiva se limita a um espaço de atuação restrito, delineado pelo pré, durante e pós-jogos e competições. “Não há vida fora dos torneios”, o que empobrece o conteúdo esportivo veiculado. A monocultura esportiva da televisão – mais “mono” do que “esportiva”, segundo Beting (2005) – fica órfã dos eventos nos períodos de recesso dos campeonatos de futebol e pretere temas absolutamente fundamentais para o esporte por ganchos artificiais.

A crítica de Bueno (2014) é de que a imprensa sofre de *miopia crônica*, porque desvaloriza modalidades e atletas de menor expressão. O preconceito continua, inclusive, porque a própria imprensa por vezes deixa de examinar as informações, de procurar novidades, de buscar a crítica do esporte. O que se mantém são as coberturas temporais e imutáveis sobre a mesma modalidade, que em nada contribuem para o esporte nacional. O autor, inclusive, questiona o motivo da imprensa só ter enxergado Gustavo Kuerten quando ele foi campeão de Roland

Garros, já que o atleta despontava, alguns anos antes, como fenômeno nas competições juvenis.

Silva e Marchi Júnior (2009) observam que a pluralidade dos programas esportivos ocorre no sentido do aumento do número de eventos relacionados à mensagem, mas que a formatação e a abordagem são basicamente sempre as mesmas. Essa escolha por assuntos rotineiros, que afastam uma perspectiva diversificada, padroniza ideias e não desperta no público novos interesses. A televisão, embora tenha uma ampla gama de programas esportivos, é generalista e insiste nas mesmas discussões sobre o futebol.

A prevalência de formatos também pode ser observada como resultado da falta de visão jornalística. A mesmice da cobertura futebolística decorre da falta de opções do público, que sem outras possibilidades reafirma a audiência das fórmulas tradicionais. Daí também surge a muleta que a indústria da mídia utiliza para justificar a insistência nos conteúdos de sempre: é o que o público quer assistir, outras modalidades não dão audiência, etc. (BETTI, 2002).

Beting (2005) afirma que para sair da “ladainha” sobre futebol, é preciso um pouco mais de entendimento. Nisso, o autor critica a própria cobertura de futebol, não pelo fato monotemático, mas pela pouca profundidade no que se lê, ouve ou vê. “Os jargões ‘o público não se interessa’, ‘isso não dá lbope’, ‘é assunto técnico e político e as pessoas só querem ver bola na rede’ tiram o assunto da pauta e o futebol do sério”, aponta Beting (2005). A solução, para ele, está na própria imprensa, que tem como função básica tornar interessantes os assuntos que não interessam tanto assim. O aprimoramento, de acordo com o autor, seria uma solução para os profissionais de imprensa.

Ao se referir ao conceito de indústria cultural da Escola de Frankfurt, Betti (2002) pontua a lógica perversa do mercado que privilegia novidades de baixo investimento e, assim, degrada o gosto dos cidadãos com a justificativa de ceder ao desejo do público. Transmitem futebol, porque é o que o povo quer. Sem sentido educacional ou funcional, sem interesse em despertar novos entusiasmos. Segundo Betti (2002), a sociedade civil deveria impor limites a esse processo, através do Conselho de Comunicação Social.

A imprensa esportiva voltada para o futebol reflete muito sobre o que se faz com as demais modalidades. Os programas de mesa-redonda, com críticas sem medir as consequências e vozes alteradas, são exemplos básicos de como funciona

o esporte apresentado pelo telejornalismo. Enquanto se é campeão – ou se está ganhando –, não há motivos para reclamar. Ao menor sinal de tropeço, a relação muda de direção. Pouco se encontra de crítica com embasamento, de questionamento com sentido funcional. Se o jornalismo age de forma errada com o futebol, trabalha da mesma maneira com os outros esportes.

A crítica sem cuidado não é só um erro jornalístico ou ético. É uma falha humana. Separar o profissional do ser humano é essencial. Profissionalizar a crítica é dever básico. (...) Jubilamos profissionais, detonamos pessoas, arrasamos reputações, incitamos reações violentas nas escolinhas dos filhos dos criticados - para não escrever xingados, detonados, vilipendiados, arrasados. Nós costumamos não ter a menor responsabilidade para criticar (BETING, 2005, p. 33).

Um fato curioso e que merece atenção em relação à cobertura do futebol e à própria transmissão da modalidade é a decrescente audiência, ano após ano. Em pesquisa encomendada pela Rede Globo, uma constatação cruel fez com que a emissora de televisão se mobilizasse: os baixos índices podem levar à extinção da transmissão do futebol na televisão aberta⁵¹. A informação de que o futebol perde 10% de audiência a cada ano fez com que a rede marcasse reuniões com os responsáveis pelo produto esportivo. Embora a ideia de que outros esportes tomarão o espaço do futebol na televisão seja ilusória, mesmo que as redes abertas já transmitam ao vivo outras modalidades (vôlei e MMA, por exemplo), a rejeição ao futebol brasileiro pode representar uma mudança por parte do público, seja de hábitos de consumo ou de interesse. Se isso também pode significar uma variação no espaço dedicado a outras modalidades, só o tempo dirá.

3.6 A COBERTURA DO TÊNIS DA ÉPOCA DE GUGA AOS DIAS DE HOJE

Mesmo que a pesquisa já tenha discutido o histórico do tênis na televisão brasileira, bem como o espaço dedicado à modalidade nas redes nacionais, é válido observar um pouco do conteúdo jornalístico que tomou conta dos noticiários esportivos desde que Gustavo Kuerten surgiu como um expoente no circuito mundial. Mais do que o investimento na transmissão do esporte e na produção de programas temáticos, é interessante observar qual linha foi adotada para cobrir a modalidade até hoje.

⁵¹ UOL. **Globo exige ibope e alerta clubes**: futebol na TV aberta vai morrer. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-exige-ibope-e-alerta-clubes-futebol-na-tv-aberta-vai-morrer-4303>>. Acesso em: 18 set. 2014.

Bartholo e Soares (2006) analisaram o conteúdo de diversas publicações da era Guga para encontrar indícios da transformação do tênis em fenômeno midiático no Brasil a partir dos feitos do atleta. De acordo com o que foi estudado, os autores observaram mudanças significativas do tratamento da modalidade, sob a perspectiva do herói, ao longo dos anos de carreira de Gustavo Kuerten.

Guga surgiu para a grande imprensa em 1997, então número 66 do ranking mundial, quando venceu o Grand Slam de Roland Garros. Na ocasião, as matérias jornalísticas apresentadas narravam aspectos técnicos ou táticos dos jogos disputados. Segundo Bartholo e Soares (2006), os jornais construíram narrativas sobre as vitórias do atleta a partir de elementos representativos da cultura nacional: suas roupas coloridas com os tons da bandeira e seu jeito descontraído. As comparações com o futebol, inevitáveis, se dividiam com os paralelos em relação a Ayrton Senna. Um fato interessante na primeira conquista de Guga, registrado pelos jornais da época, foi que a Seleção Brasileira de Futebol se encontrava na França para um torneio e a comemoração do maior feito de um tenista brasileiro foi com os ídolos do futebol.

No ano 2000, a situação apresentou várias mudanças na cobertura da temporada de Gustavo Kuerten. Depois de passar três anos na construção de uma carreira sólida no circuito, Guga ocupa outro patamar no imaginário esportivo brasileiro. No Jornal do Brasil, um dos maiores da época, o ex-jogador brasileiro Thomas Koch é contratado para escrever uma coluna de análises técnicas. As publicações se preocupam mais em narrar o jogo, ao invés de apresentar o atleta ao público, além de utilizar linguagem específica da modalidade (BARTHOLO; SOARES, 2006).

Em 2001, a maturidade dos cadernos de esporte ao tratar de tênis é mais evidente. Bartholo e Soares (2006) comentam que não se encontra mais a narrativa futebolística ou tosca em relação à modalidade, mas um pouco mais de objetividade no tratamento do assunto. Uma das principais mudanças é o tipo de matéria produzida: não existe mais a menção ao Guga surfista de roupas coloridas, mas conteúdo narrativo especializado.

Sem o surgimento de um nome forte como o de Gustavo Kuerten após o término de sua carreira, a cobertura esportiva do tênis se manteve focada na prestação de serviço – a divulgação de resultados e horários de transmissão de jogos pela TV fechada. A necessidade de um herói, da associação da modalidade a

uma figura, é quase que inevitável para o *modus operandi* da imprensa esportiva. Gabler (*apud* Sousa, 2012) confirmou exatamente isso: que os eventos esportivos estão subordinados às histórias de vida dos atletas e que, na atualidade, são essas histórias que conectam o público a um evento. Para o autor, o público já não se contenta somente com o esporte, por isso a necessidade das estórias sobre esportes.

É possível, inclusive, citar um exemplo recente. Em 2010, o adolescente Tiago Fernandes conquistou o Grand Slam Australian Open na categoria juvenil. Na época, entrevistas comparavam o atleta a Guga e as matérias assumiam uma tonalidade de promessa para o público⁵². A televisão, por sua vez, apresentava Tiago Fernandes ao público através da abordagem de assuntos pessoais, como a vida sentimental⁵³, além dos *implacáveis* comparativos com o antecessor. Embora tivesse os resultados da carreira cobertos pelos grandes portais esportivos, o espaço do tenista na imprensa ficou restrito às vitórias que acumulou na trajetória. Em 2014, Fernandes anunciou a aposentadoria para se dedicar aos estudos universitários. O fato recebeu destaque na internet⁵⁴ e nos telejornais esportivos da tevê fechada⁵⁵.

Também em 2014, o número um do Brasil e capitão do time brasileiro, Thomaz Bellucci (que é junto com Bruno Soares o nome mais citado pela imprensa quando o assunto é tênis), foi protagonista do retorno da equipe à divisão de elite da Copa Davis, o torneio por equipes do circuito mundial. A transmissão da competição foi promovida pelo canal SporTV, bem como a cobertura jornalística do feito brasileiro. Na rede nacional, em TV aberta, a conquista teve um curto espaço, também com características de anúncio de resultado⁵⁶. Teliana Pereira, no início da temporada, foi protagonista de uma matéria diferente, que focava na preparação da

⁵² ITOKAZU, Fernando. Juvenil faz história na Austrália: Tiago Fernandes, 17, bate anfitrião e é primeiro atleta até 18 anos do país a vencer um Grand Slam. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. D5. 31 jan. 2010.

⁵³ GLOBOESPORTE.COM. **Tiago Fernandes revela: 'Meu amor é o tênis e minha namorada é a raquete'**. 2010. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Esporte_Espetacular/0,,MUL1480343-16321,00.html>. Acesso em: 18 set. 2014.

⁵⁴ GLOBOESPORTE.COM. **Aposentado aos 21 anos, Tiago Fernandes diz: "Apoio nunca faltou"**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/tenis/noticia/2014/08/aposentado-aos-21-anos-tiago-fernandes-diz-apoio-nunca-faltou.html>>. Acesso em: 18 set. 2014.

⁵⁵ Depois de ser número 1 do ranking juvenil, Tiago Fernandes anuncia aposentadoria. **SporTV News**. São Paulo: SporTV, 03 de Setembro de 2014. Programa de TV.

⁵⁶ Com vitória de Bellucci, Brasil vence Espanha por 3 a 1 na Copa Davis. **Globo Esporte**. Rio de Janeiro: Globo, 15 de Setembro de 2014. Programa de TV.

atleta para os torneios do ano⁵⁷. Outros nomes do tênis nacional têm ganhado destaque, como é o caso de Orlando Luz, conhecido como Orlandinho. As matérias em relação ao tenista de 16 anos, contudo, ainda se restringem ao acompanhamento de partidas importantes⁵⁸.

Além dos resultados dos torneios, o tênis também aparece na televisão em reportagens que apresentam personagens curiosos^{59 60}. Numa breve pesquisa, foi possível encontrar uma reportagem de cunho diferenciado que abordava a modalidade. A afiliada da Rede Globo no Distrito Federal questionou o fechamento de um espaço privado conhecido de Brasília que era utilizado para a prática de tênis. O material, contudo, foi destinado ao noticiário local, sem qualquer relação aprofundada com o esporte⁶¹.

⁵⁷ Teliana Pereira treina forte em Umuarama. **Globo Esporte**. Curitiba: Globo, 13 de Dezembro de 2013.

⁵⁸ Orlando Luz conquista a medalha de prata no tênis pelos jogos olímpicos da juventude. **SporTV News**. São Paulo: SporTV, 23 de Agosto de 2014. Programa de TV.

⁵⁹ Jovem apaixonada por tênis intensifica treinos para circuito da capital. **Globo Esporte**. Palmas: Globo, 22 de Agosto de 2014.

⁶⁰ Conheça o operário que venceu mais etapa do tênis dos jogos do SESI. **Globo Esporte**. Manaus: Globo, 09 de Setembro de 2014.

⁶¹ Espaço da Academia de Tênis está fechado há quatro anos. **DFTV**. Brasília: Globo, 12 de Agosto de 2014. Programa de TV.

4 A ANÁLISE

4.1 PESQUISA QUALITATIVA – ENTREVISTA INDIVIDUAL EM PROFUNDIDADE

4.1.1 Sobre o Método

O método escolhido para a realização desta pesquisa foi a “entrevista individual em profundidade”. A técnica é qualitativa e, portanto, tem como características, segundo Oliveira (2008), a interpretação como foco, o enfoque na subjetividade, a flexibilidade na conduta do estudo e o interesse primordial no processo. É um método que explora o assunto através da procura de informações, percepções e experiências de informantes para que o pesquisador possa analisar e apresentar os dados de maneira estruturada. Uma das principais vantagens de tal abordagem é a flexibilidade que o informante tem em definir os termos da resposta, além da liberdade que o entrevistador tem para ajustar as perguntas. O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos (DUARTE, 2011).

A intenção desse recurso metodológico é buscar, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, encontrar respostas por meio da experiência subjetiva da fonte. O entrevistado, por sua vez, é escolhido porque detém informações que se deseja conhecer. O resultado final da pesquisa se dá através da interpretação e reconstrução dos dados pelo pesquisador, com um diálogo crítico e inteligente da realidade encontrada (DUARTE, 2011).

De acordo com Duarte (2011), as perguntas realizadas na entrevista em profundidade permitem que o pesquisador explore um assunto e o aprofunde, descreva processos, compreenda o passado e faça prospectivas. Segundo o autor, é possível que o pesquisador interprete e obtenha juízos de valor, bem como explique fenômenos de abrangência limitada.

A entrevista individual em profundidade busca a intensidade nas respostas, sem intenções estatísticas. Logo, esse método não permite testar hipóteses, nem definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno.

Não se busca, por exemplo, saber quantas ou qual a proporção de pessoas que identifica determinado atributo na empresa A. Objetiva-se saber como ela é percebida pelo conjunto de entrevistados. Seu objetivo está

relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Deste modo, como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. Por isso, a noção de hipótese, típica da pesquisa experimental e tradicional, tende a ser substituída pelo uso de pressupostos, um conjunto de conjecturas antecipadas que orienta o trabalho de campo. Estabelecidas limitações e condições de realização, a entrevista pode ser ferramenta bastante útil para lidar com problemas complexos ao permitir uma construção baseada em relatos da interpretação e experiências, assumindo-se que não será obtida uma visão objetiva do tema de pesquisa (DUARTE, 2011, p. 63).

Duarte (2011) afirma que, através da entrevista em profundidade, é possível, por exemplo, explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação, bem como identificar motivações para uso de determinado serviço – algo que, de fato, cumpre o propósito desta pesquisa. Para o autor, é uma técnica flexível e útil para que se possa apreender uma realidade relacionada ao entrevistado e para que se possa descrever processos nos quais a fonte está ou esteve envolvida.

Como técnica de pesquisa – e, portanto, diferentemente da prática jornalística – a entrevista exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos. No caso, o marco conceitual no qual se origina, os critérios para seleção das fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações são pontos muito importantes para validar os resultados da pesquisa. Para o propósito de cada pesquisa, um tipo de modelo de entrevista. Para esta pesquisa, o modelo de entrevista escolhido foi o de entrevista semi-aberta (DUARTE, 2011).

A entrevista semi-aberta é baseada em um roteiro de questões que guiam e dão cobertura ao interesse da pesquisa. As perguntas, no caso, têm origem no problema da pesquisa e procuram abranger a amplitude do tema, de forma que as questões são apresentadas da forma mais aberta possível. Para a realização da entrevista, os critérios se dão de acordo com a preferência do entrevistador. A ordem das questões, a profundidade e a forma de apresentação são critérios guiados a partir do conhecimento do entrevistado e da qualidade da informação nas respostas (DUARTE, 2011).

Segundo Duarte (2011), é essencial lembrar que as perguntas devem ser tratadas de forma única, de modo que sejam exploradas ao máximo. O roteiro inicial exige poucas questões, mas mesmo assim as perguntas devem ser amplas e sem redundâncias, para proporcionar um resultado satisfatório. O autor afirma que é uma

entrevista conduzida pelo entrevistado, de uma maneira que valorize o conhecimento da fonte sobre o tema, mas que não perde o princípio de se ajustar ao que foi proposto pelo pesquisador. Na entrevista semi-aberta, o roteiro com as questões-chave serve como base de orientação para os resultados. O bom roteiro deve considerar a possibilidade de apontar tópicos relevantes relacionados com cada pergunta. O método auxilia o entrevistador a lembrar dos pontos necessários em cada questão e, assim, evitar brechas na pesquisa.

Para Duarte (2011), a validade e a confiabilidade no uso da técnica de entrevista em profundidade estão relacionadas a três questões. A primeira é a seleção dos entrevistados. A pesquisa exige fontes que têm envolvimento com o assunto e que podem falar sobre o problema proposto sem dificuldades. No estudo qualitativo – como é o caso desta pesquisa – a preferência se dá a um número restrito de fontes com qualidade de conteúdo. Entre as características das fontes, é possível destacar a importância de que elas deem visões e relatos diferentes sobre os mesmos fatos. A relevância da pesquisa está relacionada com a contribuição que pode dar para atingir os objetivos finais. A definição dos entrevistados depende do julgamento do pesquisador e do propósito da pesquisa (DUARTE, 2011).

Outro critério que está relacionado à confiabilidade da técnica é o uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis. O embasamento teórico e a postura do pesquisador durante o procedimento de entrevista são muito importantes para conferir validade aos resultados.

Por fim, o terceiro ponto que define o valor da técnica é a descrição dos resultados de forma bem articulada entre as informações obtidas e o conhecimento teórico disponível. A análise e a articulação de conteúdo dependem do pesquisador. Vale lembrar que a descrição das informações deve se dar por ordem de relevância para a pesquisa e não pela força política da fonte (DUARTE, 2011).

4.1.2 Modelo de entrevista aplicado

As perguntas do questionário desta pesquisa foram desenvolvidas a partir da hipótese de que os entrevistados, como público qualificado do produto, percebem a realidade disfuncional do jornalismo esportivo, que a função profissional, da forma como é apresentada, não cumpre o papel jornalístico. Os pressupostos, embutidos

nas perguntas, estabelecem um paralelo com o embasamento bibliográfico apresentado nos capítulos anteriores.

As dezesseis perguntas gerais foram divididas em blocos de grandes assuntos. As primeiras tratavam de hábitos dos entrevistados, como a frequência com a qual assistem a conteúdos esportivos na televisão e a opinião deles sobre a qualidade daquilo que veem. Na sequência, duas perguntas abordavam o conflito entre jornalismo e entretenimento, com o objetivo de entender melhor a visão dos entrevistados sobre o debate. As três perguntas sobre a função social do jornalista visava perceber padrões de entendimento teórico e prático da profissão. As perguntas que abordavam esporte-espetáculo e esporte lazer seguiam o mesmo propósito, num sentido mais amplo da compreensão do que se passa no esporte brasileiro e qual a relação da imprensa com isso. As questões sobre cobertura esportiva buscavam respostas para o recorrente uso das mesmas modalidades na televisão. Por fim, as duas perguntas sobre formação e qualidade jornalística tentavam enxergar um pouco da visão dos entrevistados sobre o conteúdo acadêmico e sua influência no jornalismo.

4.2 ENTREVISTADOS E CRITÉRIO DE ESCOLHA

O critério de escolha para os entrevistados foi intencional. Como define Duarte (2011), esse critério é caracterizado quando o pesquisador faz a seleção de fontes por juízo particular, seja priorizando o conhecimento da fonte sobre o tema proposto ou com representatividade subjetiva.

Para Duarte (2011), existem cinco tipos de informantes para as entrevistas em profundidade. A primeira fonte é o *especialista*, que geralmente é um acadêmico ou pesquisador da área e que tem grande experiência no assunto, mas que não está diretamente envolvida no problema. Outra espécie é o *informante-chave*, aquele que é fonte fundamental para a pesquisa por estar profunda e diretamente relacionado com os aspectos centrais da questão. O *informante-padrão* é o que está envolvido com a pesquisa, mas que pode ser substituído sem que isso acarrete prejuízos na qualidade do trabalho. O quarto tipo é o *informante complementar*, aquele que se tornou uma fonte por questão de oportunidade da pesquisa. Ele não é citado como fonte no relatório por não atender aos requisitos metodológicos, mas pode contribuir com informações circunstanciais. Por último, o *informante-extremista* é o que

contraria as principais fontes por possuir uma visão particular sobre o tema (DUARTE, 2011).

A classificação das fontes escolhidas é dada pelo pesquisador. Portanto, para esta pesquisa, foram selecionadas fontes específicas para cada objetivo, de forma que o resultado final priorizasse a pesquisa acadêmica e o produto que seria desenvolvido. De acordo com o método e as sugestões de Duarte (2011), foram escolhidos sete entrevistados para esta pesquisa.

Na categoria de “especialista”, o Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri é uma referência na área de políticas públicas para o esporte no Brasil. Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, hoje é docente da Universidade Federal do Paraná e vice-diretor do Setor de Ciências Biológicas⁶².

Como “informantes-chave”, três foram os entrevistados selecionados. O primeiro deles é José Trajano, jornalista que atua como comentarista do canal ESPN Brasil, do qual já foi diretor de jornalismo. Também trabalhou na TV Cultura e no jornal Folha de São Paulo. Outra fonte é produtor de esportes da RPC TV Luciano Balaroti, jornalista formado pela Universidade Federal do Paraná. Por fim, o ex-tenista Fernando Meligeni, que hoje também exerce função de comentarista no canal ESPN Brasil⁶³.

Para responder como “informantes-padrão”, duas fontes foram escolhidas. Jornalista formado pela PUC-PR, Leonardo Mendes Junior é colunista, blogueiro e editor da Gazeta do Povo. Outro informante é o jornalista Paulo Calçade, que exerce a função no canal de TV fechada ESPN Brasil e escreve para o jornal O Estado de São Paulo. O terceiro da categoria é o jornalista Cristian Toledo, que atua como funcionário do Grupo Paranaense de Comunicação.

4.3 DESCRIÇÃO DO PROCESSO

As entrevistas foram realizadas entre os dias 9 de setembro a 17 de outubro de 2014. O encontro com as fontes se deu em Curitiba e em São Paulo, sendo que os locais de entrevista em Curitiba foram a sede do jornal Gazeta do Povo, a quadra de tênis do Jardim Ambiental e o setor de Ciências Biológicas da Universidade

⁶² LATTES. **Fernando Marinho Mezzadri**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1053074023423763>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

⁶³ ESPN. **Fernando Meligeni**. Disponível em: <<http://espn.uol.com.br/blogs/fernandomeligeni/#/1>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

Federal do Paraná. Em São Paulo, as entrevistas foram realizadas na sede da ESPN Brasil e na residência de uma das fontes.

A partir do questionário e do interesse de que as fontes respondessem adequadamente às perguntas, outras questões pertinentes foram acrescentadas no decorrer da entrevista. As entrevistas foram documentadas em áudio e vídeo, inclusive pela interlocução de mídia a qual esta pesquisa se propõe.

As fontes confirmaram a condição de assistentes qualificados de conteúdo esportivo. Os entrevistados se mostraram familiares aos termos jornalísticos utilizados no questionário, apesar de alguns demonstrarem desconhecimento em relação a conceitos apresentados, como a ideia de “esporte-lazer”. A partir da percepção obtida pelas entrevistas, a questão na qual as fontes tiveram mais dificuldade para elaborar uma resposta foi a que abordava a sugestão de resoluções para que o jornalismo atue como catalisador de políticas públicas. Durante a entrevista, por vezes foi necessária a inclusão de novas perguntas, a fim de fazer com que a fonte se ativesse ao tema proposto. Mesmo assim, era possível observar que os entrevistados transitavam com facilidade por todos os assuntos abordados.

Os resultados descritos a seguir são baseados nas respostas obtidas nas entrevistas. O que está especificado neste trabalho é o entendimento dos entrevistados sobre as questões propostas, bem como a visão, a partir do ponto de vista de cada um, de como a imprensa esportiva atua na televisão, visando o compromisso público com a sociedade. Com base no levantamento de hipóteses realizado ao longo da pesquisa bibliográfica, a análise objetivou a observação de padrões, para um melhor entendimento dos fenômenos, e a proposição de novas ideias.

4.4 ANÁLISE DO RESULTADO

O questionário aplicado nas entrevistas abordava temas que foram fundamentados nas primeiras unidades desta pesquisa. De acordo com cada tema principal, os resultados foram divididos em outras vertentes, para que fosse possível fazer uma análise mais aprofundada das respostas obtidas. As transcrições das entrevistas podem ser encontradas nas páginas de anexo deste trabalho.

Antes de avançar nas questões mais relevantes, os entrevistados foram qualificados de acordo com características e hábitos, primordialmente relacionados

ao conteúdo esportivo. É válido pontuar, como já foi exposto no trabalho, que as fontes foram escolhidas de acordo com a capacidade de dialogar sobre assuntos concernentes ao universo acadêmico, dos esportes e da comunicação.

Os sete entrevistados declararam assistir a esportes na televisão com frequência diária. As fontes que trabalham com comunicação fizeram questão de pontuar que assistem aos esportes na televisão também pela obrigação profissional de ter notícias atualizadas do universo esportivo. Ao falarem sobre as modalidades que mais assistem, as respostas foram diversas, apesar de todos terem afirmado que veem vários esportes. José Trajano afirmou que gosta de vários esportes, como basquete, vôlei e tênis, e lembrou que alguns esportes são muito difíceis de serem televisionados. Luciano Balaroti citou o automobilismo, mas lembrou que assiste ao futebol com mais frequência porque é o esporte mais oferecido na televisão. Fernando Meligeni pontuou as modalidades norte-americanas. Paulo Calçade disse que o futebol é o número um de sua lista, principalmente porque é seu esporte preferido. Leonardo Mendes Junior ressaltou a dificuldade que tem em assistir algum esporte como mero espectador e, por isso, acaba por ver futebol a maior parte do tempo. Cristian Toledo, por sua vez, disse que trata futebol como trabalho e que prefere assistir ao vôlei.

Questionados se assistiam a telenoticiários esportivos, os entrevistados não tiveram a mesma reação. Enquanto alguns afirmaram que assistem a esse tipo de programa, outros disseram que veem numa frequência inferior a transmissões esportivas.

A linha tênue entre o entendimento do que vemos como esporte, do que é esporte em si e do conteúdo jornalístico sobre o tema – todas as três categorias diferenciadas nesta pesquisa – dá traços logo nos primeiros questionamentos sobre os hábitos das fontes. Isso fica claro na declaração de alguns entrevistados, que afirmam ver menos a telenoticiários esportivos do que ao esporte em si.

Em seu eixo central, a pesquisa parte do pressuposto previamente apresentado de que o jornalismo esportivo deve ser, acima de tudo, jornalismo. Logo, a qualidade dos telenoticiários esportivos foi o assunto subsequente das entrevistas, para que os outros temas pudessem ser avaliados.

Para José Trajano, a tendência do jornalismo esportivo contemporâneo é confundir informação com humor. A falta de criatividade das pautas, que enxergam no humor uma tentativa de resgate, dita o teor dos telenoticiários de esporte.

Segundo Paulo Calçade, existem diferenças na qualidade dos noticiários, dependendo do segmento ao qual eles atendem, seja na televisão aberta ou nos canais pagos. Leonardo Mendes Junior concordou com a fala e acrescentou que a qualidade, “para quem gosta de informação, é muito maior na TV fechada”. Cristian Toledo completou ao dizer que é natural que a informação, na televisão aberta, seja “mastigada” e quase no “limiar da piada”. Seguindo o mesmo padrão apresentado na pesquisa, a tendência dos entrevistados foi observar que o conteúdo jornalístico relacionado ao esporte é mais refinado na televisão paga.

Sobre as espécies de programa, por exemplo, Fernando Mezzadri classificou na categoria dos telenoticiários esportivos as “mesas-redondas”. Os formatos desgastados – criticados nesta pesquisa – ainda parecem surgir como forma de identificação do público sobre o que pode ser considerado conteúdo jornalístico.

A pesquisa discutiu algumas teorias sobre esporte e sua *espetacularização*, que culminaram na prerrogativa de que o conteúdo jornalístico não compreende a totalidade do esporte. Mais do que isso, foi apontado que o esporte apresentado na televisão difere do esporte conceitual, no sentido de que apresenta apenas algumas características do todo.

De acordo com Fernando Mezzadri, a ligação que falta no Brasil para que o esporte se desenvolva de forma geral e para que a imprensa possa dialogar de forma correta com o mundo esportivo é a democratização das práticas. O esporte-lazer, aquele introduzido culturalmente na sociedade pelas políticas públicas (sejam nos espaços públicos ou nas escolas), é o que deve ser a maior preocupação dos governos. O que acontece, no sistema atual, é o foco no alto-rendimento, o esporte-espetáculo. Segundo Paulo Calçade, é utopia investir no esporte de alto-rendimento se uma política de base esportiva não é trabalhada.

Os dois entrevistados citaram o fato de que o jornalismo de esportes está envolvido nisso, talvez por fazer parte de um sistema que trata do esporte de forma descompassada, ou também por negar a influência, mesmo que mínima, que pode ter numa possível mudança de pensamento. Fernando Mezzadri criticou pontualmente a cobertura midiática:

Sempre dos exemplos que são dados, as ações, são voltadas para o alto-rendimento. Na imprensa televisiva, principalmente nos grandes veículos, isso é muito mais comum. (...) Ao fazer isso, ela pega apenas uma dimensão do esporte: a do alto-rendimento. Então, ela pega uma parte do que nós entendemos que seja o esporte e não o esporte como um todo,

porque uma ou outra reportagem vai falar sobre o esporte educacional, sobre o esporte no tempo livre das pessoas, de lazer. (...) Ela pega o esporte de alto rendimento, onde é a espetacularização, a comercialização do esporte. Com isso, a imprensa acaba limitando o esporte como um todo e passando para a sociedade uma imagem que não é real. Não é a única imagem que deve ser passada (MEZZADRI, 2014).

A pesquisa afirmou que o esporte-espetáculo como cultura de massa é um produto de entretenimento e, pelo jornalismo, tem sido tratado como tal, ao invés de ser visto sob a ótica jornalística. Sobre o assunto, Paulo Calçade afirmou que o esporte é uma indústria e, portanto, deveria “ser tratado como esporte e como indústria”. A ambiguidade de interesses, levantada pela própria fonte, está expressa em como isso é tratado pelos próprios jornalistas.

No nosso caso, eles se encontram, se juntam: você pratica o jornalismo, mas tem alguns momentos que aquilo é puro entretenimento. Mas você também não pode deixar o jornalismo de fora daquilo e fechar os olhos para as questões jornalísticas, mesmo quando é entretenimento. É uma relação que precisa ser muito bem dosada: você não pode estragar o entretenimento, que é até uma forma de respeitar quem está assistindo (CALÇADE, 2014).

Ao levar em consideração as respostas dos entrevistados, é possível afirmar que o diálogo entre entretenimento e jornalismo não é incompatível, diferente da tendência que as hipóteses pesquisadas levantavam. Para José Trajano, a criatividade é fundamental no conteúdo para que seja possível driblar o conflito. Leonardo Mendes Júnior concorda:

É um conflito até um pouco preguiçoso, porque se trata como se tivesse que ser uma coisa ou outra. Ou é entretenimento, ou é jornalismo. Ninguém se ocupa muito de ver que as duas coisas são possíveis de conviver, que é possível você colocar na mesma fórmula algo que informe, que põe o dedo na ferida quando é necessário, mas que também divirta as pessoas, que faça com que elas percebam que estão gastando o tempo delas com algo um pouco mais leve que as vidas delas. Parece-me muita preguiça. Isso aqui é entretenimento? Então varre o jornalismo pra debaixo do tapete. Isso é jornalismo? Então é só cacete, só mau humor, não tem gracinha. (...) É possível sim conviver desde que haja um esforço para combinar os dois lados: para dar o peso jornalístico que tem que ter e pra você tratar o produto da maneira que você quer tratar (MENDES JÚNIOR, 2014).

De qualquer forma, mesmo que as fontes apontem que é essencial respeitar os limites entre entretenimento e jornalismo, apesar do esporte estar profundamente relacionado com o entretenimento, os entrevistados demonstraram certa dificuldade em colocar exemplos nos quais essa relação tem dado certo. Cristian Toledo aponta uma visão ampla do tópico. Segundo ele, o entretenimento é premissa da televisão e a interação entre esse ponto e o trabalho jornalístico depende da forma de agir do profissional.

Para mim, o jornalista pode exercer sua credibilidade, sua profissão, em qualquer tipo de programa. Agora, há um caminho inevitável na busca para que tudo seja entretenimento. Em televisão, tudo é entretenimento. Tudo.

Inclusive o jornalismo. Óbvio que entretenimento não significa palhaçada, significa que o assunto que está sendo tratado entretenha o telespectador. E entreter pode levar ele à diversão, à reflexão, à emoção. O destino depende do enfoque. Não vejo o problema em ser um entretenimento. Não vejo problema em ser descontraído. Só o problema, para mim, é quando isso passa do limite e interfere na divulgação da notícia, que é o mais importante. Por mais que a gente trabalhe com esporte, que é um negócio, que é rentável, que é mais do que puramente um assunto jornalístico porque ele é sim entretenimento, porque esporte, nós os jornalistas tratamos com notícia (TOLEDO, 2014).

O fato de a televisão implicar em entretenimento é o ponto mais conflituoso da relação com o jornalismo. A pesquisa apontou exatamente isso: a existência da televisão como meio de comunicação de massa, submissa à cultura do espetáculo. Nesse sentido, é quase impossível imaginar uma relação jornalística pura, já que a prática está envolvida em laços comerciais.

O pressuposto do conflito de interesses entre a geração de imagem de transmissões esportivas e jornalismo também foi questionado para os entrevistados. Outra forma de atuação do entretenimento televisivo, que culmina no jornalismo, e que aponta para um embate no mundo da TV. Paulo Calçade coloca que o grande problema nesse sentido está dentro das próprias organizações, que não permitem determinados tipos de análise dentro do esporte. O jornalista atribui o questionamento à imprensa escrita, enquanto aponta que a televisão praticamente ignora a crítica ao esporte. Ele afirma que, pelo fato do esporte ser um negócio para a maioria das redes – e, no caso, muito mais que um produto jornalístico – é difícil trabalhar com as duas pontas.

Para Leonardo Mendes Júnior, é possível discutir com os dois extremos, desde que haja um esforço para que o produto seja tratado de maneira jornalística. A realidade, contudo, segundo o próprio entrevistado, não tem sido assim. Ele diz que a preocupação maior é com o espetáculo do que com a informação e isso fica claro, inclusive, quando alguém que participa da transmissão tenta ignorar os fatos ocorridos. O jornalista cita um exemplo:

Acho que o caso mais claro (...) é quando você tem alguém invadindo o campo. É um fato jornalístico, especialmente se aquela pessoa tentar agredir ou mesmo interagir com algum atleta, ou mesmo que não tenha essa interação, isso é informação, é material jornalístico. Mas, tanto geração de imagem de Copa do Mundo, Olimpíada, Champions League, o que for, quando se percebe alguém invadindo o campo, vai pra uma imagem mais geral, vai pro campo, focaliza tudo, menos aquilo (MENDES JÚNIOR, 2014).

O que Cristian Toledo coloca é que o conflito de interesses pode ser gerado numa situação em que a empresa que gera as imagens também é responsável pela promoção do evento esportivo.

O problema, para mim, é quando essa *broadcaster* passa a ser a promotora do evento. Aí sim pode afetar – e muito – o trabalho jornalístico. Porque daí você não só tem que noticiar – você tem que promover. A partir disso, se cria um dilema brutal para quem comanda e uma dificuldade gigantesca para quem trabalha (TOLEDO, 2014).

Para esses entrevistados, o conflito é real, mas é difícil apontar uma solução para o problema. Mais do que o monopólio de direitos de transmissão, existe o monopólio da qualidade de imagem. Isso restringe a apenas um ou dois grandes conglomerados de mídia capazes de fazer um trabalho reconhecido no quesito preparo técnico.

Em contrapartida, Luciano Balaroti discorda da tese de que a incumbência de assumir o papel de *broadcasting* e exercer o trabalho de jornalista ao mesmo tempo seja incompatível. Para o entrevistado, o público consegue discernir bem o que recebe da televisão.

Talvez seja até uma tendência, mas acho que, por enquanto, não vejo esse conflito. Depois de um tempo, pode ter certo conflito de você ter que filmar e passar a informação daquele produto. Já acontece um pouco porque quem tem os direitos de transmissão do evento lógico que não vai querer falar mal do evento dele, então tem um filtro nas informações. É perfeitamente natural e acho que as pessoas estão suficientemente preparadas para entender isso. O detentor do direito ou quem gera as imagens não vai querer passar as coisas negativas. Ao mesmo tempo, eu vejo que, mesmo na Copa, e antes na Copa das Confederações acho que foi mais forte por causa dos movimentos sociais, a TV mostrava o evento, mas sem deixar de informar que tinha isso do lado de fora do estádio. Então, não vejo conflito nesse ponto. Tem o conflito, mas a TV brasileira tá resolvendo bem esse conflito. (BALAROTI, 2014).

O que o entrevistado falou vai contra a tese levantada pela pesquisa de que o conflito entre as funções vai existir invariavelmente enquanto houver interesse econômico e jornalístico do mesmo lado. O fato do preparo do público também é questionado, do ponto de vista levantado anteriormente. Esta foi a única fonte que afirmou não haver conflitos entre as partes.

A pesquisa faz uma grande volta até chegar no ponto central. Segundo hipótese levantada, esse constante impasse entre jornalismo, entretenimento e negócio afeta o jornalista no cumprimento de sua função social. Era preciso, então, entender a perspectiva dos entrevistados sobre o que eles compreendem como função social do jornalista e como isso está relacionado (ou não) com as políticas públicas do esporte.

Leonardo Mendes Júnior coloca que é obrigação do jornalismo esportivo cobrir informações de interesse social. Com uma visão diferenciada do que também pode ser apontado como função social do jornalista, o entrevistado diz que um dos princípios do jornalismo é “levar uma informação que faça alguma diferença para as

peessoas”. Segundo ele, tal notícia não precisa ser, necessariamente, algo com impacto decisivo para o espectador, mas pode ser a diferença fazendo com que a pessoa se sinta mais satisfeita. Luciano Balaroti coloca que os jornalistas de canais abertos têm mais limitação para cumprir uma função social, mas que, na medida do possível, a televisão tenta fazer isso mostrando boas práticas e cobrando dirigentes esportivos.

Um dos pontos interessantes observados nas respostas dos entrevistados é o conceito pré-definido de “função social”. Usualmente, o termo é ligado, pelos entrevistados, a iniciativas de cunho filantrópico. O esporte é uma ferramenta social, mas pouco se entende da abrangência do dever jornalístico.

Paulo Calçade e José Trajano questionaram a mesma coisa: afinal, quem, no jornalismo, está preocupado em dar visibilidade a problemas de interesse público, relacionados ao esporte? Paulo Calçade aponta que existe uma cobrança de que a televisão seja responsável pelo fomento de uma política pública esportiva inexistente e afirma que isso ultrapassa o papel do jornalismo, mas não nega o fato de que é necessário o jornalista assumir tal função. Contudo, ele coloca que muitos profissionais entendem isso como matérias pontuais, sendo que uma política de cobertura social não se faz apenas com uma pauta. Para José Trajano, é a falta de vontade que justifica a inércia de certos jornalistas em relação ao seu papel.

Cristian Toledo vê o jornalista com, no mínimo, papel de observador do que é feito e, se for necessário, como alguém que deve cobrar para que algo seja feito. Para ele, “qualquer política pública é tema para o jornalismo no momento em que ela está sendo aplicada ou não”. Contudo, o entrevistado aponta que o jornalismo esportivo não tem tradição de acompanhar esse tipo de conteúdo, embora devesse cumprir tal função.

Às vezes há muito interesse de um lado, às vezes há quem até queira apoiar do outro, tá faltando justamente quem misture essas duas coisas. Jornalismo poderia cumprir esse papel. Mas não é um papel que a TV aberta vai cumprir. Poderia ser um papel que a TV fechada cumpriria. Mas aí careceria de uma nova visão do que a gente faz com o jornalismo, do que os empresários privados ou gestores públicos têm como interesse na divulgação da prática esportiva (TOLEDO, 2014).

O problema levantado por Cristian Toledo, que recai sobre a dependência que a televisão tem da audiência e que vai ser tratado mais à frente, pode ser debatido sob a perspectiva do interesse público. Segundo o jornalista, a iniciativa pública, ou mesmo iniciativa de algum ente privado – empresa ou pessoa –, por vezes não é tratada como informação. Ele ainda complementa dizendo que muitas

vezes a intenção do jornalista não é a “difusão de um bom projeto”, mas o assunto render uma boa matéria para o profissional. Além disso, Cristian Toledo coloca o que classifica como déficit do jornalismo esportivo:

O que falta pra gente é mais combatividade, principalmente por conta dos sérios problemas que a gente tem com o uso do dinheiro, público ou não, no esporte. Isso poucos se dedicam e as emissoras de TV, por maiores que tenham suas equipes, não conseguem ter muitos profissionais somente dedicados a isso. Isso acontece mais em um ou outro blog, às vezes independente. Quer dizer, foge dos grandes centros de mídia (TOLEDO, 2014).

Dois dos entrevistados não são jornalistas. Fernando Meligeni disse que, apesar de exercer o posto de comentarista e não se considerar um jornalista, entende que “a televisão é uma arma” e, logo, você tem responsabilidade sob o que fala. Por outro lado, Fernando Mezzadri aponta que a imprensa tem um papel, uma função social, mas que, no que tange ao esporte, deveria atuar em outras esferas também. Ele diz que a responsabilidade pelo desenvolvimento de políticas públicas do esporte é da esfera governamental, mas que o jornalismo pode fazer o papel de divulgar as práticas e cobrar ações efetivas.

Quatro entrevistados lembraram do programa “Caravana do Esporte”, realizado pela ESPN Brasil, como bom exemplo de conteúdo jornalístico que preza pelo estímulo de políticas públicas do esporte. O canal foi citado por todos os entrevistados como um modelo mais aberto para uma atuação combativa de seus profissionais. O SporTV foi citado por três entrevistados como canal que dá espaço para a transmissão de modalidades diferentes do futebol.

Sobre o tipo de cobertura que é realizado na televisão, alguns pressupostos foram levantados pela pesquisa. Em primeiro lugar, o fato de o telejornalismo esportivo ser preocupado com coberturas de eventos, deixando de lado o que diz respeito à totalidade do esporte. A pesquisa também propôs que o enfoque do jornalismo esportivo brasileiro é pautado por um ciclo de negligência: a imprensa se apoia no discurso de que uma modalidade é o que o público quer ver e o público só vê tal esporte porque é o principal conteúdo que é oferecido. Por fim, a pesquisa também tentou debater o fato de que a preocupação inevitável com a audiência é o norte do telejornalismo.

Um pouco do primeiro fenômeno – do jornalismo esportivo preocupado com os eventos e resultados e que pouco fala da política – tem fundamentação na origem das pautas. Leonardo Mendes Junior aponta que as matérias sazonais publicadas sobre iniciativas sociais ou políticas públicas normalmente surgem por meio de

peças conhecidas ou quando existe algum caso isolado de sucesso. Cristian Toledo complementa a ideia ao afirmar que uma possível cobertura de determinado assunto depende de um personagem conhecido que faça parte do fato. O entrevistado afirma que o interesse geral não é a atividade em si, mas o personagem que está ocasionalmente envolvido com ela.

Luciano Balaroti diz que a imprensa esportiva atua da forma como faz porque trabalha com aquilo que tem maior relevância para o público. Segundo ele, “o principal, pelo que o público quer ver mais, vai ser a cobertura factual dos eventos e competições”. Mesmo assim, o entrevistado afirmou que, eventualmente, “existem pedidos” e “chegam sugestões” para que se faça a cobertura voltada para políticas públicas.

A preocupação latente com a audiência, segundo os entrevistados, é o que faz o futebol ser a modalidade mais exibida pela televisão. Falar sobre futebol, para Paulo Calçade, é atender à demanda. A fonte inclusive afirma que desconstruir essa visão equivocada do esporte – de que esporte é somente o futebol – está mais relacionada à ação do poder público do que ao papel da televisão. José Trajano reforça a tese quando diz que “o Brasil é um país que só se preocupa com futebol” e que “qualquer besteira que você fale sobre futebol, dá mais audiência do que você falar de vôlei, de basquete, de natação”. Sobre a aposta constante no futebol, Leonardo Mendes Júnior diz:

Apostar em uma, qualquer monocultura é nocivo por si só. Então, se você só cobre futebol, só leva futebol ao teu público, a mensagem que você está passando é de que a única modalidade esportiva que compensa, que vale a pena, é aquela (MENDES JÚNIOR, 2014).

E ele ainda mostra outro lado relacionado à cobertura jornalística:

Às vezes, você explorar esses temas sociais, você levar essa função social do jornalismo, te dá audiência também, mas a preocupação é muito maior de você valorizar aquilo que você está transmitindo, aquilo que você paga pra transmitir. Mesmo na TV fechada se perdeu a vergonha de aumentar a cobertura jornalística para promover aquilo que o canal transmite e diminuir a cobertura jornalística daquilo que o canal não transmite (Id., 2014).

Luciano Balaroti rebate a questão com a prática em televisão:

Pela experiência que a gente tem trabalhando em TV, se a gente bota outras coisas, as pessoas até gostam, mas cobram que querem mais futebol. Infelizmente, essa monocultura esportiva é uma coisa que a gente tem de muito tempo, é uma coisa que está arraigada culturalmente e é difícil a gente mudar isso, quebrar isso (BALAROTI, 2014).

Fernando Mezzadri relaciona isso com a questão da audiência:

Óbvio que você tem um desequilíbrio nessa balança e o futebol acaba dominando esse campo esportivo. A mídia, o papel da televisão, poderia contribuir nesse desequilíbrio, para diminuir esse desequilíbrio existente no

esporte brasileiro. Mas só que, o que vende? O que vende é o futebol. Canoagem não vende, *tae kwon do* não vende (MEZZADRI, 2014).

A pesquisa levantou a tese de que o discurso que mantém a cobertura monotemática é sustentado pelos próprios pares da imprensa, que afirmam que o futebol é a maior procura. De fato, ir contra a realidade monetária da televisão, principalmente quando se trata do maior esporte do país, parece não fazer sentido algum. Alguns dos entrevistados foram questionados sobre isso, se essa insistência do público no futebol não é, de certa forma, porque também não existe interesse em mostrar outras realidades esportivas. Embora a maioria tenha concordado com a afirmação, nenhuma das fontes conseguiu propor uma alternativa, principalmente no momento que o jornalismo atravessa.

Todos os entrevistados citaram a preocupação com a audiência. De acordo com José Trajano, a televisão fechada hoje partilha da mesma preocupação com a audiência que a TV aberta e, por isso, abre mão de alguns questionamentos importantes. Leonardo Mendes Júnior não hesita ao lembrar que essa preocupação, primordialmente econômica, pode matar outras preocupações – entre elas a que tem viés social – do jornalismo esportivo. Nesse sentido, Cristian Toledo também relembrou a hipótese da pesquisa, de que talvez a imprensa esteja presa nesse discurso vicioso:

A gente vai para aquela roda viva: o que é interesse público e o que é interesse do público. Nós tratamos basicamente, em jornalismo esportivo, do interesse do público. O público quer saber de futebol? Vamos dar futebol. O público quer saber menos de vôlei? Daremos menos vôlei. O público mal quer saber de tênis? Daremos quase nada de tênis. O público não quer saber de badminton? Nós não damos badminton. E aí a gente é refém da audiência, em qualquer veículo ou mídia. O público não se interessa e nós, em vez de, talvez, termos a coragem de tratar disso, preferimos ficar presos nos números, porque não nos basta mantê-los: temos que aumentá-los (TOLEDO, 2014).

Leonardo Mendes Júnior adota a moderação ao completar a fala sobre a audiência. “Que está errado e desproporcional, é fato”, coloca o entrevistado. Mesmo assim, existe a defesa do produto. “Não dá pra você demonizar as escolhas que levam a isso. Elas só estão um pouco *descalibradas*”, finaliza. Ainda que a pesquisa tenha afirmado que a função jornalística não deveria ser afetada por questões financeiras, numa sociedade capitalista é impossível não ser refém do sistema que visa o lucro.

Fernando Mezzadri afirma que essa lógica deve ser repensada. Fernando Meligeni, por sua vez, tenta reverter o sentido no programa que está sob sua responsabilidade na ESPN:

Eu vou colocando produto, tentando mostrar... As pessoas falam “mas por quê?”. Porque eu acho que, quanto mais você coloca produto dentro de uma televisão, de um esporte, mais os patrocinadores entram. Hoje, o “Entrando de Fininho” tem três patrocinadores fortes. (...) Se é um banco, o banco concorrente já pensa. E acho que isso é normal. (...) É só Ibope que vale? Ou vale também o produto, o canal ser olhado “olha, que legal o que eles estão fazendo”? (MELIGENI, 2014).

A pesquisa expõe o pressuposto de que o desconhecimento teórico é uma disfunção entre os jornalistas esportivos. A pouca fundamentação sobre esporte e sobre comunicação, segundo a bibliografia apresentada, geram a falta de prestígio dos profissionais de jornalismo esportivo com seus pares jornalistas.

José Trajano recapitula a fala sobre exemplos na área. Para ele, é preciso que o profissional tenha cuidado com as referências que assume. O entrevistado coloca que o “jornalista esportivo, em sua maioria, é de uma alienação brutal” e que isso faz toda a diferença na prática. O que preocupa José Trajano é o fato de que, segundo ele, “o jornalista está tentando ser um grande conhecedor técnico”, baseado apenas em dados e deixando de lado a humanidade dos fatos com que trata. Ele ainda diz que “o que falta no jornalismo esportivo é a busca de conteúdo”. O que ocorre, segundo o entrevistado, é que o jornalista esportivo está preocupado em “saber o nome do ponta-esquerda reserva que joga na Turquia” e acha que o conhecimento de tais dados é mais importante do que outras coisas (TRAJANO, 2014).

De acordo com Luciano Balaroti, o que falta para o telejornalismo esportivo é a cultura geral. Ao ver uma reportagem, você “normalmente sabe como vai acabar, sabe tudo o que o jornalista vai dizer, não tem nada de novo”. O conhecimento político, para ele, seria “fundamental para melhorar o jornalismo esportivo”. A previsibilidade está relacionada a pouca profundidade do profissional. Sob o olhar de um atleta comentarista, Fernando Meligeni diz que o esporte ganha com esse conhecimento e o público gosta desse formato. De qualquer forma, é preciso cuidar “do jornalismo, para ele ser verdadeiro”.

Paulo Calçade diz que a falta de conhecimento inviabiliza a prática profissional. A expansão do conhecimento, segundo o entrevistado, é o que determina a qualidade do conteúdo.

Não consigo imaginar um crítico de teatro que apenas goste de teatro e não entenda sobre teatro. Você tem que entender de direção, de luz, conhecer textos, grandes autores, boa interpretação, tecnicamente falando, recorrer ao material didático, estudar aquilo... Você traz a sua experiência. E isso você pode fazer. Se você for um grande ator ou se você for o jornalista (CALÇADE, 2014).

Ainda nesse assunto, Fernando Mezzadri faz um comparativo teórico entre o jornalismo econômico e o jornalismo de esportes. O entrevistado afirma que a leitura sobre economia de tais jornalistas é tão grande quanto a de economistas, mas que eles conseguem dialogar sobre o tema de maneira igualmente consistente. Com o esporte, não é assim, apesar de haver uma produção acadêmica sobre o assunto muito grande hoje no Brasil. A falta de compreensão do que é a totalidade do esporte leva muitos jornalistas a manterem a postura inerte diante de novas possibilidades. As matérias seguem uma regularidade morosa – quando não pendem para o lado escrachado do humor fora de contexto – e a falta de inventividade faz com que a televisão perca audiência. Essa lógica, contudo, parece não ter chegado a muitas redações de esporte, que ainda insistem nas produções dentro dos mesmos parâmetros de sempre.

Sobre o embasamento teórico, Leonardo Mendes Júnior faz ponderações importantes. Ele diz que no Brasil são formados dois tipos de jornalistas esportivos: “o de futebol e, num número bem menor e cada vez menor, o de automobilismo”. Esses são os que, para o entrevistado, conseguem atuar com certo grau de especialização. Nos outros esportes, Leonardo Mendes Júnior considera os jornalistas “todos generalistas”. E, nesse sentido, ele aponta para o problema das redações enxutas, que não permitem com que os profissionais tenham tempo para se especializar em determinados temas.

O jornalista, segundo Cristian Toledo, passa por um problema de falta de aprofundamento como emissário da informação. Com o mal de que o público já não recebe a notícia da mesma forma, ele afirma, o profissional deixa de buscar questões mais significativas. Cristian Toledo diz que “qualquer aprofundamento sobre qualquer tema ajuda o jornalista na sua função”.

Ao que consta da análise da fala dos entrevistados, relacionada às hipóteses da pesquisa, existe o problema da falta de entendimento por parte dos jornalistas, de sua função e de conceitos do esporte, mas também existe a contrapartida pública, responsável pelo que acontece com o esporte no país. Agora, de acordo com as fontes, a quem é cabível a função do desenvolvimento da prática do esporte-lazer?

O esporte-espetáculo foi apontado pela maioria dos entrevistados como o grande motivador da prática esportiva. O surgimento dos ídolos também é visto como essencial para o esporte-lazer. É válido lembrar que a pesquisa aponta que o esporte-espetáculo, aquele que fomenta os ídolos, está diretamente relacionado ao

jornalismo esportivo, principalmente porque é o objeto de estudo fundamental dos profissionais da área. Nesse ponto, quase todas as fontes concordaram que, no Brasil, os *olimpianos* são casos irrefletidos, apesar de serem essenciais para que ainda haja algumas conquistas. Leonardo Mendes Júnior disse:

No Brasil, o que você tem é uma geração espontânea contínua. Você pega, por exemplo, o Guga. Gustavo Kuerten apareceu quase que por geração espontânea. Não houve nenhuma política clara para formar, para descobrir valores no tênis que se chegasse ao nível do Gustavo Kuerten. Ainda assim, ele surgiu. A partir do surgimento dele, muito mais gente foi jogar tênis, mas por conta – no clube ou nas poucas quadras públicas que você tem (MENDES JÚNIOR, 2014).

A fala foi corroborada por Luciano Balaroti, que afirmou que “o exemplo que vem do esporte-espetáculo incentiva muito as pessoas a começarem a prática esportiva”. Da mesma forma, Fernando Meligeni apontou que “o Brasil é totalmente voltado ao resultado, pouco à moda, ao que está na imprensa, mas principalmente ao ídolo”. Leonardo Mendes Júnior ainda ressalta que o fascínio do público pela prática esportiva, quando se tem a figura do ídolo, vem da tentativa de “ser um pouquinho daquele astro que veem na TV”. O ídolo também influencia no conteúdo jornalístico que é apresentado. É o que diz Fernando Mezzadri:

Não há praticantes, não há consumidores. Se eu nunca pratiquei, eu nunca terei o gosto por aquela modalidade. É muito difícil eu ter gosto por uma modalidade esportiva se eu nunca pratiquei. Por isso, nossa defesa na prática do esporte enquanto formação na cultura. A imprensa vai vender aquilo que as pessoas compram (MEZZADRI, 2014).

O problema, contudo, é o que vem depois do ídolo. Neste ponto, a análise chega ao assunto principal da pesquisa, que é o tênis. Segundo Leonardo Mendes Junior, no caso do período de Gustavo Kuerten, por exemplo, não houve uma preocupação, por parte dos dirigentes, em ordenar o interesse do público que buscou o tênis como prática esportiva. E o jornalismo? Para ele, mesmo com a limitação de conhecimentos sobre a modalidade, “houve uma preocupação de muitos veículos em cobrar, em fazer com que a Confederação Brasileira de Tênis capitaneasse iniciativas que levassem à massificação daquele fenômeno”.

Para Paulo Calçade, que também lembrou o exemplo de Guga e disse que nada mudou no tênis brasileiro depois do fenômeno, de nada vale a existência do ídolo se não houver um processo favorável para o desenvolvimento do esporte. Todos os entrevistados concordaram que o tênis passou por um momento de importante destaque na era Gustavo Kuerten, mas que isso não foi convertido em benefícios práticos para a modalidade.

A análise encontrou aqui um ponto interessante. Ao mesmo tempo em que os entrevistados observaram anteriormente que o jornalismo tem uma função social e uma responsabilidade diante do que é feito pela sociedade, pertinente às políticas públicas do esporte, grande parte deles afirmou que a cobertura jornalística não teve parte no fracasso da popularização do tênis depois de Gustavo Kuerten. José Trajano, por exemplo, apontou que quem teve responsabilidade nessa falta de visão para divulgar o esporte foram os dirigentes da modalidade, a Confederação e o próprio Ministério do Esporte.

Paulo Calçade, por sua vez, disse que, ao responsabilizar o jornalismo por parte do não aproveitamento da imagem de Guga, se dá para o jornalismo uma responsabilidade que não é dele, de “consertar o esporte”. Ele ainda afirmou que “não é possível esperar do jornalismo que ele fomente uma política nacional do esporte” e foi ratificado por Fernando Mezzadri, que pontuou que “quem tem a responsabilidade da elaboração e da execução das políticas públicas do esporte é o Estado”. Contudo, a parte jornalística, segundo Fernando Mezzadri, é “contribuir na construção da política pública”, pautando questões relevantes para o desenvolvimento do esporte brasileiro, ou “levantar algum problema”, no sentido da fiscalização. Esse trabalho, no telejornalismo esportivo diário, se restringe a pequenas situações isoladas porque, segundo José Trajano, tratar de assuntos relevantes “vai tirar ‘minutos preciosos’ da conversa deles (os apresentadores) sobre o Corinthians, o Palmeiras e sei lá o quê”. A falação esportiva, conceito previamente debatido na pesquisa, aparece no exemplo da fonte como mais relevante que o conteúdo esportivo de interesse social.

Os entrevistados compreendem a função social do jornalista, embora de formas diferentes, mas há dificuldade em estabelecer pontes teóricas com a prática. Conforme a pesquisa mostrou, a cobertura jornalística da era Guga se restringiu ao que o próprio atleta fazia, competia ou ganhava. Onde estiveram as matérias de cobrança por espaços públicos para a prática do esporte? Onde ficaram os textos que deixavam de lado o ídolo e apresentavam o praticante? Embora a discussão de espaços públicos seja mais ampla do que as perguntas que foram propostas para os entrevistados, é inevitável o questionamento sobre o que falta para o próprio telejornalismo propor debates importantes para o esporte e para a sociedade. Além disso, no exemplo de Guga ou de qualquer outro grande nome do esporte nacional,

o padrão de cobertura é o mesmo: o que importa são os méritos do *olimpiano*, não aquilo que ele pode refletir para o esporte-lazer.

Fernando Meligeni relatou que quadras públicas de tênis foram retiradas do parque Ibirapuera em São Paulo, em pleno auge de Gustavo Kuerten. Não seria papel da imprensa, por exemplo, questionar a ação, inclusive numa mobilização para que se voltasse atrás na decisão? Assim como essa, diversas outras proposições poderiam ter sido pontuadas para o tênis nacional, caso houvesse interesse em divulgar a prática.

A verdade é que o tênis não foi massificado, muito menos democratizado, no Brasil. Mesmo que hoje existam muitas pessoas que pratiquem a modalidade, elas ainda enfrentam problemas de acesso. É difícil saber se uma possível intervenção midiática pós era Guga tornaria a modalidade mais conhecida, ou se o público desligaria a televisão porque o assunto tratado não seria majoritariamente futebolístico. A levar pela análise desta pesquisa, poucas matérias sobre tênis entrariam na pauta dos telenoticiários esportivos de canais abertos, por exemplo. E assim se manteria o esporte: restrito, caro e com poucas chances para aqueles que quisessem testar a modalidade. Como bem apontado anteriormente: a televisão é por vezes subestimada pelos próprios jornalistas na força política que detém.

A relação entre o telejornalismo esportivo e as políticas públicas para o esporte se mostra cada vez mais distante. Enquanto a TV está preocupada com a audiência – e incentiva o próprio público a permanecer fiel àquilo que os canais querem transmitir –, o esporte, sem incentivo do Estado ou cobrança da imprensa, não consegue se desenvolver em larga escala. Como os entrevistados destacaram, essa falta de conexão entre as duas coisas é inata, já que as empresas de mídia querem lucrar e os funcionários querem manter seus empregos nas “redações enxutas”, como disse Leonardo Mendes Júnior. Para se aventurar em discussões profundas, o jornalista precisa romper muitas barreiras ou deixar de lado mídias tão abrangentes como a televisão e partir para a cobertura alternativa.

A pergunta do questionário que previa a proposição de possíveis soluções para o jornalismo atuar como um catalisador das políticas públicas ficou praticamente sem resposta. Cristian Toledo afirmou, nesse sentido, que “o jornalismo poderia veicular mais projetos que levassem ao interesse do jovem”. Mas, segundo o entrevistado, a falta de interesse na formação dos novos atletas – ponto

ressaltado por todas as fontes da pesquisa – não permite que o jornalismo atue de maneira diferenciada.

O ponto quase sem resolução está na formação jornalística do profissional. Entender um pouco mais sobre as políticas públicas, sobre os conceitos de televisão e sobre as teorias do esporte, faz diferença na concepção que se tem do próprio jornalismo. Isso é fundamental, ao menos para a *partida*: mesmo que não haja abertura para desenvolver determinados assuntos, o jornalista está ciente de que pode fazer um trabalho socialmente mais relevante. Mais do que uma forma de realização, é o dever da sua função perante a sociedade. Talvez, a partir dessa perspectiva, novos rumos possam ser tomados no telejornalismo esportivo e na própria gestão de políticas públicas voltadas para o esporte, seja no tênis e ou em qualquer outra modalidade.

5 A NARRATIVA DOCUMENTAL

5.1 DEFINIÇÃO

Não é uma tarefa fácil definir *documentário*. Nem para Nichols (2010), que disse que “a definição de ‘documentário’ não é mais fácil do que a de ‘amor’ ou de ‘cultura’”. Seu significado não pode ser reduzido a um verbete de dicionário, como ‘temperatura’ ou ‘sal de cozinha’”. Contudo, é possível estabelecer alguns princípios que, por fim, vão delinear a narrativa documental.

Para alguns, é o filme que aborda a realidade. Para outros, 'o que lida com a verdade. Ou que é filmado em locações autênticas. Ou que não tem roteiro. Ou que não é encenado. Ou ainda, que não usa atores profissionais. Estas e outras tentativas simplistas de balizar o terreno vão sendo sucessivamente negadas pelos exemplos de filmes que não se enquadram nelas, mostrando que os limites são arbitrários e criando um labirinto interminável de exceções que acabam por nos levar de volta ao ponto de partida. Se o documentário coubesse dentro de fronteiras fáceis de estabelecer, certamente não seria tão rico e fascinante em suas múltiplas manifestações (DA-RIN, 2004, p. 15).

É válido começar pelo entendimento de que todo filme é um documentário. Pelo menos segundo Nichols (2010), a premissa é verdadeira. O autor aponta que existem, então, nesse universo, dois tipos de documentários: os de satisfação de desejos e os de representação social. A primeira definição se refere aos filmes de ficção. A segunda, por sua vez, está relacionada àquilo que hoje entendemos por documentário: produções não ficcionais que proporcionam novas visões de um mundo comum.

Mesmo que o documentário trate com fatos, ele não tem a mesma proposta que a reportagem jornalística. Ramos (2008) trata sobre o assunto e afirma que a reportagem é uma forma narrativa que enuncia asserções sobre o mundo, mas que, de forma oposta ao documentário, é veiculada dentro de um programa televisivo que chamamos de telejornal. O que acontece é que, dentro do telejornal, a reportagem é articulada de forma concomitante ao discurso do âncora, algo que não é visto em um documentário. Além disso, a enunciação para o espectador entre os dois formatos também é distinta: na reportagem existe a figura do repórter.

A principal diferença para Ramos (2008), entretanto, é que o documentário, ao contrário da reportagem, não se vincula aos acontecimentos cotidianos de dimensão social chamados de *notícia*. Isso não significa que é impossível fazer uma relação jornalística com o documentário; inclusive, o conceito de *valor-notícia* pode

ser aplicado em uma narrativa documental. É importante ressaltar que a *notícia* reproduz *fatos*, papel que não é necessariamente atribuído ao documentário em sua essência.

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados sejam familiares (NICHOLS, 2010, p. 47).

Em *UMA conversa...* (2012), o cineasta Eduardo Ramos faz um resumo sobre a relação entre os três elementos do documentário: a obra, o autor e o espectador. No documentário, “o espectador acredita que o que está vendo é real, o autor espera apresentar sua visão de algo real e o sujeito ou fato retratado espera ter um retrato fiel”.

É importante pontuar que os documentários têm por pressuposto a redefinição da visão de mundo. É por isso, então, que a ideia de representação é tão substancial ao documentário – e aqui entra o dilema ético do método. Por se tratar de obra não ficcional, o documentário trata as pessoas como *atores sociais*: os personagens não são induzidos a agir de determinadas formas, mas reproduzem suas rotinas. (NICHOLS, 2010).

Para fazer uma construção realista do tema, é importante distinguir os diferentes tipos de documentários. Nichols (2010) afirma que “cada documentário tem sua voz distinta”. A partir desse princípio, ele desenvolve seis categorias nas quais é possível encaixar distintas produções documentais.

O modo poético definido por Nichols (2010) não obedece a linearidade, nem apresenta com profundidade seus personagens. O autor define o formato como aquele que constrói a partir de fragmentos de maneira poética, não específica e abstrata. O modo é próximo do cinema experimental, pessoal ou de vanguarda, segundo o autor aponta.

Outro modo apontado pelo autor é o expositivo, que enfatiza o comentário verbal e respeita uma lógica argumentativa. É um dos métodos mais conhecidos, porque recorre a técnicas semelhantes às de reportagem. A estrutura de argumentação é o que sustenta o documentário, com imagens que atestam as palavras.

O terceiro modo de Nichols (2010) é o observativo, aquele que está engajado no cotidiano dos personagens representados, observados através de

câmeras discretas. É uma técnica que apresenta a mínima interferência possível por parte do autor do filme.

O modo seguinte é o participativo, aquele que enfoca a interação do cineasta com o assunto, através de entrevistas ou outros meios mais diretos. A visão do idealizador fica evidente quando esse é o método do documentário, já que o próprio cineasta se torna – como o próprio nome diz – participante do filme.

O quinto modo é o reflexivo: o que busca levar ao espectador uma consciência da representação da realidade que o filme faz. Para o autor, é o modo mais consciente de si e aquele que mais se questiona. Nichols (2010) ainda coloca que “na melhor das hipóteses, o documentário reflexivo estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa”.

Por fim, o último modo de documentário apresentado por Nichols (2010) é o performático, que suscita questões sobre a definição de conhecimento. Na categoria, o documentário pretere a carga subjetiva ao argumento linear. Tem a característica de mesclar o imaginário com o real, além de focarem no fator emocional relacionado ao público.

Ainda é possível citar outros modos pelos quais os documentários são conhecidos: experimental, testemunhal e docuficção. No primeiro exemplo, a ideia é a inovação a partir daquilo que se quer retratar. Não exige uma estrutura rígida, tampouco linear. O documentário testemunhal está baseado nas entrevistas que são tomadas para sua composição – são testemunhos de personagens envolvidos. Por último o docuficção mescla estruturas e, através dos fatos retratados junto com momentos encenados, constrói sua narrativa. É um modo narrativo que une o real ao imaginário, além de problematizar a mensagem de uma maneira diferente.

Para Ramos (2008), o documentário é “uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo”. O que o autor explicou foi a verdade que faz com que um documentário seja expressivo para uma realidade. Enquanto houver interesse no assunto – ainda mais quando se tratar de um assunto de interesse público – haverá sentido naquele trabalho.

Diferente da reportagem jornalística, o documentário pode proporcionar um aprofundamento maior do assunto que é abordado. Apesar da época presumir mudanças no modo de se fazer jornalismo e de, hoje em dia, as reportagens serem

muito mais abertas a pontos criativos, o documentário é a melhor opção para apresentar um assunto sem deixar de lado a licença poética ou a originalidade. Além disso, a opção por uma narrativa documental traz a possibilidade de prolongar um debate por muito tempo, algo que é vetado nos formatos jornalísticos. Em contrapartida, ainda é possível encontrar elementos do jornalismo dentro do documentário. A partir da intenção do autor – seja a de transformar o filme numa grande matéria ou de usar componentes inventivos para chamar a atenção para um problema – os fatos são transformados em notícias e podem cumprir um papel importante.

Ainda sobre isso, a similaridade de pontos entre o documentário e o cinema – a abertura para a inventividade, a construção perene de discursos e a abrangência do tema – tornam o método muito atrativo na busca por um produto socialmente relevante. Mesmo assim, a característica de fazer um trabalho que “tenha sentido”, algo tão debatido ao longo desta pesquisa, é pertinente ao jornalismo e ao documentário.

Embora em todo tempo a pesquisa monográfica tenha sido focada no tratamento jornalístico dos fatos (e não deveria ser diferente), o documentário foge da metalinguagem do jornalismo, que seria o resultado óbvio deste trabalho. O método propõe, então, uma visão mais ampla do problema evidenciado. Partindo desse pressuposto, a pesquisa vai apresentar, no próximo capítulo, a justificativa para a escolha do documentário como uma reprodução do problema apresentado por esta monografia.

5.2 POR QUE UM DOCUMENTÁRIO?

John Grierson, um dos documentaristas mais famosos da história, dizia que o “documentário é o tratamento criativo da realidade”. Logo, é possível afirmar que a ideia do documentário deve ser partir de um pressuposto real e apresentá-lo de modo inventivo. É um filme que não apenas retrata a realidade, mas a trata de um jeito diferente (UMA CONVERSA... 2012).

De acordo com Nichols (2010), documentários que tratam de questões sociais consideram as questões coletivas a partir de uma perspectiva social. Os personagens retratados no filme servem como ilustração para a obra, bem como opinam sobre a questão. Para o autor, alguns documentários se dedicam a explicar

aspectos do mundo, de forma que analisam problemas e sugerem soluções. A ideia central é, por vezes, mobilizar o apoio em defesa de uma posição e não de outra. A intenção de algumas narrativas documentais é, também, instigar que o espectador se aprofunde em algumas perspectivas de mundo. O entendimento de algo motiva a mudança e, assim como a perspectiva crítica, pode mudar políticas e soluções. Como Nichols (2010) defende: “precisamos de explicações para fazer as coisas”.

A partir dessa perspectiva, o documentário baseado nesta pesquisa foi construído. A ideia principal é trazer os resultados obtidos no projeto monográfico para uma perspectiva didática, profissional e não acadêmica. O paradigma da linguagem, constantemente abordado durante a faculdade de Jornalismo, também foi trabalhado neste duplo projeto; o assunto tratado, no caso, articulou com dois métodos distintos. Se englobarmos a ideia como um todo, é possível até dizer que o desenvolvimento do documentário foi um processo inversamente metalinguístico, já que o filme trata da pesquisa acadêmica, embora não seja uma reportagem que trate sobre jornalismo.

Ao observar o papel da imprensa na criação de políticas públicas para o esporte – o ponto central da análise da monografia – foi possível pontuar dois tópicos. O primeiro é que mídia tem responsabilidade, mesmo que mínima, em relação às políticas públicas. O segundo é que função do jornalismo desenvolver as modalidades, mas cabe, ao menos, fiscalizar esse desenvolvimento. Os dois pontos foram abordados de forma sutil no documentário, como maneira mais clara de ligação entre a pesquisa monográfica e a narrativa documental.

Para problematizar as quadras públicas de tênis, foram selecionados *atores sociais* que fazem uso desse tipo de espaço e/ou têm representatividade no esporte. O documentário trabalha com três enfoques paralelos, que se complementam em discurso verbal e imagético.

O primeiro enfoque do documentário é o projeto Jogue Tênis, idealizado pelo professor Alexandre Gonçalves, atende quase 80 crianças em Curitiba e Londrina (PR). A iniciativa, que ocorre em quadras públicas e envolve quatro professores voluntários, tem como objetivo levar a modalidade para crianças carentes. Três crianças que fazem parte do projeto também dão voz ao documentário: Gabriel Cancela, Letizia Fortuna e Lorena Fortuna. O projeto e seus participantes funcionam como os grandes personagens da história.

O segundo enfoque são os enunciados de especialistas. Fazem parte do documentário algumas fontes da pesquisa, como o ex-tenista Fernando Meligeni, os jornalistas José Trajano, Leonardo Mendes Junior e Paulo Calçade, além do professor Fernando Mezzadri. Por fim, o filme conta com a participação de Teliana Pereira, principal tenista brasileira do circuito feminino na atualidade.

O terceiro enfoque é a construção da ideia de um jogo de tênis. Através da preparação – aquecimentos, batidas no paredão, cuidados com a raquete – e do desenrolar do jogo, a história de uma partida é descrita somente por imagens no documentário. O jogador, embora amador, vive as angústias comuns de uma partida. A história se passa em ambiente público – e o filme faz questão de explorar isso.

O nome escolhido para o produto foi “O ponto de(a) partida”. O sentido principal é apresentar tudo o que a narrativa documental aborda: os pontos de uma partida de tênis, o ponto inicial para que o esporte seja democratizado e desenvolvido, o ponto onde as partidas são jogadas – que são as quadras públicas de tênis – e o ponto que pode “mudar o jogo”, numa definição mais ampla sobre a situação do esporte nacional. A referência ainda está relacionada ao principal ponto de um jogo de tênis, o *match point*. Tão crucial para um prélio, o “ponto do jogo” também pode ser fundamental para que haja mudanças no esporte. A relação direta entre o começo e o fim, num ciclo dependente dos dois lados, é o grande sentido. Como vai surgir um campeão para ganhar o ponto da partida se o ponto de partida é sempre um problema? O ponto de partida precisa ser repensado para que o ponto da partida defina o campeão.

A concepção do roteiro do documentário é de forma expositiva, combinada com a ideia reflexiva. Embora o desafio de desenvolver dois projetos ao mesmo tempo – o monográfico e o profissional – e de forma concomitante seja grande, a proposta tinha realmente uma intenção particular. O produto final deste trabalho é exatamente aquilo que os autores já citados afirmam ser um documentário: um jeito diferente de mostrar uma realidade.

5.3 A PRODUÇÃO

A captação de imagens para o documentário foi realizada em uma câmera Nikon modelo D3300. Os vídeos, por sua vez, foram filmados em qualidade full HD,

com resolução 1080p. O áudio foi captado através de um aparelho smartphone iPhone, gravado em extensão .mp4. A edição do documentário foi realizada no software Adobe Premiere Pro CS6.

As locações do documentário se deram de acordo com a disponibilidade das fontes e com a necessidade das imagens. Os locais de gravação se dividiram entre Curitiba e São Paulo. Em Curitiba foram utilizados o Jardim Botânico, a quadra de tênis Arthur Bernardes, a quadra de tênis Jardim Ambiental, a quadra de tênis Wenceslau Braz, a redação do jornal Gazeta do Povo, o Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná e a Academia de Tênis Didier Rayon. Em São Paulo, as gravações foram realizadas na sede da ESPN Brasil e na residência de um dos entrevistados.

5.4 ROTEIRO

O roteiro do documentário pode ser visto no “APÊNDICE 2 – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO” deste trabalho.

5.5 REFLEXÃO SOBRE O PRODUTO

A produção de um documentário requer muita dedicação daquele que pretende realizar o trabalho. Todo o processo de reflexão, elaboração e edição leva tempo, caso o desejo seja de um produto final com qualidade. Quando é feito combinado com uma pesquisa monográfica, o desenvolvimento fica ainda mais complexo. Mesmo assim, é possível estabelecer percursos que atinjam os objetivos propostos e ainda gerem um resultado adequado.

A maior dificuldade técnica para a realização do produto deste trabalho foi a captação do áudio e os locais das entrevistas. Por serem realizadas de acordo com a disponibilidade das fontes e nos lugares onde seria possível encontrá-las, em alguns casos, o cenário não foi o ideal para um melhor aproveitamento do cenário. Em relação ao áudio, a falta de um equipamento mais adequado para a gravação prejudicou, em alguns casos, o resultado.

A dificuldade em gravar com apenas uma câmera as cenas do jogo de tênis também fez com que, em alguns pontos técnicos, as imagens não tenham ficado

excelentes. Contudo, levando em consideração a limitação de equipamento, o resultado, nesse quesito, foi satisfatório.

Um dos pontos mais interessantes, diretamente relacionado à monografia, foi a percepção de padrões nas respostas obtidas ainda durante as entrevistas. O conhecimento sobre o assunto tratado, adquirido ao longo da pesquisa, fez com que a qualidade da entrevista fosse muito maior.

O discurso dos entrevistados serviu perfeitamente para os dois formatos – tanto para o documentário como para a monografia. Embora a dialética estabelecida pelas duas vertentes da pesquisa tenha sido diferente em cada uma das partes, o resultado final foi interessante no sentido do trabalho multimídia.

O ponto alto do produto final foi o discurso do aluno do projeto Jogue Tênis, Gabriel Cancela. A possibilidade de trabalhar com a fala de uma criança que pratica o esporte, juntamente com uma atleta profissional e um ex-atleta fez com que o discurso ganhasse mais veracidade, além de singeleza.

O produto está disponível no YouTube com o nome “O ponto de(a) partida”⁶⁴.

⁶⁴ YOUTUBE. **O ponto de(a) partida**. Disponível em: <<http://youtu.be/BWmH-X94h4Q>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tênis é um esporte desafiante. Em um mesmo jogo, o atleta pode ver mudanças inacreditáveis. Um ponto pode decidir o futuro da partida. Um minuto de desatenção pode fazer com que o jogador perca o campeonato. Pode ter picos de tensão e de morosidade. Faz com que você ame o jogo e sinta raiva no decorrer de apenas um *set*⁶⁵. Mesmo assim, é uma modalidade constante e que envolve todos os elementos esportivos apresentados nesta pesquisa.

Assim também é o jornalismo, que tem mais a ver com um jogo de tênis do que se possa imaginar. Embora alguns profissionais levem a prática de forma irresponsável, como se ela não tivesse implicações sérias, a atitude de um jornalista pode ter reflexos profundos e duradouros. Como no jogo de tênis, o que é decidido num ponto pode definir o restante da partida do atleta – ou do jornalista e da sociedade que o rodeia, no caso.

Muitos dizem que a função social do jornalista é superestimada, no sentido de “fazer a diferença” para outras pessoas. Outros desistem do lema ao perceberem o funcionamento do mercado. Um terceiro grupo ainda insiste em acreditar que pode realizar coisas úteis, mesmo que a realidade não seja muito fácil.

Quando iniciei o curso superior, pensava da mesma forma: queria ser a diferença no mundo ao meu redor. Quando decidi o tema da pesquisa, levei a premissa a sério: era preciso tratar de um assunto importante para mim e para outras pessoas, algo que fosse intrigante para quem se envolvesse e que trouxesse uma reflexão séria.

E o esporte – seja qual modalidade for – sempre pode ser um paralelo da vida. Todas as características singulares que compõem esse elemento cultural o tornam completo e o fazem completar aqueles que dele se beneficiam. Por isso, um projeto desafiador como esse, de escrever uma monografia e filmar um documentário, não poderia ter outra temática.

A monografia – como foi descrito na reflexão sobre o documentário – foi essencial para desenvolver um olhar acadêmico e crítico sobre o que era produzido. A pesquisa, inclusive, trouxe ao entendimento a importância do preparo teórico para tratar sobre qualquer assunto de forma jornalística. A falta de cuidado com esse

⁶⁵ Forma de contagem da pontuação no jogo de tênis.

questo, inclusive, é o que leva à frivolidade o trabalho do jornalista. A partir da perspectiva teórica bem fundamentada, a proposição de ideias de forma coerente e esclarecida se tornou muito mais fácil. Se em um trabalho acadêmico isso fez diferença, na prática jornalística esse entendimento com certeza também o fará.

O ponto *cross* midiático do trabalho foi abordado diversas vezes, mas vale a pena ressaltar mais uma vez que ele foi essencial para um resultado final satisfatório. A abrangência do problema tratado, que é visto no cotidiano da sociedade, não conseguiria ser captada apenas nas palavras do texto teórico. A versatilidade no debate só foi conquistada com a complementação do documentário, que mostrou um caso na prática.

Sobre o esporte, há muito a ser feito. Em 2014, o Brasil realizou a Copa do Mundo. Enquanto todos os olhos estavam voltados para o desastroso resultado da seleção nacional na competição, em outros esportes, o país fez história. O tênis não foi exceção. No que foi considerada a maior conquista desde a era Guga, o time brasileiro da Copa Davis – o torneio “por equipes” do circuito mundial – derrotou a potência espanhola em solo tupiniquim e chegou ao grupo de elite da modalidade. Desde o declínio de Gustavo Kuerten, o tênis vive uma de suas melhores fases. O problema disso é que os atletas continuam despontando de iniciativas isoladas, dos clubes caros e sem muita perspectiva de renovação, a não ser por outros casos gerados espontaneamente. E a imprensa continua agindo da mesma forma que sempre fez: valorizando o esporte apenas quando alguém conquista uma vitória significativa.

A questão das quadras públicas de tênis não é exclusiva da modalidade inglesa. Outros esportes passam pelo mesmo problema, alguns até em maior escala. O ponto principal é que a urgência da democratização das práticas esportivas é evidente, caso o país queira ser desenvolvido esportivamente. E o jornalismo pode ter parte nisso, mesmo que a responsabilidade final não seja dele.

O *ponto de(a) partida* deveria ser a redefinição da forma como a própria imprensa age em relação ao esporte. Ainda que seja utópico acreditar que o lucro vá deixar de ser o principal fator para definir o que deve estar em pauta – ao menos na maioria dos grandes veículos –, é dever do jornalista repensar o modo como tem tratado o conteúdo que dispara. Seja com formato de entretenimento ou com traços que fogem do padrão jornalístico, a consciência da função social faz com que a qualidade daquilo que o público recebe seja muito maior. Quando o jornalista

entender isso, mesmo que o ambiente seja adverso, será possível enxergar um novo patamar na profissão.

Das grandes experiências adquiridas no decorrer deste trabalho, o contato com os entrevistados foi a mais gratificante delas. Perceber o entendimento de profissionais renomados sobre o seu objeto de estudo é mais do que completar tarefas para um trabalho acadêmico; é fonte de conhecimento. A pesquisa proporcionou aquilo que o jornalismo também faz: conhecer realidades e pessoas diferentes, mas com ideias parecidas para uma sociedade melhor. No caso, através do tênis, do trabalho social ou do bom desempenho profissional. Se um jornalista só se sente realizado quando termina o trabalho diferente de quando começou, posso dizer que aprendi muito mais do que imaginava. Se eu vier a trabalhar com o assunto da pesquisa novamente, levarei comigo uma visão muito diferente da inicial.

Das expectativas com a pesquisa e dos objetivos traçados, todos foram alcançados. Embora os reajustes ao longo do processo sejam naturais, os tópicos fundamentais para um bom resultado final foram alcançados sem maiores problemas. A percepção dos momentos certos para realizar mudanças estratégicas foi outra característica adquirida ao longo do andamento da pesquisa e que é indispensável para um bom jornalista.

Além disso, o aprendizado técnico também foi satisfatório. Pude conhecer novas técnicas de filmagem e novas formas de edição, que serão úteis para o desenvolvimento profissional. A valorização dos processos envolvidos na gravação de um material, bem como a importância de se planejar cada parte de uma produção foram outros quesitos relevantes na prática.

Um grande jogo não é vencido sem grandes desafios. Nesse sentido, a realização da dupla jornada a qual esta pesquisa se propôs é a comprovação de que é plausível que pesquisadores acadêmicos desenvolvam projetos profissionais, por mais difícil que seja “a partida”.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **Jornalismo cidadão**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 31, p.25-40, jan. 2003.

ALABARCES, Pablo. ¿De qué hablamos cuando hablamos de deporte? **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n. 154, p.77-86, mar. 1998.

ALABARCES, Pablo. El deporte en América Latina. **Razón y Palabra**, Cidade do México, ano 14, n. 69, p.1-19, jul. 2009.

ALBUQUERQUE, Afonso de. **As três faces do quarto poder**. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Mídia, representação e democracia**. São Paulo: Hucitec, 2010.

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BARTHES, Roland. O que é o esporte? **Serrote**, São Paulo, v. 1, n. 3, p.96-105, nov. 2009.

BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge. A transformação do tênis em fenômeno midiático no Brasil a partir de Guga. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, p.1-17, mar-jun. 2006.

BETING, Mauro. Pago para ver. In: BOAS, Sergio Vilas. **Formação e informação esportiva**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus Editorial, 2005. p. 13-41.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Florianópolis, ano XII, n. 17, jul. 2001.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Lisboa: Fim de século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BUENO, Luciano. **Políticas públicas do esporte no Brasil**: razões para o predomínio do alto rendimento. 2008. 314 f. Tese (Doutorado), Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

BORELLI, Viviane; FAUSTO NETO, Antonio. Jornalismo esportivo como construção. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, n. 7, p.61-74, dez. 2002.

BOYLE, Raymond. **Sports Journalism**: Context and Issues. London: SAGE, 2006.
BOUET, Michel. **Signification du sport**. Paris: Editions Universitaires, 1968.

BRACHT, Valter. Esporte-Estado-Sociedade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 10, n. 2, p.69-73, jan. 1989.

BUENO, Luciano. **Políticas públicas do esporte no Brasil**: razões para o predomínio do alto rendimento. 2008. 314 f. Tese (Doutorado), Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

CAGIGAL, José María. **Deporte, pulso de nuestro tiempo**. Madrid: Nacional, 1972.
CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e Os Homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CARTA, Gianni; MARCHER, Roberto. **O tênis no Brasil**: de Maria Esther Bueno a Gustavo Kuerten. São Paulo: Códex, 2004.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil**: A história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

DAMATTA, Roberto. **O universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMO, Arlei Sander. Produção e Consumo de Megaeventos Esportivos: Apontamentos em Perspectiva Antropológica. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, p.67-92, mar. 2011.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62-83.

ECO, Umberto. **Viagem na irreabilidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. In BETTI, Mauro. (...)

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FERNANDES, Márcio. **Civic journalism**: haverá um modelo brasileiro?. Guarapuava: Unicentro, 2008.

FREITAS, Armando; BARRETO, Marcelo. **Almanaque Olímpico SporTV**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Cob Cultural, 2008.

GASTALDO, Édison. Comunicação e Esporte: Explorando Encruzilhadas, Saltando Cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, p.39-51, mar. 2011.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GUERRA, Márcio. O triste caminho do jornalismo esportivo: o sorteio da Copa do Mundo perde para o decote de Fernanda Lima. In: ROCCO JÚNIOR, Ary José. **Comunicação e Esporte**: Copa do Mundo 2014. São Paulo: Intercom, 2014. p. 157-170.

HOBBSAWN, Eric. **Tempos Fraturados**: Cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KRZNARIC, Roman. **The first beautiful game**: Stories of obsession in Real Tennis. Oxford: Ronaldson Publications, 2006.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LINHALES, Meily Assbú. **A Trajetória Política do Esporte no Brasil: Interesses Envolvidos, Setores Excluídos**. 1996. 242 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

LOBO, Luiz. Tênis: Uma invenção inglesa. In: CASTRO, Ruy; MELLO, Maria Amélia. **O melhor da Senhor**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 264.

MARQUES, José Carlos. A “criança difícil do século”: algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, p.39-51, mar. 2011.

MARSHALL, Julian. **The annals of tennis**. London: The Field, 1878.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2010.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, p.1-15, set. 2008.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

ROSSI, Jones; MENDES JÚNIOR, Leonardo. **Guia Politicamente Incorreto do Futebol**. São Paulo: Leya, 2014.

ROWE, David. **Sport, culture and the media**. Berkshire: Open University Press, 2004.

SILVA, Camile Luciane da; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Comunicação televisiva: reflexões e considerações sobre o telejornalismo esportivo. **Razón y Palabra**, Cidade do México, ano 14, n. 69, p.1-18, jul. 2009.

SOUSA, Li-chang Shuen Cristina Silva. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 4., 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2006.

TÊMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. "O time está dando o melhor de si": Aspectos do esporte na programação da televisão brasileira. In: MARQUES, José Carlos; MORAIS, Osvando J. de. **Esportes na idade média**: diversão, informação e educação. São Paulo: Intercom, 2012. p. 285-312.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Volume I. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TUBINO, Manoel. **O que é esporte?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

URE, Mariano. A função pública do jornalista: da imparcialidade à coesão social. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, ano V, n. 2, p.113-127, jul-dez. 2008.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: Uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Editora Ática, 1996.

Outras referências

BNDES. **Esportes no Brasil**: Situação Atual e Propostas para Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/esporte.pdf>. Acesso em: 18 maio 2014.

BUENO, Wilson da Costa. **Chutando pra fora**: Os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. Disponível em: <<http://comtexto.com.br/criticom/textos/wilson-bueno/chutando-fora.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2014.

CBT. **A origem do Tênis a partir de Jeu de Paume**. Disponível em: <<http://cbtenis.com.br/site.aspx/historia-tenis>>. Acesso em: 25 maio 2014.

DELOITTE. **Muito além do futebol.** Disponível em: <[http://www.deloitte.com/assets/Dcom-brazil/Local Assets/Documents/Estudos e pesquisas/PesquisaMuitoAlemFutebol.pdf](http://www.deloitte.com/assets/Dcom-brazil/Local%20Assets/Documents/Estudos%20e%20pesquisas/PesquisaMuitoAlemFutebol.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2014.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** Disponível em: <http://www.galileu.radiocb.com/ebooks/durkheim_as_regras_do_metodo_sociologico.pdf>. Acesso em: 17 maio 2014.

ESPORTE, Ministério do. **Histórico.** Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/institucional/historico.jsp>>. Acesso em: 18 maio 2014.
IBOPE. **Mais esporte na TV.** Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/artigospapers/Paginas/Mais-esporte-na-TV.aspx>>. Acesso em: 26 maio 2014.

JORNALISMO E ENTRETENIMENTO. Ver TV. São Paulo: TV Brasil, 15 de Julho de 2012. Programa de TV.

MARTINS, Fábio Peres de Berredo. **Da esfera pública burguesa à nova ordem social:** o papel dos media. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-fabio-esfera-publica-burguesa.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

PUC-RIO. **Esporte é jornalismo, mas também entretenimento.** Disponível em: <[http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Jornal/Esporte/"Esporte-e-jornalismo,-mas-tambem-entretenimento"-13218.html#.VBnX0fldWSo](http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Jornal/Esporte/)>. Acesso em: 17 set. 2014.

REVISTA TÊNIS. **A Revolução de 1968.** Disponível em: <http://revistatenis.uol.com.br/artigo/a-revolucao-de-1968_1483.html>. Acesso em: 25 maio 2014.

RIO 2016. **Os Jogos Olímpicos:** Tênis. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/os-jogos/olimpicos/esportes/tenis>>. Acesso em: 25 maio 2014.

TERRA. **História do Tênis.** Disponível em: <<http://www.terra.com.br/esportes/infograficos/historia-do-tenis/>>. Acesso em: 25 maio 2014.

UMA CONVERSA sobre documentários - Formatos, linguagens e estilos. São Paulo: Núcleo de Vídeo Sp, 2012.

UNESCO. **A Unesco e o esporte.** Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002213/221313por.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2014.

UOL. **Modalidades olímpicas: Tênis.** Disponível em:
<<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/modalidades-olimpicas/tenis/>>. Acesso em: 26 maio 2014.

UOL. **"Se os diretores de TV não gostarem de tênis, ele nunca será transmitido".** Disponível em:
<http://www2.uol.com.br/tenisbrasil/profissional/entrevista/entrevista_rui_viotti.htm>. Acesso em: 26 maio 2014.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO

PERGUNTAS GERAIS

1. Você assiste esporte na televisão? Com que frequência?
2. Você assiste telenoticiários esportivos? Com que frequência?
3. O que você acha da qualidade desses noticiários?

JORNALISMO X ENTRETENIMENTO

4. Bastante gente discute o esporte na televisão porque muitas vezes, embora pareça ser apresentado em forma de jornalismo, ele aparece simplesmente como mais uma forma de entretenimento. O esporte é um produto rentável, mas o jornalista tem uma função social. Como você vê esse conflito?
5. Uma grande discussão em torno da televisão e do esporte é a função de broadcasting (geração de imagens) que o jornalismo assumiu. O broadcasting não é uma prática muito comum no Brasil, no sentido de se ter uma empresa que produza as imagens de esporte e as revenda, como um produto, para as emissoras. Normalmente, são as próprias emissoras que geram as imagens para poder transmiti-las. Nesse sentido, é possível combinar o papel de broadcaster com o jornalismo ou sempre será um conflito de interesse?

JORNALISMO E FUNÇÃO SOCIAL

6. Você acha que o jornalismo esportivo tem alguma responsabilidade em relação às políticas públicas do esporte?
7. Se tem, como você vê a atuação da imprensa, especificamente na televisão, em relação às políticas de promoção social do esporte?
8. Sobre o jornalismo esportivo que tem sido apresentado na televisão: você acha que ele trabalha tendo em vista a função social do jornalismo ou faz coberturas específicas, ocasionais, daquilo que é relevante para o momento?

ESPORTE-ESPETÁCULO E ESPORTE-LAZER

9. Um caso clássico de investimento do governo no esporte é o da China, quando no governo de Mao Tse-Tung o estadista declarou que o tênis de mesa seria o esporte nacional. Isso acabou gerando uma série de resultados, já que o ciclo induziu ao surgimento de grandes ídolos e esses ídolos se tornaram modelo para o surgimento de novos esportistas. Você acha que isso já aconteceu no Brasil com alguma modalidade – o investimento produzir ídolos e ídolos produzirem investimento?

10. Nesse sentido, o esporte como forma de entretenimento é normalmente chamado de esporte-espetáculo, assim como os ídolos são chamados por alguns teóricos de olimpianos. Qual é a importância e a responsabilidade desse esporte-espetáculo junto com seus ídolos para o esporte-lazer, que é aquele que faz parte da vida do cidadão comum?

11. Falando sobre o caso do surgimento de ídolos, o tênis foi um dos esportes que passou por esse processo comum, já que houve a *espetacularização* da modalidade, no Brasil, devido ao surgimento de um grande ídolo. Contudo, essa massificação do tênis não gerou resultados duradouros para o esporte. Será que o jornalismo poderia ter ajudado nesse processo de alguma forma? Se sim, como o jornalismo pode ser um catalisador na promoção de políticas públicas do esporte?

COBERTURA ESPORTIVA

12. Qual é a modalidade que você mais vê, enquanto telespectador?

13. Você acha que a cobertura excessiva de uma modalidade prejudica o jornalismo, no sentido de atuar em favor do esporte? O prejuízo econômico é quase que inevitável, mas existe o prejuízo para o esporte-lazer, aquele do cidadão comum?

14. E como você analisa a cobertura que tem sido feita dos movimentos políticos do esporte, como é o caso do Bom Senso F.C. e do Atletas pela Cidadania? O que poderia ser feito de outra forma?

FORMAÇÃO E QUALIDADE JORNALÍSTICA

15. A falta de aprofundamento teórico dos jornalistas que trabalham com esporte sobre teorias do próprio esporte e teorias de jornalismo prejudica, de alguma forma, a prática profissional?

16. De que forma um aprofundamento conceitual sobre o esporte e sobre a sociedade pode ajudar o jornalista em sua função?

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

TÍTULO: O ponto de(a) partida

DURAÇÃO: 29'

ROTEIRO E DIREÇÃO: Gabriela Ribeiro

ENTREVISTADOS: Prof. Alexandre Gonçalves, crianças do projeto Jogue Tênis, Teliana Pereira, Fernando Meligeni, Leonardo Mendes Jr., Prof. Dr. Fernando Mezzadri, Paulo Calçade, José Trajano.

ABERTURA

(CORTES DE IMAGENS DAS QUADRAS DO JARDIM BOTÂNICO + CORTES DE IMAGENS DA QUADRA ARTHUR BERNARDES)

(TRILHA SONORA ABERTA)

Professor: Contando sobre o projeto *(COBERTA COM IMAGENS DO PROJETO)(FADE TRILHA SONORA)*

Meligeni: O que eu acho sobre o projeto social é que ele não tem que ser vendido como a salvação. Ele tem que ser vendido como inclusão. Educação em esporte. Educação ele tem que estar dentro. Porque não é só esporte.

Professor: Rotina do projeto

Letizia: Tem várias partes legais. Uma é que a gente brinca, a outra é que a gente joga...

Gabriel: Eu dou uma corridinha em volta dela, faço alongamento e começo a jogar!

Professor: Falando sobre os equipamentos

Gabriel: Vou ser sincero: eu só trago minha raquete, minhas três bolinhas e mais nada.

Letizia: A raquete eu não tenho, a minha irmã que tem a raquete.

Gabriel: Olha, vou ser sincero, para mim, eu não tenho dificuldade praticamente com nada no tênis.

Meligeni: Todo mundo que começa a jogar tênis se apaixona. Não é uma coisa “que saco”, “joguei duas vezes”. Eu vejo no dia-a-dia. Eu faço clínicas de tênis em trinta lugares por ano. Eu jogo mais ou menos com duas mil, três mil pessoas que nunca tocaram em uma raquete. Eu tenho um projeto dos SESC's que é “Tênis para Todos”. Então, você toca com muita gente que nunca jogou tênis. Aí, no ano seguinte, você volta e ela fala “eu estou tomando aula”. E nunca tinha visto tênis na vida. Joga descalço a primeira vez. Joga com uma raquete emprestada nossa. E fala “nossa, que legal esse esporte, nunca tinha imaginado que era legal!”. Aí você fala “será que ele não é legal ou será que nunca mostraram para as pessoas?”.

FADE OUT PRETO

CENA 1

IMAGEM DE ABERTURA + NOME DO DOCUMENTÁRIO (“O ponto de (a) partida”)

Gabriel: Eu adoro ser jogador de tênis. É muito bom, eu adoro mesmo.

Teliana: Na verdade, eu acho que o tênis me escolheu, porque eu comecei no tênis de uma maneira que ninguém consegue acreditar e na verdade sou muito grata ao tênis por tudo o que ele fez por mim.

Meligeni: Eu tenho um respeito muito grande pelo tênis. Você tem o lado profissional, que é você conquistar seus objetivos, você conseguir depois de muitos anos trabalhando viver dele... Mas eu acho que a experiência te dá uma visão a respeito do tênis muito maior do que apenas aquele menino que ia lá, batia na bola, ganhava ou perdia. Eu acho que, falo sempre, que eu sou a pessoa que eu sou graças a minha família e ao tênis. Os valores que eu aprendi dentro de uma quadra de tênis são absurdos, basicamente os mesmos valores que eu recebi em casa.

Gabriel: O que eu mais gosto no tênis?

Teliana: Eu gosto do tênis porque eu acho que é um esporte que exige muito, tanto mentalmente quanto fisicamente e exige uma disciplina – nossa, você tem que estar muito dedicado! – eu acho que isso é legal, não só para o esporte, mas acho que é uma coisa que você leva para a vida, assim.

Meligeni: Eu acho que o tênis te dá muita coisa legal se você abrir sua cabeça e não pensar só na vitória ou na derrota. Você tem hierarquia, disciplina, comprometimento, aprender a ganhar e perder, a justiça. O lado do companheirismo, que as pessoas acham que é um esporte individual, mas você está sempre com seu técnico, seu preparador físico, seu próprio parceiro de dupla.

Teliana: Eu acho que o tênis é um esporte que cada dia você quer melhorar. Todo treino você tem um objetivo e isso faz com que a pessoa cada dia fique mais viciada. Então, ela não tem barreira cada vez ela quer melhorar, por isso que eu acho que o tênis se torna tão viciante e tão gostoso, porque você sempre tem um objetivo e depois que você bate esse obstáculo você quer um a mais.

(CORTE DE IMAGENS DA QUADRA DO JARDIM AMBIENTAL II + COMEÇO DE JOGO)

FADE OUT PRETO

CENA 3

Gabriel: O que eu acho mais difícil no tênis? Essa é uma pergunta difícil.

Teliana: Talvez, o que falte hoje, seja as pessoas terem mais acesso ao tênis, porque você quer assistir e você quer jogar, mas para você jogar, como o tênis é um esporte caro, você acaba que não dá para fazer. Então acho que é mais essa questão do tênis se tornar um esporte mais acessível.

Meligeni: Eu acho que o tênis é um esporte que tem muito problema de acesso. É um esporte à beira do elitismo: ele é caro, sim, você tem que estar dentro de um clube para fazer, sim, mas qual esporte que não é no Brasil? A minha briga não é o

querer fazer, mostrar para as pessoas que o tênis não é elite. A minha briga é mostrar que o esporte é elite no Brasil.

(PARTIDA DISPUTADA EM QUADRA PÚBLICA)

Calçade: Nós não somos um país esportivo. Somos um país que realizou a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos e depois não vai acontecer mais nada.

Meligeni: A gente tem uma Olimpíada vindo aqui e não andou o esporte no Brasil. Andou em estrutura. A gente vai ter um baita de um estádio, um baita de um estádio de tênis. Agora, e aí? Do que adianta se você não fez uma estrutura para nossa molecada? Se o esporte não foi tratado diferente, não foi tratado profissionalmente, as pessoas que estão gerenciando o esporte não são profissionais?

(TROCA DE BOLAS MAIS RÁPIDA)

Traiano: Brasil é o país que só se preocupa com futebol. A gente fala em Olimpíada, outros esportes, quando tem uma Olimpíada. Acabou a Olimpíada, esquece. Quando está chegando na Olimpíada, a gente lembra de outros esportes. Acaba a Olimpíada, a gente lembra um pouquinho e vai esquecendo, até voltar outra Olimpíada. Às vezes se lembra, quando tem uma final de mundial de vôlei, ou quando tinha o Guga no tênis... Coisas episódicas.

Teliana: O Brasil é um país tão grande e infelizmente a gente não tem muitos tenistas. A gente teve o Guga, teve o Bellucci, Maria Esther, então pro país que o Brasil é, é muito pouco.

Meligeni: E quando as pessoas não perceberem que isso é um produto, que isso é uma religião, as pessoas que estão governando não são o esporte, são apenas ferramentas, como a gente também, os jogadores, vai ser assim. Vai aparecendo jogadores. Apareceu o Guga. Não vai aparecer mais.

(TROCA DE BOLAS MAIS INTENSA AINDA)

Léo: No Brasil, o que você tem é uma geração espontânea contínua. Você pega, por exemplo, o Guga. Gustavo Kuerten apareceu quase que por geração espontânea. Não houve nenhuma política clara para formar, para descobrir valores no tênis que se chegasse ao nível do Gustavo Kuerten. Ainda assim, ele surgiu. A partir do surgimento dele, muito mais gente foi jogar tênis, mas por conta – no clube ou nas poucas quadras públicas que você tem. Mas não houve uma preocupação em ordenar aquele interesse todo. Você não iria tirar, talvez, “Gustavos Kuertens” em série, porque aí entra muito o dom, a capacidade individual, mas você poderia fazer, por exemplo, o que a Argentina fez.

Calçade: Você vai lá em Buenos Aires e você tá andando e quadras publicas. De tênis. Onde é que eu ando na rua em SP ou em alguma cidade do Brasil e vejo uma quadra pública de tênis?

Teliana: Estados Unidos já treinei em várias quadras publicas. É impressionante a quantidade, acho que até por isso eles têm tantos jogadores, pelo fato de ter tanta quadra.

Meligeni: Os Estados Unidos é o grande exemplo. Você vai jogar o Orange Bowl, que é o campeonato mais importante, é no Flamingo Park, eu joguei, quando eu tinha 18 anos de idade – long time ago. E você entrava e falava “o que é isso aqui?”. Isso é um parque público, Flamingo Park. Miami, em Key Biscane, é um parque público (IMAGENS DO CRANDON PARK). Você paga dois dólares, que é só a manutenção mesmo. Agora, você tinha um lugarzinho que você marcava a quadra, você tem um responsável, você tem regras, você tem grade. Não é aquela coisa “é público, larga lá”, “é pro povo”... Encher a boca “larga lá que é pro povo”.

Trajano: Essa é uma utilização do espaço público. Que vem se perdendo nas grandes cidades. Nós estamos perdendo esses espaços. Então, por isso que eu digo, tinha que ter uma coisa em bloco, muita gente, recuperando esse espaço, primeiro detalhando e mapeando esse espaço público, e levando o pessoal para utilizar. Então, quando você anda por Nova York, quantas pessoas utilizando... Não é possível, para tudo quanto é lado. Qualquer bairro tem.

(TROCA DE BOLAS INTENSA)

Calçade: A gente tem que entender o que é esporte. Esporte tem dois no Brasil: futebol e o resto. A gente tá falando de políticas públicas voltadas para o futebol? Talvez não. A gente deveria ter? Sim, um plano para salvar o futebol e lidar com outros esportes. E a questão das políticas públicas voltadas para o esporte é fundamental porque mexem com a educação, saúde, cultura... Só que não existe essa visão. Quem é que está preocupado com isso? E o que a gente vê é uma política pública do esporte completamente equivocada. O governo focando no alto rendimento... O alto rendimento tem que ser o resultado, você tem que ter uma escada e o alto rendimento no ultimo degrau. Mas a gente tem que subir o primeiro para chegar no ultimo. E a gente corta o caminho, pega um elevador para chegar lá no último. Quando se fala de alto rendimento, “vamos apoiar”... Mas esse apoiar como, se não tem base?

Professor: Dificuldades do tênis

Meligeni: A visão do esporte no Brasil é muito deteriorada.

(FINAL DA TROCA DE BOLAS COM BOLA NA REDE + REDE + RAQUETE NO CHÃO)

FADE OUT PRETO

CENA 4

(JOGADOR RECOLHENDO A RAQUETE)

Mezzadri: A nossa defesa é que o governo precisa democratizar. Se haverá atletas de alto rendimento mais pra frente, isso é uma consequência de uma estrutura bem organizada e de um sistema bem organizado. A outra é a democratização das práticas esportivas, onde você tem várias modalidades esportivas e faz com que a população pratique essas várias modalidades e, a partir dessa prática, do conhecer, do saber dessa prática esportiva, a criança, o adolescente vai escolher uma delas para seguir. A questão é: como é que se ocupa esse espaço público? (COBERTA COM IMAGENS DO PROJETO JOGUE TÊNIS)

Léo: A questão é essa, você tem que ter um número maior de espaços.

Professor: Condições das quadras

(DIFICULDADES NO JOGO POR CONTA DA QUADRA)

Gabriel: Às vezes o piso é meio ruim, às vezes quando chove fica tudo molhado e a gente escorrega muito quando chove.

Letizia: Podia ter mais árvores para fazer mais sombra, porque no verão é muito quente.

Gabriel: Eu praticamente cruzo a cidade só para vir aqui jogar o tênis que é uma coisa que eu adoro. *(IMAGENS DELE JOGANDO)*

Meligeni: É triste para mim como esportista, não existe essa política de querer fazer com que o esporte em geral – não só o tênis – seja público, seja para todo mundo.

Traiano: Nós temos uma coisa espalhada aqui e ali, mas não é uma coisa determinada, ciente, pra valer. Você tem movimentos de ONGs, instituições, mas você não sente como uma coisa política consistente.

Professor: Contando sobre outras ações de ocupação do espaço público com tênis

(COBRIR COM IMAGENS DO TÊNIS DE CAMPO EM ESPAÇOS PÚBLICOS)

Mezzadri: Eu posso praticar o tênis em qualquer espaço (...) Quando se têm uma política que tem uma percepção do que é o esporte, o espaço público, ele existe. Precisa melhorar? É claro que precisa melhorar.

Léo: Precisava ter mais e precisava ter, principalmente, algum cuidado, algum monitoramento.

Meligeni: Não adianta você só fazer uma quadra de tênis. Daqui a seis meses ela vai descascar e o cara vai jogar futebol aqui dentro. Você tem que fazer uma estrutura. Acho que é um pouco isso que a nossa política pública é. (COBERTA COM IMAGENS DA QUADRA WENCESLAU BRAZ)

Calçade: É uma questão de pensar. Talvez o custo seria zero ou até ganho com isso, ter gente disposta a desenvolver. Mas também, quando existe a política...

Quando você tem uma ideia de esporte... Até porque espaço público quando você não tem uma ideia, alguém se apropria dele e já deixa de ser público e vira privado.

Léo: Melhor você ter cinquenta bem cuidados do que ter quinhentos simplesmente largados, para dizer que tem e usar pra bonito em campanha política.

Mezzadri: Eu acho que a gente tem que ter a percepção de como nós vamos ocupar esse espaço existente.

(IMAGENS DAS QUADRAS WENCESLAU BRÁS E JARDIM BOTÂNICO)

Meligeni: Eu tenho uma história muito engraçada. Eu fui jogar no interior de São Paulo, numa cidade de dez mil habitantes. E fui chamado, eu e o Marcelo Saliola, para fazer e quando eu chego e tá no meio de uma praça pública uma quadra de tênis. Uma coisa maravilhosa! Coreto... Uma coisa típica de cidadezinha do interior de dez mil pessoas. E estou tomando o café e chega o prefeito. Eu não sabia que era o prefeito. E eu comecei a conversar com ele, nove horas da manhã... Exibição era meio dia. E eu falei “por que uma quadra de tênis?”. “Ah, não, queria fazer uma coisa diferente”. “Legal, tem alguma loja de tênis na cidade?”. “Não, não tem”. “Tem algum professor de tênis?”. “Não, não tem”. “Tem material?”. “Não, não tem”. Legal, mas...

Mezzadri: A responsabilidade de desenvolver a política pública do esporte é do governo, seja de federal, estadual ou municipal. Quem tem essa responsabilidade na elaboração e execução dessas políticas é o Estado.

Meligeni: Você tem que fazer uma política. Toda uma estrutura para aquilo lá, compra equipamento, dá aula de tênis pras crianças, faz um projeto social, aí a coisa fica legal.

(COBERTA COM IMAGENS DO PROJETO)

Professor: Mais quadras públicas significa...

Teliana (4'): Teria mais jogadores. Consequentemente a gente teria melhores jogadores e o tênis estaria talvez ao invés de ter – posso falar do tênis feminino – talvez ao invés de termos uma jogadora top 100, talvez a gente poderia ter várias. Acho que isso seria o foco principal.

(DESCANSO ENTRE GAMES)

FADE OUT PRETO

CENA 5

Meligeni: Eu acho que o Brasil é totalmente voltado ao resultado, pouco à moda, mas principalmente o ídolo.

Teliana: O Guga foi número 1 do mundo, ganhou três Grand Slam, isso é uma coisa incrível. Então todo mundo achava que os próximos ganhariam mais Grand Slam, seriam número 1 do mundo, acho que tem que pensar isso – se o Guga começou, teriam que dar continuidade – mas também não é bem assim.

Meligeni: Acho que esse é o grande problema. A gente espera o ídolo para fomentar. O Senna, o Guga, o Oscar... Só que aí eles vão embora e fica aquela barriga.

Trajano: Agora, se você ficar incentivando só o esporte de alto-rendimento, utilizando esses ídolos pra publicidade apenas e não pra prática, para desenvolver a prática, não vamos chegar a lugar nenhum. E vamos queimar esses ídolos, queimar igual carvão.

(CONTINUAÇÃO DO JOGO)

Meligeni: O tênis também, sempre esteve à deriva, até que apareceu o Guga, número um do mundo. Todo dia no jornal, todo dia na televisão. Aí o cara quer jogar, quer conhecer. A criança começa a botar isso na possibilidade.

Léo: O esporte, o espetáculo, é o que vai levar as pessoas a praticarem aquela modalidade por lazer. Elas tentarem ali no dia-a-dia dela ser um pouquinho daquele astro que elas veem na TV ou quando vão ao estádio. Elas fazerem parte, um pouquinho, daquele show. É impossível você dissociar uma coisa da outra.

Meligeni: O lado positivo do lado Guga é que abriu. É muito canal com tênis. Um passa Masters 1000, outro ATP 500, outro 250. Outro até Challenger de São Paulo. Tem veterano passando. (PRATICANTE ASSISTINDO A TÊNIS NA TELEVISÃO)

Mezzadri: O papel da imprensa: ela busca vender um determinado produto e, nesse caso, é o esporte. Poderia ser qualquer outro produto.

Meligeni (31'): A imprensa tem que apenas colocar lá ou ela tem que analisar, comentar?

Trajano (5'): Quem é que faz um jornalismo esportivo preocupado com isso? Com as políticas públicas?

Calçade (14'): Têm veículos que não são preocupados com isso. E não é uma ação: fiz uma matéria. É algo muito mais amplo.

Trajano (5'): O jornalismo esportivo, em sua grossa maioria – eu também não vou botar que todo mundo é igual, na mesma panela – presta um grande desserviço à nação brasileira.

Mezzadri (19'): Ao ela fazer isso, ela pega apenas uma dimensão do esporte: a do alto-rendimento. Então, ela pega uma parte do que nós entendemos que seja o

esporte e não o esporte como um todo. (*PRATICANTE ASSISTINDO A TÊNIS NA TELEVISÃO*)

Calçade (27'): A televisão que vai mudar isso? Vai voltar isso “não, tem esportes muito mais legais”. Ou é você criar lá na ponta e crescer? Quando ela ficar adulta “tem futebol, tem basquete, tem atletismo, olha que legal o judô...”. A televisão é que tem que mudar isso? Ela tem que mudar? Que é uma concessão, mas tem uma relação comercial? Então, com certeza, isso poderia ser melhor debatido entre quem está numa ponta e quem está na outra. Mas você precisa ter um projeto.

(*TELEVISÃO DESLIGANDO*)

FADE OUT PRETO

CENA 6

(*CORTE DE IMAGENS DO JOGO*)

Meligeni: Nunca se joga junto. A política com o atleta. E essa conversa, às vezes as pessoas querem botar na conta do atleta e a gente quer botar na conta do político. E falta esse diálogo, que é o simples diálogo de perceber que o esporte é muito mais importante que esse político que estava aí e que esse atleta que estava aí.

Trajano: Se você conseguisse que o governo apoiasse pra valer, com pressão da sociedade e contasse com o apoio desses atletas de ponta e utilizasse o prestígio desses atletas de ponta, para que eles pudessem conversar com as crianças, ir às escolas, fazer palestras, gravar vídeos, contando a história desses atletas e divulgar em bibliotecas, ensino à distância...

Meligeni: Será que se tivesse se juntado naquele momento?”. Mas, para isso, você precisa ter um dirigente esportivo muito bom. E você tem que ter uma cabeça aberta do atleta muito boa. E o Guga tinha, naquele momento.

(*RECEPÇÃO DE SAQUE*)

Meligeni: Primeira coisa que me vêm à cabeça é o Parque Ibirapuera, em São Paulo, que tinha quatro quadras de tênis, é gigantesco, absurdamente grande, numa época onde o Guga era número 1 do mundo, tênis estava bombando, e os caras vão lá e tiram as quadras.

Calçade: Você não consegue dar o passo seguinte porque tem um buraco. E aí agora, gostei, como é que eu faço? Vou na minha escola? Não. Vou no clube da cidade? Não. Vou para onde? Ah, não vai. Morreu. Morreu ali um futuro ídolo.

Léo: Acaba tudo se tornando um imenso desperdício, porque talvez você tenha aí trabalhando num escritório de advocacia ou na Petrobrás ou em qualquer outro lugar, um cara que podia ser tão bom quanto o Gustavo Kuerten, mas que não foi

porque você não tinha um projeto, um trabalho para pegar aquele talento e fazer com que ele fosse evoluindo até chegar ao nível profissional.

Teliana: Eu tenho uma história de vida incrível. Eu sai do sertão nordestino não sabia o que era o tênis e coisa do destino meu pai começou a trabalhar aqui, eu comecei pegando bolinha, e desde que eu comecei a jogar eu tinha o sonho.

CENA 7

(SACANDO PARA FECHAR O JOGO)

Gabriel: Meu sonho no tênis é ser um campeão.

Teliana: Eu já realizei vários sonhos na minha carreira. Mas é claro que o sonho maior de um tenista é chegar entre as dez melhores do mundo é um sonho bem alto com certeza, mas não custa sonhar. Acho que é o sonho que faz a gente trabalhar dia-a-dia.

(TROCA DE BOLA)

Professor: O sonho de todo professor...

Teliana: A criança, quando ela tem seis anos, ela começa, ela joga porque ela gosta, é um esporte que encanta. Mas ainda é muito cedo para pensar em ser numero um do mundo. Tem que curtir. Claro, acho que se você tem um sonho de continuar, trabalhar muito duro. Acho que o principal do tênis é o trabalho e a dedicação e o foco. Tem que ter muito foco no objetivo.

Meligeni: Você tem que ter esperança sempre. Eu sou um dos que mais tem esperança. Eu acho que eu vou morrer lá e tentando ser ouvido. A grande esperança é ter pessoas que amam o tênis como eu amo, como alguns amam realmente.

(FECHA O PONTO E VENCE O JOGO)

Meligeni: A minha esperança é essa, pra começar a melhorar. É começar a ter cabeça aberta. E o esporte brasileiro não tem.

Trajano: Dá pra fazer, “nós vamos melhorar esse país em”... Porque o esporte não pode estar dissociado da saúde e da educação. Se isso corresse tudo junto, em dez, vinte anos a gente iria transformar esse país.

Professor: Falando sobre o futuro do projeto.

(ABRE TRILHA SONORA)

Meligeni: Você entra numa escolinha de tênis, ou num projeto social, você vai para o estágio dois. Que é um treinamento um pouco mais... Até o centro de treinamento no estágio 3, que é o menino de 15 anos, ele tá treinando, ele á focado para jogar tênis.

Não passou. Vai continuar estudando. Agora nem todo mundo quer virar tenista profissional. Um quer virar professor, outro motorista de taxi, motorista de ônibus... Cada um escolhe o seu futuro.

Gabriel: Olha, eu pretendo ser um campeão e eu espero que vocês me ajudem.

(CLIQUE DE IMAGENS MAIS LENTAS + IMAGEM DO PROFESSOR DEIXANDO A QUADRA DO PROJETO + CRÉDITOS)

ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTA COM JOSÉ TRAJANO

Bastante. Já assisti mais, quando eu era diretor da ESPN, até por obrigação eu tinha que ver a ESPN e os outros canais horas e horas. Hoje eu vejo um evento ou outro, um jogo ou outro... Um noticiário ou outro. Mas já fui aquele doido de plantão. Vejo bastante. Faz parte da minha profissão.

Ruim, porque há uma tendência no jornalismo esportivo hoje de ficar engraçadinho, de fazer graça. Então, o jornalismo começa a confundir informação com humor e jornalista não sabe fazer humor. Quem sabe fazer humor é humorista, é quem escreve para televisão, para cinema. Todo mundo pensa que é um pouco Woody Allen, mas não é. Então, eu acho que há uma tendência para forçar o humor. Um humor de quinta qualidade. E também não vejo pautas tão criativas como a um tempo atrás. Há uma necessidade, uma enxurrada de informações, mas aquelas pautas saborosas, mais gostosas, estão saindo o telejornal. Às vezes você encontra, não quer dizer que não há. Mas há uma tentativa de informar muito, mas eu prefiro às vezes informar menos com mais qualidade, mais sabor. Claro que cada telejornal tem o seu diferencial, sua maneira de ser, seu foco. Mas, tirando assim na média, eu daria uma nota 5,5.

Primeiro, as pessoas que fazem jornalismo esportivo hoje, eu acho que elas pecam pela falta de referência profissional. Entram na profissão porque virou certo modismo, achar que tudo é saboroso, é encanto. Viajar pelo mundo, grandes eventos, Copa do Mundo, Olimpíada. Como se o dia-a-dia do jornalismo esportivo fosse isso. Não é um problema de saudosismo, que eu acho que tem gente nova boa, mas eu acho que não há uma preocupação com a profissão e com essa função social. Porque quem entra em televisão, a maioria que entra, é de uma vaidade extrema. E depois que mete a carinha no ar, então, fica insuportável. Então esse negócio de função social, se você tá fazendo alguma coisa que preste, com gente, com pessoa, botando o dedo na ferida do esporte, cutucando os dirigentes, isso fica num outro plano. A vaidade vem em primeiro lugar. Esse é um grande pecado da maioria que entra para fazer jornalismo esportivo.

Dá para combinar tudo com tudo. Arroz com feijão. Desde que você seja criativo, inteligente, ético e saiba o que está fazendo. Aí dá para combinar qualquer coisa. Qualquer setor da criatividade, coisas criativas que você vê, na publicidade, no jornalismo. Tem que saber onde você tá pisando, tem que saber suas armas, o seu conteúdo. Porque o conteúdo é que é fundamental. Você saber usar o conteúdo, ter o conteúdo na linha de frente. Você pegando todas essas estruturas que você fala, broadcasting, não sei o quê, dá pra fazer. Desde que você use muita inteligência, criatividade e, principalmente, seja muito ético.

Deveria ter. Se você espremer, você vê. Quem é que faz um jornalismo esportivo preocupado com isso? Com as políticas públicas? Veja na Globo, na Record, no SBT... Você vê um bando de ex-jogadores discutindo futebol o tempo inteiro. Vê um bando de programas de espertinhos, discussão, não sei o que... E vê pouca coisa voltada para o interesse público, uma diversidade de programação que atenda a vários esportes, que se preocupe com o atleta. Não com o atleta, com a criança, que é um direito da criança, o esporte. Ele não quer saber. Ele quer saber se o fulano vai jogar amanhã, da contusão do outro, da fofoca, quem tá namorando quem... O jornalismo esportivo, em sua grossa maioria – eu também não vou botar que todo mundo é igual, na mesma panela – presta um grande desserviço à nação brasileira. Não se preocupa com coisas importantes que a gente deveria se preocupar. Quando se preocupa, faz coisas muito boas. Por exemplo, lá na ESPN Brasil, tem um programa chamado Caravana do Esporte que é uma das coisas que eu me orgulho muito de ter participado desde o início, há nove anos, que corre esse Brasil de ponta a ponta, dirigido pela Ana Moser, grande atleta, que dirige o Atletas pelo Brasil, junto com a Adriana Saldanha, que vai a cidades indicadas pelo UNICEF. São cidades onde a prática esportiva não tem nem local apropriado para ser desenvolvida – pelo Brasil, boa parte das escolas não tem nem instalação esportiva – e leva a prática esportiva para o meio da rua, para os espaços públicos. E é um programa de televisão. Como outro programa de televisão que eu acho interessante: Memória Olímpica do Esporte Brasileiro, que a gente faz junto com a Petrobrás e com a Cinemateca. Histórias de atletas, vencedores ou não, a participação brasileira em todas as Olimpíadas. Já fizemos trinta filmes, queremos chegar agora em 2016 a cinquenta filmes e exibir esses filmes em praça pública, colégio, sindicatos... E em todas as televisões que quiserem exibir também. Há uma

prioridade em exibir na ESPN, mas não um privilégio. Pode passar em outros lugares, depois de exibir na ESPN. É o que eu te falo: não há uma pauta, uma vontade... Você quer saber de uma coisa? O jornalismo esportivo, o jornalista esportivo em sua maioria é de uma alienação brutal. É muito alienado. Ele não quer saber de partido político, de eleição, de se envolver ideologicamente com alguma coisa... Então é um bando de alienados que adora futebol e um ou outro esporte e a discussão fica nisso aí. Eu já convivi com muita gente interessante do esporte, que deixou o esporte por causa dessa alienação, de conviver com coisas menores – não é que o esporte seja uma coisa menor, pelo contrário, se você souber utilizar o esporte, trabalhar com o esporte, você faz um trabalho magnífico. Mas o problema é que você lida com muita gente que não tem ideia, não sabe conviver com isso. E conviver com gente alienada dói.

É daquilo que é relevante para o momento e em busca da audiência. A TV paga não se preocupava com audiência, agora se preocupa com audiência do mesmo jeito que a TV aberta. Isso é um pecado, você fazer tudo preocupado com audiência. Porque audiência não é sinônimo de qualidade. Você pega o Gugu, bota pra apresentar um programa de esportes na TV fechada e vai estourar a audiência. Só que vai ser uma coisa horrorosa. Pega o Ratinho, coloca lá, vai ser a mesma coisa. Não é por aí. Eu acho que há uma preocupação enorme com audiência seja o que for.

A qualidade, o conteúdo, a informação bem trabalhada, isso não existe mais. E outra coisa: muita gente segue esse menininho aí, o Tiago Leifert, achando que, ele se vangloria de ter inventado o jornalismo esportivo. Olha, o jornalismo esportivo já teve gente muito talentosa através dos anos, dos séculos, e não começou com ele. Pelo contrário. Ele é representante de um tipo de jornalismo esportivo, de falar em pé, que não tem teleprompter, mais irônico, como se isso fosse uma grande coisa. Para mim, não é.

Brasil é o país que só se preocupa com futebol. A gente fala em Olimpíada, outros esportes, quando tem uma Olimpíada. Acabou a Olimpíada, esquece. Quando está chegando na Olimpíada, a gente lembra de outros esportes. Acaba a Olimpíada, a gente lembra um pouquinho e vai esquecendo, até voltar outra Olimpíada. Às vezes se lembra, quando tem uma final de mundial de vôlei, ou

quando tinha o Guga no tênis... Coisas episódicas. Uma vez, eu estava fazendo uma palestra para estudantes e uma menina levantou e disse que a televisão era culpada pela pouca divulgação de outros esportes, além do futebol. Aí eu falei: no que me toca, na ESPN, eu também vejo isso na própria SporTV, há transmissão de outros esportes. Por exemplo, nós éramos a emissora do Handebol. Tudo do handebol. Público nenhum, audiência zero... Aí eu falei assim: “olha, quando acabar a palestra, sábado agora” – era mentira – “vai ter um jogo Metodista x Pinheiros lá o ABC, do Campeonato Paulista de handebol. Quem quiser o ingresso pode pegar comigo depois”. Ninguém veio pegar. Quer dizer, é fácil você responsabilizar outro, porque o próprio torcedor brasileiro, ele também não dá um passo a frente. Fizeram a cabeça dele com o futebol. Então, o Brasil é um país mono. Esse negócio de que o brasileiro gosta de outros esportes pra mim é uma grossa mentira, da boca pra fora. Comodamente, em casa, você pode até gostar de todos os esportes, vendo uma Fórmula 1, um jogo de tênis. Mas você sair, você levantar a bunda da cadeira, pra ver um jogo de tênis, um jogo de handebol, pra assistir a uma competição de vôlei, basquete... Às vezes você vê o ginásio de vôlei lotado. Vai tudo de ônibus, pago pelo Banco do Brasil, camiseta, lanche e tal. Não é o público verdadeiro, que está indo por livre e espontânea vontade. Claro, tem um jogo ou outro, às vezes da seleção brasileira, que pode até ir, mas não há uma constante, não é uma coisa que tenha sequência.

Eu acho que a coisa mais importante não é o esporte-espetáculo, nem o esporte de alto rendimento. Eu, por exemplo, acho que nós tínhamos que nos tornar uma nação esportiva dando à criança o direito, como está no Estatuto da Criança e do Adolescente, à prática esportiva. Todo mundo se dando as mãos, uma iniciativa do governo federal, estadual, municipal, botando o bloco na rua... Grupos. Hoje em dia, isso está ligado a ONGs, o Ministério do Esporte age pouco, você não vê isso sendo abraçado. Eleição e nenhum deles fala em esporte. Fala em Olimpíada, Copa do Mundo, coisas grandiosas, mas o dia a dia não. Se você conseguisse que o governo apoiasse pra valer, com pressão da sociedade e contasse com o apoio desses atletas de ponta e utilizasse o prestígio desses atletas de ponta, para que eles pudessem conversar com as crianças, ir às escolas, fazer palestras, gravar vídeos, contando a história desses atletas e divulgar em bibliotecas, ensino à distância... A história do Guga, Ana Moser, Gustavo Borges... É uma coisa que

estamos fazendo com o “Memória Olímpica”, mas é uma coisa tão de formiguinha... Esses vídeos que a gente faz deveriam ser vistos por todo mundo! Porque você ensinaria para um garoto, para a menina... Poxa, legal praticar esporte! Vira um exemplo. Agora, se você ficar incentivando só o esporte de alto-rendimento, utilizando esses ídolos pra publicidade apenas e não pra prática, para desenvolver a prática, não vamos chegar a lugar nenhum. E vamos queimar esses ídolos, queimar igual carvão. Porque o atleta de alto rendimento, infelizmente, quando acaba a carreira dele, é um bando de aleijado. Todo mundo com dor aqui, dor ali, não pode nem andar. O Guga coitado tem um problema no quadril que não pode nem correr. A Ana Moser não pode nem jogar vôlei mais que fica com o joelho desse tamanho. Esses são sofrendores.

Eu acho que o jornalismo não tem muita culpa nisso não. Acho que quem tem culpa é o dirigente do tênis, o mundo do tênis. É a CBT. As federações. O Ministério do Esporte. Que deviam desenvolver o esporte, aproveitando o momento que nós tivemos um grande ídolo. E o tênis não soube desenvolver desse jeito. Tinha que ter mais clínicas, muito mais gente ter acesso às quadras, às bolas, professores... Não é falta de exhibir tênis, porque o tênis passa muito na televisão. Até mesmo por ser um esporte que não combina com televisão, porque pode durar cinco, seis horas um jogo e haja grade de televisão para passar. Mas acho que não souberam aproveitar o fato de o Brasil ter tido um grande ídolo. E eu também não comemoro certas vitórias do tênis brasileiro. “Ah, torneio-satélite, ganhamos em dupla. Uma menina ganhou com um indiano”. Por que a gente só é bom na dupla? Dupla é uma coisa menor no tênis. E eu acho que a gente tá investindo muito em jogos de dupla. Agora, curiosamente, você tem muitos jovens internados em clínicas, que vão bem em torneios até infanto-juvenis e depois não conseguem ir adiante. Ele não sente em volta dele, talvez, um mundo que vá com ele, que dê oportunidade a ele. Ele não pode ser sozinho, com mais um ou outro. Mas não é só com o tênis isso não. É com vários outros esportes. O Brasil, tirando o futebol, que há esse mundo, movimento, paixão, nós temos o vôlei, que traz muitas conquistas, público, fabrica muitos atletas, e olhe lá. O resto é isolado, um grande atleta que aparece na ginástica, no atletismo, lutando contra tudo e contra todos. Mas, no caso específico do tênis, eu acho que o jornalismo fez o papel dele. Cobria tudo que o Guga dizia, onde o Guga estivesse estava toda a imprensa brasileira, entrevistas,

séries, jogos. Mas os dirigentes, a cartolagem do tênis, e o Ministério não souberam desenvolver projetos de maior abrangência. Coisa que a Argentina faz, a Espanha faz, o Chile faz, bem melhor do que a gente.

Eu gosto de tudo. Mas, esporte é mais ou menos assim. Eu joguei basquete muito mal quando era bem jovem. Eu tenho certa queda pelo basquete. Mas não o basquete da NBA, o basquete brasileiro. Gosto muito de basquete. Gosto de vôlei – da seleção brasileira. Tênis, eu gosto. Então, gosto muito de tênis, basquete, vôlei. Outros esportes em televisão são mais difíceis de ver. Na televisão, nem tudo combina muito. Têm esportes que não são pra televisão.

Como tudo hoje é guiado pela audiência... Por que audiência? Quando você tem audiência, você consegue mais anunciante. Isso se aplica inclusive no site. Quanto mais *page views* você tiver, mais valor você passa a ter e passa a vender mais comercial. TV é assim. Então, de modo geral, nos últimos tempos, houve um rapa nos outros esportes. Quando tiver Olimpíada, vamos falar nisso, mas no geral o futebol é um exagero realmente, mas o futebol dá esse ibope, essa audiência. Então, qualquer besteira que você fale sobre futebol, dá mais audiência do que você falar de vôlei, de basquete, de nataçã... Aí fica essa coisa. Mas, se você olhar para a imprensa estrangeira, por exemplo, eu estava na França e estava lendo uma matéria do L'Equipe, que é um jornal tradicional de esportes, que ia começar um programa na TV sobre futebol feminino. Programa semanal. E dizendo que esperavam um sucesso danado, porque o número de federadas passava de 100 mil na Confederação Francesa de futebol feminino. Isso no Brasil seria impensável. No jornal, você pega o L'Equipe, você pega La Gazzetta dello Sport, que é um jornal italiano, você vê muito destaque para esportes que, no Brasil, não tem a menor expressão. Por exemplo, ciclismo. Quando tem o Tour de France, ou Tour da Itália ou giro da Espanha eles dão páginas e mais páginas. Handebol, rúgbi. Eles tratam de mais esportes na imprensa europeia e na imprensa americana. Mais ou menos, mais ou menos. O que eu te disse: todo mundo que comanda hoje é preso, tem que ser fiel a uma coisa cretina, absurda, que é a audiência, e a audiência gera mais faturamento, ele abre mão desse tipo de questionamento porque o que ele quer faturar, quer ter audiência. Não de uma maneira safada, às vezes, porque há um problema sério na imprensa esportiva, que está desaparecendo. Foi mandado embora. As grandes corporações diluíram. O Lance!, que é um jornal de esportes,

acaba de mandar trinta pessoas embora no Rio. O Jornal dos Esportes, que era o grande jornal do Rio de Janeiro, fechou. A Gazeta Esportiva, que era um grande jornal esportivo, fechou há muitos anos. As redações estão diminuindo. Então, na medida em que a gente fala que o pessoal só quer saber de audiência, faturamento... É uma acusação, mas olhando por outro lado, você nota que é uma maneira de sobreviver. Então, na hora que bota na panela “vem cá, vamos abrir mais para o handebol, para o basquete, para o vôlei...” aí tem uma voz que fala assim “não adianta, ninguém lê. Não traz comercial, não traz audiência, não traz nada. Como é que a gente vai fazer?”. Então, fica aquela coisa, deixa como está mesmo. Assim já está ruim, imagina mudando pra tentar audiência por um lado que não dá. É meio triste isso. Mas, por exemplo, a gente fala tanto em legado, né. Podia se aproveitar uma Olimpíada no Brasil – que é um feito extraordinário um país organizar uma Olimpíada – transformar isso num legado verdadeiro. Porque a gente só fala em legado em cima das obras. São vários tipos de legado: da prática esportiva, se você vai desenvolver trabalhos antes de prática esportiva, incentivar a prática depois... Isso na prática. E também no jornalismo. Quem sabe alguém ousando um pouco mais, falando de alguns outros esportes, numa época pré-olímpica, não possa continuar aproveitando o sucesso que vai ter um atleta ou outro, um esporte ou outro. Eu acho que há pouca divulgação, não há interesse da maioria. Por exemplo, na TV Bandeirantes. Os programas da Bandeirantes estão lá Denílson, Ronaldo goleiro, o Neto, o Milton Neves... Você acha que eles vão perder tempo? Eles acham tudo isso um bando de chatos. Porque isso que eles tratam vai tirar minutos preciosos da conversa deles sobre o Corinthians, o Palmeiras, sei lá o quê. Eles vão ser vistos como um bando de chatos. E conseguiram coisas maravilhosas, conseguiram pressionar o congresso a botar uma lei que teve que brigar para ser cumprida, sobre a reeleição de dirigentes, aquela coisa toda. O Bom Senso, alguns tratam com mais dignidade. Outros tratam como um bando de chatos. Fica sendo um assunto árido. Por isso que eu digo, a alienação é muito grande de quem comanda, quem apresenta. Então, esse pessoal é visto como um bando de chatos e tratam de coisas sérias, importantes e fundamentais.

Olha, hoje em dia, há uma tendência de um tipo de jornalista esportivo que a gente não tem como criticar muito porque eles estudam, se aprofundam, mas num tipo de coisa que não me agrada exatamente. Mas eu acho que podia ser isso junto

com essa preocupação mais politizada, mais aprofundada, mais preocupada com os valores. Que é o seguinte: o jornalista tá tentando ser um grande conhecedor técnico. Analisando jogos. Há uma tendência nisso: a prancheta. E saber o nome do goleiro reserva do time da segunda divisão da Turquia. Uma decoreba. “Não, não, aquele ponta-esquerda do time de Israel, do Macab e tal, é sensacional, já jogou dez partidas, o índice de aproveitamento dele é tal, na Champions League”. Eles acham que isso se basta. Isso é perigoso. O cara podia saber disso tudo – isso é uma curiosidade, um estudo. Ninguém pode ser contra alguém querendo se aprofundar nisso. Mas isso é pouco profundo. É um interesse estatístico. Enciclopédico. Mas não tem esse dedo na ferida da politização, da ideologia, aí falta. Então, nós estamos caminhando muito para um tipo de jovem que vem se formando e olhando o jornalismo esportivo com esse olhar aí, estatístico. É a coisa que vem da internet. Eu sou de um tempo que o jornalista ia pra rua, tinha caderno de telefone, ligava... As coisas mudaram. O jogador tem assessor, gerente, procurador. Então, ninguém procura mais ninguém, você acha que a informação tá ali no Google, Facebook, não sei o que. E nessas estatísticas. Então, o que falta no jornalismo esportivo é o conteúdo, a busca do conteúdo. E o jornalismo esportivo não confundir “saber o nome do ponta-esquerda reserva que joga na Turquia” e achar que isso é mais importante que outras coisas. E a tendência hoje é esse lado, infelizmente. Olha, eu não conheço bem as escolas de jornalismo. Aliás, nunca estudei. Eu, com 16 anos, já tava dentro da redação. De um modo geral, por eu conversar muito com jovens, eu percebo que eles não gostam das escolas que frequentam. Separa assim: um professor legal, mas não a escola como um todo. Então, o que eu acho que o jornalista esportivo tem que fazer: ele procurar, ele ir atrás. Aí eu pergunto, nesse pessoal: você com a vida, o que você quer com sua vida? Você vai ser uma besta quadrada, você vai ser um alienado, você vai ser um porra-louca. E aqui eu falo das referências: cuidado com as referências. Porque se a referência for aquele cara que ganha muito dinheiro e é famoso e é celebridade, isso não é o importante. As referências tem que ser daquele cara mais estruturado, sério, ideológico, intelectualizado, que tenha postura. Vou dar um exemplo. O Milton Neves é uma referência pra muita gente. Por quê? Ganha muito bem, tá rico, aparece na televisão todo dia, rádio, tem site, e o cara se engana: quero ser um cara como ele. Não seja.

No primeiro governo do Lula, ele pediu para um grupo de pessoas sugerir projetos para o governo dele. Então, nos reunimos, durante muito tempo, Sócrates, Raí, Ana Moser, Paula, Eu, Juca Kfoury, Bebeto de Freitas, Portela, que já foi da secretaria do esporte – o Ministério do Esporte antigo – posso estar me esquecendo de uns dois ou três. Nos reunimos e apresentamos projetos para o governo. Nenhum deles foi aprovado. Um deles era o Caravana do Esporte – que eu queria fazer uma coisa nacional, abrangente, bancada pelo governo, espalhada pelo país inteiro, reunindo milhões de crianças. Qual é o objetivo da Caravana do Esporte? Você vai a um lugar escolhido, leva atleta, ex-atletas, professores de Educação Física, tem uma metodologia própria, se instala naquele lugar – antes faz o contato com aquele lugar – em lugares que antes não tem espaços públicos determinados por esporte. Você utiliza o espaço público – é o que eu digo, não tem quadra, não tem ginásio, você utiliza a rua, a praça, o asfalto, a terra. Você chega no lugar e deixa biblioteca... Tem o trabalho com os alunos e com os professores. Durante dez dias, você está praticando com os alunos de várias escolas que estão no espaço público, onde se instala rede, cesta de basquete... Geralmente coisas feitas com material até da região. Você ensina a fazer rede de tênis, a cesta do basquete, a rede de vôlei. Quando você vai embora, depois de dez dias, há um contato que permanece. E duas vezes por ano, há um encontro de todas essas experiências. Você imagina se fossem feitas pelo governo bancando? Essa é uma utilização do espaço público. Que vem se perdendo nas grandes cidades. Nós estamos perdendo esses espaços. Então, por isso que eu digo, tinha que ter uma coisa em bloco, muita gente, recuperando esse espaço, primeiro detalhando e mapeando esse espaço público, e levando o pessoal para utilizar. Então, quando você anda por Nova York, quantas pessoas utilizando... Não é possível, para tudo quanto é lado. Qualquer bairro tem. Nós temos uma coisa espalhada aqui e ali, mas não é uma coisa determinada, ciente, pra valer. Você tem movimentos de ONGs, instituições, mas você não sente como uma coisa política consistente. Dá pra fazer, “nós vamos melhorar esse país em”... Porque o esporte não pode estar dissociado da saúde e da educação. Se isso corresse tudo junto, em dez, vinte anos a gente iria transformar esse país.

ANEXO 2 – ENTREVISTA COM LUCIANO BALAROTI

Bastante, diariamente. Assistio no mínimo o meu. Sempre tem que assistir para ver o que as pessoas estão falando, até se tem alguma coisa que a gente não deu... Mas também mesmo por interesse, para estar atualizado. Varia muito a qualidade. Cada um tem um jeito e varia bastante. Eu não gosto especialmente daqueles que são muito voltados para o lado do humor, da bagunça, mas, os que são sérios, acredito que eles têm uma boa qualidade em geral.

Não sei se chega a ser um conflito: na verdade, são duas coisas que se completam. Eu acredito que se complementam. O esporte é entretenimento, mas como o esporte é (não lembro quem diz) “das coisas menos importantes é a mais importante”, o esporte tem muita notícia, muita informação, mas no fim das contas quem tá lidando com esporte tá prestando esse serviço jornalístico, a base do jornalismo. O publico quer saber as informações do esporte, então não vejo esse conflito. O broadcasting acaba ficando muito para esses eventos específicos, então não vejo que vai ter esse conflito. Pode ser que, ao longo do tempo, com a evolução da mídia, a TV crie essa coisa de alguém cuidar mais dessa área. Talvez seja até uma tendência, mas acho que, por enquanto, não vejo esse conflito. Depois de um tempo, pode ter certo conflito de você ter que filmar e passar a informação daquele produto. Já acontece um pouco porque quem tem os direitos de transmissão do evento lógico que não vai querer falar mal do evento dele, então tem um filtro nas informações. É perfeitamente natural e acho que as pessoas estão suficientemente preparadas para entender isso. O detentor do direito ou quem gera as imagens não vai querer passar as coisas negativas. Ao mesmo tempo, eu vejo que, mesmo na Copa, e antes na Copa das Confederações acho que foi mais forte por causa dos movimentos sociais, a TV mostrava o evento, mas sem deixar de informar que tinha isso do lado de fora do estádio. Então, não vejo conflito nesse ponto. Tem o conflito, mas a TV brasileira tá resolvendo bem esse conflito.

Acho que tem alguma responsabilidade, mas tem dois lados: divulgando boas práticas e por outro lado cobrando os investimentos, se tão indo para o lugar certo. Então, acho que são essas duas vertentes. Tem ótimos exemplos que a gente consegue perceber. A ESPN Brasil faz muita coisa nessa área, nessas duas vertentes que eu citei, tanto mostrando práticas quanto cobrando as federações,

governos. SporTV tá tentando abrir mais espaço nessa área. A TV aberta é mais limitada até pelo tempo que tem para tratar dos assuntos. Mas, na medida do possível, ela tenta fazer isso – tanto mostrando boas práticas quanto cobrando dos dirigentes, principalmente assim. Eu acho que é mais a relevância – o que é relevante. E acho que algum, pequeno espaço, é destinado para essas coisas, para essa função social: para mostrar projetos que funcionam, para cobrar dirigentes, políticos, autoridades. O principal (e acho que vai ser sempre), até pelo tipo do público, pelo que o público quer ver mais, vai ser a cobertura factual dos eventos e competições.

Não, uma coisa formatada, certinha, acho que nunca existiu. Pelo contrário. No Brasil, a gente perdeu diversas oportunidades de formar talento. A partir do momento que surgiu algum ídolo em algum esporte, o Brasil perder a oportunidade. O caso mais claro é o do Guga mesmo, do tênis, que o cara ganhou três vezes Roland Garros e não veio ninguém. Você conta nos dedos os tenistas que vieram, os que são herdeiros do Guga. Hoje em dia, a gente tem o Bellucci, o Feijão, num nível um pouco mais baixo, a Teliana e é difícil citar mais alguém. Já era o momento de ter uma geração nova. Eu vejo como contra ponto a isso, por exemplo, na Alemanha, quando o Schumacher começou a ganhar todos os títulos mundiais, se formou toda uma geração de pilotos que está aí hoje dominando a modalidade. O Brasil já teve essa oportunidade na Fórmula 1 e perdeu. Hoje em dia, você tem dois pilotos que podem chegar na Fórmula 1 nos próximos anos e acabou. Para daqui a dez anos não tem um piloto que você fale “cara, vai estar na Fórmula 1”. É outro ponto que o Brasil falhou também. Então, eu acho que não tem, não existe isso assim.

Talvez sim. Talvez tivesse uma cobertura maior, mais frequente de competições juvenis, competições junior, talvez tivesse dado até um incentivo para a garotada que está começando. Não acho que seja o principal, assim. Acho que nesse caso, especificamente, faltou mesmo foi essa massificação, ter mais lugares para as pessoas praticarem, porque é um esporte considerado ainda “de elite” até pelo custo dos equipamentos. Eu acho que faltou mais disso, investimento do governo, da iniciativa privada e o jornalismo não ajudou muito nisso assim também. Acho que todo mundo tem responsabilidade. O jornalismo tem uma, mas não é muito grande assim.

Eu acho que é fundamental. Você vai se interessar em praticar um esporte se você vir alguém praticando bem aquele esporte. Se você tiver um ídolo, se você tiver uma coisa legal assim... Então, eu acho que é fundamental. Eu acho que muita gente foi jogar tênis por causa do Guga. Do mesmo jeito que muita gente foi correr de kart por causa do Senna. Então, isso é importante. Acho que muita gente pega gosto por outros motivos, mas acho que esse é um dos primeiros pontos. Pegar a criancinha que vê na TV, “cara legal, quero fazer o que ele faz”. O exemplo que vem do esporte-espetáculo incentiva muito as pessoas a começarem a prática esportiva.

Futebol, com certeza, porque é a que mais passa, inclusive. Você não consegue fugir disso. Assistio tudo. Gosto muito de automobilismo, não costumo perder corrida, principalmente Fórmula 1, mas também outras que passam. Vejo muito vôlei, basquete, mas também competições de alto nível. Infelizmente no Brasil os campeonatos nacionais, estaduais, caíram muito de nível de uns anos pra cá. Acho que todos, de modo geral, na maioria das modalidades. Então, você acaba perdendo a vontade de assistir mesmo. Mas assisto de tudo.

Eu acho que num certo ponto talvez prejudique. Se mostrasse mais coisas, poderia popularizar outros esportes. Mas, ao mesmo tempo, eu vejo o outro lado que o público quer ver aquilo. Se o futebol é o carro-chefe, não adianta, o pessoal quer ver futebol. A gente pela experiência que a gente tem trabalhando em TV, se a gente bota outras coisas, as pessoas até gostam, mas cobram que querem mais futebol, futebol, futebol. Infelizmente essa monocultura esportiva é uma coisa que a gente tem de muito tempo, é uma coisa que está arraigada culturalmente e é difícil a gente mudar isso, quebrar isso. Acho que o jornalismo até tenta, o entretenimento tenta um pouco mais, mas é difícil. Eu não acredito que seja uma falha do jornalismo, mas que seja uma falha estrutural brasileira mesmo. Podia ter mais espaço para eles expressarem as opiniões deles. Se cobre, quanto tem alguma reunião deles, do Bom Senso, mostra o que eles querem, mas fica muito nisso, é uma coisa pontual. Outros assuntos políticos que estão mais no momento têm muito mais cobertura. De repente o Bom Senso poderia ter a mesma cobertura que tem uma CPI, que tem alguns escândalos. Poderia ter uma cobertura mais próxima do que é isso, uma coisa diária. “Hoje eles chegaram em Brasília para apresentar uma proposta para tal, tal e tal. Amanhã vai ter uma reunião assim”. Acho que essa cobertura diária, já que é um movimento que não para, que tá todo dia fazendo alguma coisa, é um pouco

falha. Pontualmente, a cobertura é de alguns momentos mais fortes dele. Encontro com a presidente, encontro com os clubes.

Acho que sim. Infelizmente, a maioria dos jornalistas esportivos – assim, se o Brasil já é uma monocultura futebolística, eles são mais ainda. Não sabem nada, falta muito conhecimento de mundo, conhecimentos básicos que você vê que as pessoas não têm. Isso é uma falha enorme do jornalismo esportivo, geral, com raríssimas exceções que felizmente existem, mas que só vêm para confirmar a regra. Falta muita cultura geral no jornalismo esportivo e acho que isso atrapalha muito a cobertura. Acho que é um dos motivos, inclusive, que uma reportagem jornalística, mais ainda em rádio, alguma coisa em TV, bastante em jornal, acaba caindo no jargão. Você começa a ler um texto, ver uma reportagem, você sabe como vai acabar, sabe tudo que o jornalista vai dizer, porque não tem nada de novo. Acho que a maioria dos jornalistas esportivos é assim talvez muito por falta de conhecimento teórico e mais conhecimento geral. Eu acho que a partir do momento que você estuda mais, que você começa a ver outras práticas, tem mais conhecimento de mundo, tem mais conhecimento geral, acho que a importância da política é fundamental, você saber como funciona toda a estrutura política de um país, política esportiva... Quanto mais conhecimento você tiver, melhor você vai ser profissionalmente. Então, acho que isso seria fundamental para melhorar o jornalismo esportivo. Penso nessas poucas iniciativas que existem na cidade, poucos equipamentos que existem, poucos pela demanda que existe. Então acho que é isso. A gente vê pela profissão, os pedidos que chegam para gente, as sugestões que chegam. Muita cobrança disso, então acho que espaço público de esporte seria isso, ter mais quadras, mais ciclovias, mais pistas, mais qualquer lugar para as pessoas praticarem esporte.

ANEXO 3 – ENTREVISTA COM FERNANDO MELIGENI

Eu tenho um respeito muito grande pelo tênis. Você tem o lado profissional, que é você conquistar seus objetivos, você conseguir depois de muitos anos trabalhando viver dele... Mas eu acho que a experiência te dá uma visão a respeito do tênis muito maior do que apenas aquele menino que ia lá, batia na bola, ganhava ou perdia. Eu acho que, falo sempre, que eu sou a pessoa que eu sou graças a minha família e ao tênis. Os valores que eu aprendi dentro de uma quadra de tênis

são absurdos, basicamente os mesmos valores que eu recebi em casa. Eu acho que o tênis te dá muita coisa legal se você abrir sua cabeça e não pensar só na vitória ou na derrota. Você tem hierarquia, disciplina, comprometimento, aprender a ganhar e perder, a justiça. O lado do companheirismo, que as pessoas acham que é um esporte individual, mas você está sempre com seu técnico, seu preparador físico, seu próprio parceiro de dupla. É muita coisa, muito valor dentro de uma profissão e você aprende uma das coisas mais legais que é o ganhar e perder. Na vida você vive ganhando e perdendo. Você pede uma coisa para uma pessoa, a pessoa nega, é uma derrota. Você quer ir atrás de um emprego e a porta se fecha pra você é outra derrota. Você conquista um namorado ou uma casa é uma vitória. Você tem um filho é uma vitória. Então, é tanta coisa, que você aprender isso com oito anos, dez anos como eu aprendi, nos primeiros momentos que eu tive no tênis é... Então, para mim, o tênis é uma educação, uma vida. Por isso que quando eu parei, continuei totalmente envolvido. Não sou um professor de tênis, não sou um técnico de tênis, mas tudo que eu estou fazendo tem a ver um pouco com o esporte. É uma paixão, um amor que tenho pelo esporte com certeza. Um pouco por ser ruim nos outros. Eu não venho de uma família tenística. Meu pai jogava futebol, na brincadeira, é publicitário, se aposentou, minha mãe não também. Quando a gente veio para o Brasil em 1975, meu pai não era um tenista. Aprendeu a jogar tênis com um amigo. E eu fazia judô, handebol, jogava futebol de salão, tudo que eu fazia era legal, mas nada me chamou muita atenção. Até o dia em que eu entrei numa quadra de tênis com meu primeiro professor, que chama Nunes, e ele me mostrou outro lado. Eu acho que o educador é o cara que te faz apaixonar ou não do esporte. Eu tenho um filho de cinco anos e ele joga futebol, mas eu acho que muitas vezes é o educador que te traz para dentro do esporte. E o Nunes naquela época disse “não, é maravilhoso, esquece os outros esportes” e começou a vender o tênis com amor que eu acabei me apaixonando. Uma vez por semana, duas, três, cinco, queria ir toda hora. Por isso acabei escolhendo esse esporte.

Eu acho que o tênis é um esporte que tem muito problema de acesso. É um esporte à beira do elitismo: ele é caro, sim, você tem que estar dentro de um clube para fazer, sim, mas qual esporte que não é no Brasil? A minha briga não é o querer fazer, mostrar para as pessoas que o tênis não é elite. A minha briga é mostrar que o esporte é elite no Brasil. Você pegar uma pessoa que não tem dinheiro para entrar

dentro de um clube, ela não faz esporte. Ela pode brincar numa praça pública. Um pouquinho de basquete, um pouquinho de futebol... Só que ela não consegue nadar, ela não consegue fazer handebol, ela não consegue fazer esgrima. Nenhum. Atletismo, só consegue correr. A visão do esporte no Brasil é muito deteriorada. A grande demonstração para mim do que é o esporte no Brasil foi a declaração do Lula – e não é nada partidário, eu sou totalmente apartidário, sou a favor do esporte – eu dou exemplo do Lula porque um menino fala “ah, faz uma quadra de tênis aqui” e ele responde “não, vai nadar, moleque”. E aí o moleque fala “onde?”. Onde você vai nadar? No rio Tietê, em São Paulo? São poucos os lugares em que você tem a possibilidade de fazer outro esporte. Então, é muito fácil você pegar um ou outro esporte – pega o golfe, pega o tênis, que são, de repente, o material mais caro – mas o que está se fazendo pra melhorar isso? Estão tirando alíquota de uma raquete de tênis? Não, não se faz nada. Então, é muito fácil rotular. Eu odeio essas pessoas que rotulam. Se tentou, não se conseguiu, e realmente é. Agora, quando só rotula e não ajuda, aí eu sou um dos caras que sou contra esse sistema em que o tênis apanha o tempo inteiro por causa disso. Primeira coisa que me vêm à cabeça é o Parque Ibirapuera, em São Paulo, que tinha quatro quadras de tênis, é gigantesco, absurdamente grande, numa época onde o Guga era número 1 do mundo, tênis estava bombando, e os caras vão lá e tiram as quadras. E aí reclamam. Tudo bem o futebol tem mais. Mas não dava para deixar duas quadras? No parque Vila Lobos você tem e está sempre lotada. E tem poucos lugares públicos que você coloca uma quadra e tem gente jogando. É muito fácil falar que “não vale a pena”, mas não se coloca. Quando se coloca no lugar certo, com a estrutura certa, você tem um monte de gente que joga tênis. Eu acho que tem muito pouco. Como não só no tênis, tem pouca quadra de basquete, quadra de vôlei, futebol de salão. Até tem, mas aí você vai para Aracaju e você tem 15 quadras na orla. Poxa, com todo respeito, mas tem em Aracaju, por que não tem em São Paulo, que é muito maior, tem muito mais gente jogando? É, São Luís do Maranhão tem muitos lugares. São Paulo não tem. É triste para mim como esportista, não existe essa política de querer fazer com que o esporte em geral – não só o tênis – seja público, seja para todo mundo. Eu acho que esse é outro problema sério. Se você faz uma política pública, uma quadra pública, você tem que dar... Eu tenho uma história muito engraçada. Eu fui jogar no interior de São Paulo, numa cidade de dez mil habitantes. E fui chamado, eu e o Marcelo Saliola, para fazer e quando eu chego e tá no meio de uma praça pública uma

quadra de tênis. Uma coisa maravilhosa! Coreto... Uma coisa típica de cidadezinha do interior de dez mil pessoas. E estou tomando o café e chega o prefeito. Eu não sabia que era o prefeito. E eu comecei a conversar com ele, nove horas da manhã... Exibição era meio dia. E eu falei “por que uma quadra de tênis?”. “Ah, não, queria fazer uma coisa diferente”. “Legal, tem alguma loja de tênis na cidade?”. “Não, não tem”. “Tem algum professor de tênis?”. “Não, não tem”. “Tem material?”. “Não, não tem”. Legal, mas aí eu comecei a conversar com ele. Você precisa fazer uma estrutura, pega um professor, tem que fazer uma quadra, porque tem que encordoar, deixa o equipamento aqui. Não adianta você só fazer uma quadra de tênis. Daqui a seis meses ela vai descascar e o cara vai jogar futebol aqui dentro. Você tem que fazer uma estrutura. Acho que é um pouco isso que a nossa política pública é. Gabriela está enchendo muito o saco, vou colocar uma quadra pública de tênis lá em Curitiba, porque ela tá enchendo muito saco. Só a quadra não adianta. Isso que é uma política pública. Não é só o colocar. E eu vejo que às vezes é na pressão. Se a gente colocar uma pressão, vão botar quadra de tênis. Vão largar, e daqui a seis meses não vai ter ninguém jogando, pouca gente jogando e aí vão dizer “olha aí, tá vendo”... E não é assim. Você tem que fazer uma política. Toda uma estrutura para aquilo lá, compra equipamento, dá aula de tênis pras crianças, faz um projeto social, aí a coisa fica legal.

No Brasil, ia continuar sendo o que é. A gente consegue sobreviver infelizmente ou felizmente a abortos da natureza. São jogadores que apareceram para ser top 50, top 20, um do mundo sem nenhuma política. Sem nenhuma estrutura. Sem nenhum motivo aparente. Apenas a aparição do atleta. Eu acho que, muito mais do que aparecerem mais jogadores, você vai ter melhores pessoas. Porque o que a gente falou: os valores que o tênis te dá, é absurdo. Todo mundo que começa a jogar tênis se apaixona. Não é uma coisa “que saco”, “joguei duas vezes”. Eu vejo no dia-a-dia. Eu faço clínicas de tênis em trinta lugares por ano. Eu jogo mais ou menos com duas mil, três mil pessoas que nunca tocaram em uma raquete. Eu tenho um projeto dos SESC's que é “Tênis para Todos”. Então, você toca com muita gente que nunca jogou tênis. Aí, no ano seguinte, você volta e ela fala “eu estou tomando aula”. E nunca tinha visto tênis na vida. Joga descalço a primeira vez. Joga com uma raquete emprestada nossa. E fala “nossa, que legal esse esporte, nunca tinha imaginado que era legal!”. Aí você fala “será que ele não é

do 7x1. “Ah, não quero ver futebol”. Então, a gente vive muito sobre o que é o ídolo no Brasil.

Eu acho que o que aconteceu de bom é que popularizou mais. As pessoas imaginam é ela ficar barata. Eu vejo popularizar é ela ficar uma coisa mais geral. Você andar na rua e o cara – quando eu jogava, eu tinha que estar com uma raquete na mão pro cara reconhecer o Fernando. Depois, quando eu fiz semifinal de RG, a pessoa começou a me reconhecer. E depois quando o Guga passou, ele começa a “meu, você viu que o Karlovic ganhou do...” nada contra o Karlovic, mas como esse cara conhece o Karlovic? Então, hoje você vê televisão em seis canais, você tem ESPN, onde eu comento, mas tem SporTV, Bandsports, Fox, tem a Sky+. Você fala, peraí, é muito canal com tênis. Um passa Masters 1000, outro ATP 500, outro 250. Outro até Challenger de São Paulo. Tem veterano passando. Então, eu acho que abriu. O lado positivo do lado Guga é que abriu. Esperava mais. Eu acho que tem muito mais lado negativo – por incrível que pareça – do que lado positivo. Porque “ah, botaram mais patrocinadores dentro do esporte”. Não sei. Antes tinha bastante. Mas trouxe um carinho ao esporte, aquilo que a gente falava do ídolo, uma credibilidade que antes não tinha, quando você tem o número um do mundo. Tudo. A gente continuou... É o problema do que falta na política esportiva brasileira. A gente é arcaica. Eu sou crítico – quem me conhece, quem me lê um pouco sabe um pouco. É chato? É chato. Ah, mas o que você pode fazer? Eu não posso fazer nada. Eles não deixam. Porque eu não tenho penetração – eu e mais um monte de gente que gosta do esporte não tem penetração. A política esportiva brasileira é totalmente amarrada. Amarrada aos comitês, às federações, ao Ministério... E os atletas são os últimos e a estrutura é o ultimo. A gente tem uma Olimpíada vindo aqui e não andou o esporte no Brasil. Andou em estrutura. A gente vai ter um baita de um estádio, um baita de um estádio de tênis. Agora, e aí? Do que adianta se você não fez uma estrutura para nossa molecada? Se o esporte não foi tratado diferente, não foi tratado profissionalmente, as pessoas que estão gerenciando o esporte não são profissionais? Continuam sendo advogados, médicos, pessoas que trabalham part time nas federações e quando trabalham nas federações, ninguém entende como, porque você não é assalariado. Então, os EUA mostra isso na NBA, no futebol americano, no beisebol. Por que dá certo a liga deles? Porque é um cara profissional que está lá em cima. Aí o cara é tratado – fala uma besteira por email e é mandado

embora. Mas por quê? Ah, mas que gente dura. Sim. Eles tão cuidando do produto. O esporte é um produto. E quando as pessoas não perceberem que isso é um produto, que isso é uma religião, as pessoas que estão governando não são o esporte, são apenas ferramentas, como a gente também, os jogadores, vai ser assim. Vai aparecendo jogadores. Apareceu o Guga. Não vai aparecer mais. Por falta de estrutura. O grande problema que a gente tem é que a gente vive numa ditadura do dinheiro. Você tem os ex-jogadores que participam ainda do sistema, porque não há tanta coisa para você fazer depois que você para. Então, muitas vezes tem muito jogador que continua dentro das federações e do comitê. Tem os atletas que estão fora, que estão fazendo sua vida, que são os mais bocudos. Paula, eu, alguns atletas que se posicionam um pouco mais. Aí as pessoas falam “mas é por que você não está no sistema?”, não, eu não quero estar. Oportunidade a gente teve um monte. Realmente, não é a falta de oportunidade. Eu também tentei. E você tem os atletas de hoje, que tem todas essas bolsas e melhorias que eles são tendo. Só que eles sabem que essa melhora é espontânea, é momentânea. É porque tem Olimpíada. O grande medo do atleta é 2017, não 2016. 2016 é o medo de você jogar mal. Aí falarem “pô, você ganhou 5-10 mil reais por mês e você não ganhou a medalha”. Pau nele. Agora, 2017... Todas as bolsas desaparecem de repente. Os patrocinadores deixam de patrocinar – que isso é normal, quando acaba uma Olimpíada, principalmente no Brasil. E aí o cara faz o que? Não tem dinheiro para pagar o técnico, não tem dinheiro para comer. Se ele não guardou dinheiro, ele tem que parar de ser atleta. Só que ele não pode falar. Aí quando um desmiolado que nem eu fala, parece, pô, mas o Fernando... tá apenas dizendo a verdade. Ele só conseguiu jogar tênis porque o pai dele bancou. Tua família não jogou tênis por falta de dinheiro, por oportunidade. Poderia ter feito outra coisa. Ah, o Jaime. O Jaime salvou a carreira dele porque o pai dele bancou. O Guga, porque a mãe dele é uma gênio. Não é porque a federação ajudou. Então, quando a gente é contra algumas coisas, não é contra a pessoa. É contra o sistema. O sistema que está errado. Só que eu não quero mudar. E os atletas hoje não falam porque se falar muito, tiram da Davis. Se falar muito, tiram da Olimpíada. E aí, acabam com ele.

Eu acho que é uma bola de neve. É a minha grande briga na ESPN, que eu vou colocando produto, tentando mostrar... As pessoas falam “mas por quê?”. Porque eu acho que quanto mais você coloca produto dentro de uma televisão, de

um esporte, mais os patrocinadores entram. Hoje, o “Entrando de Fininho” tem três patrocinadores fortes. Com certeza os outros falam “se tá, tá e aquele outro”, será que eu também tenho? Então, a concorrência vai. Se é um banco, o banco concorrente já pensa. E acho que isso é normal. A gente conversava antes. Quanto que tem de livros, literatura, aprendizado, ensinamentos de tênis? Aí fazem a biografia do Agassi e vende. Por quê? Porque não tem nada! É ótima, mas as pessoas estão famintas. Eu faço uma “Dica do Fino” no Facebook, de coração, e eu tenho 30 mil acessos. As pessoas mandando “obrigado”. Por um lado é muito legal. Por outro, é muito triste. Você fala que é uma dica de cinco minutos na internet que você fala sobre alguns assuntos, você vê a carência do pai. O grande problema é a falta de informação. E, de repente, não dá ibope no começo. Aí entra o lado da televisão, que é a briga, venda por ibope, por manter. Agora, eu adoraria ter mais – hoje eu entendo mais da televisão por estar dentro – mas eu acho que precisa ter mais coisa. De conteúdo, boa, legal, por isso que a gente está sempre tentando. “Pelas quadras”, antes dos Grand Slam. É tentativa. “Ah, dá ibope baixo”, dá, mas você vai na rua e as pessoas falam super bem. Aí eu converso com a direção. É só ibope que vale? Ou vale também o produto, o canal ser olhado “olha, que legal o que eles estão fazendo”, aí é a briga que eles que decidem no final.

Muito, todo dia. Tem esportes que eu mais gosto. Futebol é o esporte que eu assisto, normal, porque também não dá para não assistir. Você liga a televisão você assiste. Impossível você... A não ser que você bote na TV Mulher e mesmo assim eles vão falar de alguma coisa que aconteceu. Não tem jeito. Eu gosto de futebol americano, gosto de vôlei, muito, e eu gosto muito dos campeonatos, principalmente. Mundial de esgrima eu to lá assistindo e torcendo. Judô eu adoro. Então, depende muito de quem está competindo, qual a história dessa pessoa... Estou tentando passar isso para os meus filhos. Tento mostrar a regra. Mundial de Basquete eu vejo. Eu sou um torcedor do esporte brasileiro. E eu entendo basicamente de todos os esportes, porque eu acabo querendo ver, querendo ler. Assisto, mas cansa 99% ser futebol. Tudo igual.

É a grande discussão que eu tenho internamente. Por um lado, você já viu que teve rádio aqui em SP que fez a rádio de todos os esportes e teve que ir para o futebol. Os canais acabam indo – muitos para todos os esportes e acabam migrando de novo para o futebol. A gente, público, acaba sendo um pouco como é na eleição.

Você reclama que tá isso, mas a votação mostrou que vocês querem isso. Você reclama daquilo... Com todo respeito, todo mundo falou mal do Tiririca, mas todo mundo votou nele. Então, a gente não pode reclamar. Tá todo mundo reclamando que não tem outros esportes, mas todo mundo só vê futebol. Então, esse é o ponto, que tá todo mundo tentando entender mais o povo. É isso que vocês querem, é isso que vocês têm. E nada contra, você pode gostar ou não gostar. Mas não reclame, depois, vocês que só veem futebol, você bota esgrima e todo mundo desliga a televisão, você bota tênis e o ibope é 00000. Então, vocês estão mostrando para o canal, para a ESPN, para os outros, que vocês não querem. Aí não tem como botar.

É difícil. Eu não me intitulo jornalista porque não sou formado em jornalismo. Eu estou. Sou um comentarista, às vezes um apresentador. Mas um cara que tá lá, curtindo. Mas eu tenho uma noção, acho que muito por causa do tênis, que você, quando bota a cara lá, você tem uma obrigação. Eu, quando entrava na quadra de tênis, estava jogando para um monte de crianças. Quando eu saía, a criança olhava se eu bebia, fumava, meu comportamento dentro de uma quadra de tênis. Até hoje. Então, eu aprendi: assinei um contrato, quando virei tenista, que você deixa um pouquinho sua vida de lado... “Ah, mas então você é um produto”. Não sou um produto, mas virei uma referência. E tem garotinho de oito anos te vendo beber bebida alcoólica, então posso também. Ele vê você fazendo uma besteira, então você tem que cuidar, principalmente com a criançada. E na hora que você tá no jornalismo, comentando o jogo de tênis... O cara quebra uma raquete, o que você vai falar? Eu falo que é normal, mas também falo “olha, você em casa tem que ensinar seu filho porque não é. Porque custa 500 reais uma raquete e isso, aquele outro”. Mas é difícil, porque você tem dez segundos. Primeira coisa você tem que ter consciência que isso aqui é uma arma. A televisão é uma arma. Quando você fala, você fala para milhões. Você não tem nem ideia. Então, você tem que tomar cuidado com o que você fala. E ser, principalmente, respeitar a sua maneira de ser. E ser você mesmo. Sim. O jornalismo esportivo – aquela discussão que nos últimos tempos teve da presidenta com o poder da imprensa. A imprensa tem que apenas colocar lá ou ela tem que analisar, comentar? Eu sou a favor de que tem que comentar. E tá cheio de gente que – se amanhã eu estudo e viro jornalista, eu vou ser tenista ainda. Então eu posso comentar sobre tênis. Não vou falar apenas “Bellucci ganhou, Bellucci perdeu”. Sobre a CBT. Eu sou um tenista, então eu tenho

opinião. O que a gente tem que ser é muito verdadeiro. E o que eu vejo é que a imprensa se perde muito nisso. Até onde vai o interesse, hoje tem muito dinheiro público. E esse, acho que é o ponto. As grandes empresas que estão botando dinheiro são empresas públicas. Aí você vai lá e critica alguma grande ação pública. Então, você está dando tiro no seu pé. Para mim, é um pouco do que você tem que falar o que pensa. Porque você é jornalista. As pessoas estão lá para informar. Esse conflito é muito complicado, muito tênue. Porque aí vem o comercial e fala não, pelo amor de Deus não fala, porque se não vamos perder patrocínio. Por isso gosto da ESPN, porque a ESPN fala. Doa a quem doer, perde um monte de coisa, mas tá tentando fazer um jornalismo verdadeiro.

Acho que não. Futebol ele anda sozinho. Acho que o mais engraçado, o esporte mais popular, que mais dá dinheiro, mais gera dinheiro, é o mais desorganizado. É que é tão bom, tão grande, tão fértil, que acaba rolando. Mas é o esporte pra mim que, e fosse organizado, coitada da Federação Inglesa, Espanhola... Nos maiores campeonatos. Todo mundo estaria aqui. Cristiano Ronaldo estaria aqui. Messi também. Neymar também. Não lá. Porque aqui é onde, a quantidade de gente que ama, que fala, que joga e o tamanho que é o Brasil. Agora, não vejo. Eu vejo a falta de oportunidade. Brasil foi o maior time de vôlei por quantos anos. Se aproveitou? Sim. Fez Saquarema lá? Sim. Só que, tá bom? A gente se contenta com tão pouco. Aí quando quer fazer uma coisa grande, vira esnobe. “Não, o Brasil não pode ter, como não pode ter uma Olimpíada, porque é muito grande”. Não, não pode ter uma Olimpíada porque vai gastar muito dinheiro. Agora, se fizesse, como foi prometido que a Copa do Mundo não seria de gastos públicos, mas de gastos privados, realmente, a gente merece ter uma Copa do Mundo no Brasil. A gente merece ter uma Olimpíada no Brasil. Só que no final acaba virando do jeitinho brasileiro. Porque não é bem organizado, como a China fez 12 anos antes, oito anos antes. Inglaterra também. Barcelona fez. Barcelona fez um up na cidade absurdo. Acho que esse é o grande problema. A gente espera o ídolo para fomentar. O Senna, o Guga, o Oscar... Só que aí eles vão embora e fica aquela barriga. Que aí qualquer cara que chegue perto como o Barrichello, o Bellucci hoje... “ah, não, é horrível”. Por quê? O outro cara era muito bom. E não se aproveitou aquele momento.

Não. Acho que no caso do Guga não. O tênis fez um up, durante um ano só se falou de tênis. Ele saiu de casa, ele foi comer na ilha... Ele mesmo, eu convivia com ele diariamente, “meu Deus, eu saio, sempre tem uma televisão ou um jornal na porta da minha casa, da casa da minha mãe”. Os patrocinadores entraram. Eu acho que na hora que entra um cara desse tamanho, você tem que tentar se juntar a ele. E é obvio que o atleta também fala “pô, agora você também quer”. Só que se é vendido uma coisa legal... “Guga, você apareceu, ninguém te ajudou, só que você tem a oportunidade de mudar o esporte brasileiro. E você vai ganhar o seu patamar, o seu tamanho por causa disso. Só que vamos. Você vai ganhar teu dinheiro, você vai ganhar o seu reconhecimento. Mas ao mesmo tempo, a gente vai dar uma volta no esporte como nunca se deu. Ajuda a gente a fazer um centro de treinamento. Com a sua influência”. Só que não. Ou o cara não precisa, porque ele é milionário já. Ou é a obrigação dele, porque ele é bom. E nunca se joga junto. A política com o atleta. E essa conversa, às vezes as pessoas querem botar na conta do atleta e a gente quer botar na conta do político. E falta esse diálogo, que é o simples diálogo de perceber que o esporte é muito mais importante que esse político que estava aí e que esse atleta que estava aí. Ele vai morrer. O Guga vai morrer. Eu vou morrer. Todo mundo vai morrer. E o esporte vai ficar. E aí vão falar “putz, se tivesse... Será que se tivesse se juntado naquele momento?”. Mas, para isso, você precisa ter um dirigente esportivo muito bom. E você tem que ter uma cabeça aberta do atleta muito boa. E o Guga tinha, naquele momento. Se fosse colocado de uma maneira certa. Agora, fica empurrando goela a baixo. Aí ninguém aceita, porque nunca ninguém te deu nada. Eu sou um pouco revoltadinho porque nunca ninguém me deu nada e agora as pessoas pedem. Agora, senta uma pessoa que realmente “olha, Fernando, pô, você tá fazendo isso de bom pelo esporte, vamos fazer assim? Para acontecer isso de bom para você, para o tênis, para a federação”. Só que quantas vezes eu escutei “é obrigação sua fazer”? Desculpa, obrigação não é. Eu posso querer fazer porque quero. O Guga pode querer fazer porque ele quer. E a gente já tentou fazer muita coisa, mas... Então esse é o grande dilema do esporte brasileiro também.

Sim. Prejudica em todos os sentidos. A galera que não entende de esporte – tá cheio de cara que não entende de esporte. Hoje, com todo respeito, qualquer um está na televisão e no rádio, fazendo jornalismo. Às vezes eu vejo a crítica – de repente, eu acho que, de alguma maneira, você tem que tomar cuidado. Acho que

não é só fechar. Um atleta pode ser comentarista – e acho que ganha o esporte, você vê que o público gosta, mais do que o cara apenas acadêmico. Mas você tem que cuidar do jornalismo, para ele ser verdadeiro. Senão, você coloca qualquer um lá, falando qualquer coisa, gaguejando, não sabendo o que está falando, então tem que tomar cuidado. Eu acho primeiro que, se você está escolhendo um esporte, você tem que praticar ele. A gente tem esse caso com o Fernando Nardini, que começou a jogar. E ele mesmo fala “cara, é outra visão”. E você tem que ir lá jogar bem? Não, você tem que ir lá tomar uma aula. É muito fácil eu falar “quero falar sobre judô”, nunca fiz na vida! “Mas como que ele tomou esse ippon?” e nunca entrou num tatame. E não quer dizer “só o atleta pode”, não. Quer dizer, a pessoa entender, ver o mecanismo, entender como o atleta fala, porque é tudo uma tribo. Os esportes são tribos. Como é a tribo do judô, do vôlei, do basquete. Você já pegou uma bola para tentar jogar para cima? Ah, mas era muito fácil. Realmente, era muito fácil. Até eu faço essa bola. Aí ele tem embasamento. Eu acho importante ele entender o que ele tá falando. Se eu for falar sobre beisebol. Eu nunca peguei um taco de beisebol. Mas vai ficar criticando sem ter nunca segurado no taco?

Se você fizer um pós, sim. Eu acho que a gente tem uma quantidade grande de atletas que vieram de pegador de bola, da camada mais pobre. (...), Rogerinho, filho de professor de tênis. São jogadores que não vêm da classe média alta, como todo mundo fala. Eu sou embaixador de um projeto social em Porto Alegre. E você vê: o que eu acho sobre o projeto social é que ele não tem que ser vendido como a salvação. Ele tem que ser vendido como inclusão. Educação em esporte. Educação ele tem que estar dentro. Porque não é só esporte. Aí você faz um centro de treinamento. É diferente. Então, ele vai treinar 6 horas por dia, daí vai estudar... Agora, quando você faz a inclusão, daquele menino de 8-10 anos, ele começa a tomar suas aulas, começa a melhorar na escola, ele vira um cidadão muito melhor. Aí, de repente, você “opa, esse menino joga bem”. E aí é hora de tirar ele. E pra onde tira? E essa é a grande batalha, que não tem. Não tem lugar, que ninguém está nem aí, a não ser as próprias pessoas do projeto social “onde eu boto”. Agora, o primeiro passo é você fazer esse menino competir, que ele aprende um novo valor. Que ele compete. Aí ele começa a jogar bem. E você faz o que com ele? E esse é o problema. É o gargalo que a gente tem. Eu acho que pode aparecer um menino de um projeto, pode. Só que esse menino vai ter que ser pego por um

empresário que gostou dele, que gosta dele, que vai bancar ele. E não é a maneira de se fazer esporte. Ah, mas é muito difícil. É, mas eu acho que a gente tem que ter uma escola em tudo. No tênis é igual. Você entra numa escolinha de tênis, ou num projeto social, você vai para o estágio dois. Que é um treinamento um pouco mais... Até o centro de treinamento no estágio 3, que é o menino de 15 anos, ele tá treinando, ele á focado para jogar tênis. Não passou. Vai continuar estudando. Vai para universidade nos EUA. Aí o leque abre. Não, é dá ou desce. Dá ou volta. Ou ele vai jogar, ou vai jogar. Ou ele tem que parar de jogar. Não tem que parar de jogar, se ele pode fazer faculdade nos EUA. Só que você tem que preparar esse menino. No projeto social, tem a Jalesca, que tá tentando ir para os Estados Unidos. Então, você sai. Agora nem todo mundo quer virar tenista profissional. Um quer virar professor, outro motorista de taxi, motorista de ônibus... Cada um escolhe o seu futuro. Eu acho. Tem a música lá dos Aliados e chama exatamente Esperança. Você tem que ter esperança sempre. Eu sou um dos que mais tem esperança. Eu acho que eu vou morrer lá e tentando ser ouvido. A grande esperança é ter pessoas que amam o tênis como eu amo, como alguns amam realmente. E cabeça aberta de uma turma. O ego de achar que o esporte é teu ele é há anos, faz parte do esporte brasileiro. E aí a gente vê, é a crítica velada ou não. Os presidentes das grandes federações acham que o esporte é dele. E todo mundo vai acabar dentro de um caixãozinho. Uns mais rápido, uns menos rápido, mais rico, menos rico. Mas vai acabar lá. E o tênis vai continuar. Daqui a cem anos, 200 anos, 500 anos o tênis vai estar. Então, a esperança é que essas pessoas entendam que eles não são o esporte. Entendam que mesmo as pessoas que falam contra – e na verdade não é contra a pessoa, é contra o que você tá fazendo. Eu jogava e as pessoas podiam me criticar porque achavam que eu jogava mal. A gente pode criticar o Bellucci, como criticam para caramba, até o presidente critica, aí ele não pode ser criticado. O COB não pode ser criticado, o presidente do país não pode ser criticado. E eu acho que tem que acabar com isso. Então, a minha esperança é muito mais as pessoas abrirem... A gente engole, fala, beleza, se as pessoas falaram que eu to mal, onde eu melhora? Aqui, ali. E a gente vive. A minha esperança é essa, pra começar a melhorar. É começar a ter cabeça aberta. E o esporte brasileiro não tem.

ANEXO 4 – ENTREVISTA COM PAULO CALÇADE

Assisto direto. Basicamente futebol, que é a minha área. Também assisto. Estou tão dentro da máquina que é difícil, quando você está fora dela, não continuar participando. Eu assisto. Hoje mesmo estava fazendo ginástica e vendo Sportscenter, Bate Bola... A gente fica de olho o tempo todo. É uma área que a gente não consegue desligar, né. Mesmo que você queira, você não tem essa permissão. Então, você está dentro e tá participando, tá vendo, tá ouvindo. As coisas acontecem muito rápido hoje. Tem picos de qualidade e de falta dela. Depende do tipo de noticiário, do tipo de canal... Se é TV aberta, se é TV fechada... Acho que você tem assim, setores com mais qualidade e outros com menos. A gente tem basicamente futebol – é muito difícil você encontrar na televisão aberta alguma notícia que não seja de futebol. É raro. Até porque os caras medem e a audiência desaparece. E até na TV fechada – essa é uma realidade que todos nós temos hoje, então também é uma preocupação.

Acho que a divisão começa essa: o que é entretenimento e o que é jornalismo. No nosso caso, eles se encontram, se juntam: você pratica o jornalismo mas tem alguns momentos que aquilo é puro entretenimento. Mas você também não pode deixar o jornalismo de fora daquilo e fechar os olhos para as questões jornalísticas, mesmo quando é entretenimento. É uma relação que precisa ser muito bem dosada: você não pode estragar o entretenimento, que é até uma forma de respeitar quem está assistindo. Imagine alguém que tenha um dia difícil e à noite quer ver um programa de esportes. E o programa de esportes está a coisa mais chata do mundo. “Puxa vida, saí do escritório, neguei o noticiário normal e agora vim para o esporte e está uma pancadaria igual!”. Que dia chato que o cara teve. Eu também não posso, por conta disso, não informá-lo. Então, é uma relação que você precisa saber muito bem como levar para não deixar de praticar jornalismo, mas de perceber o tamanho do entretenimento. Demora para a gente sacar isso. E alguns vão passar uma vida inteira sem perceber, errando nas duas mãos. Ou no excesso de jornalismo, quando é entretenimento, ou tratando tudo como entretenimento, quando ali há uma necessidade jornalística. E isso é muito claro: a gente liga a televisão e a gente saca quando alguém está errando em um ou em outro sentido. A gente tem, claro que tem uma função social. O esporte é extremamente importante nessa questão de entendê-lo como um instrumento, uma ferramenta. E o jornalismo também. Isso gera um debate que sai um pouco fora daquela prática específica.

Você, quando está ciente dessa função social, está debatendo num outro nível, num outro estágio, que não é do resultado, da beleza, do ganhou, do perdeu. É da construção daquele modelo do que é o esporte. Daquilo que a gente pensa que deveria ser o esporte. Então, são momentos muito claros. Infelizmente, a gente não encontra muito isso. São raros os veículos de comunicação que debatem nessa dimensão, do entretenimento, jornalístico e também do esporte como função social e a nossa participação nisso tudo. Eu acho que é necessário combinar as duas coisas. Mas o conflito de interesses está dentro das organizações, que simplesmente não permitem isso. Se você pegar a Copa do Mundo e você pegar quem transmitiu, o tom, e quem analisou e formou mais crítica, você vai perceber que esses momentos são raros. Esse papel está mais na imprensa escrita. Na televisão, aqui na ESPN, está muito, o tempo todo, nas duas coisas. As vezes a gente até erra a mão porque avança na questão jornalisticamente quando a questão é de mero entretenimento. Mas é raro ver. Basta ver o noticiário. Fique vendo o noticiário normal. Críticas, críticas... E o esporte? O esporte não faz parte. Porque o esporte é nosso negócio. No nosso negócio, a gente não aceita críticas porque a gente tem interesse naquele evento. Mas aquele evento produz os mesmos efeitos daquilo que você estava socando. E algumas daquelas pessoas são as mesmas, que você soca aqui, mas ali não. Então, é muito mais fácil os corruptos de plantão migrarem para o esporte. No esporte, eles têm uma proteção absurda, que lá dentro eles têm. Por quê? Só se enxerga entretenimento e não jornalismo.

Acho que tem, porque a gente poderia participar mais e entender melhor isso, o que é o esporte. Agora, o jornalismo esportivo... A gente tem que entender o que é esporte. Esporte tem dois no Brasil: futebol e o resto. A gente tá falando de políticas públicas voltadas para o futebol? Talvez não. A gente deveria ter? Sim, um plano para salvar o futebol e lidar com outros esportes. E a questão das políticas públicas voltadas para o esporte é fundamental porque mexem com a educação, saúde, cultura... Só que não existe essa visão. Quem é que está preocupado com isso? E o que a gente vê é uma política pública do esporte completamente equivocada. O governo focando no alto rendimento... O alto rendimento tem que ser o resultado, você tem que ter uma escada e o alto rendimento no ultimo degrau. Mas a gente tem que subir o primeiro para chegar no ultimo. E a gente corta o caminho, pega um elevador para chegar lá no último. Quando se fala de alto rendimento,

“vamos apoiar”... Mas esse apoiar como, se não tem base? Saúde, educação, esporte na escola... Esporte na escola é uma brincadeira de mau gosto. Então, acho essa discussão inócua, ridícula. Então, se você não lidar com o esporte nessa questão escolar, você não vai conseguir tratar lá no alto, no topo, porque você não vai formar gente que goste, que tenha interesse em praticar, gente que saiba... E não tem nada disso. E o jornalismo tá embutido nisso. Porque a gente não enxerga. Na função, nos canais esportivos, eles têm um negócio para lidar. Eles podem olhar para tudo isso? Eles devem olhar. Mas eles têm um negócio. Então, também existe uma cobrança de que a televisão tem que ser responsável em fomentar essa política pública que não existe. Mas existe? Não existe. Vamos formar base, aí a gente vai crescer junto? Vamos resolver o problema ali. Eles têm que pegar e emplacar o esporte. Mas emplacar como, se ninguém o incentivou lá na base? Não é esse o caminho. O caminho não é. Quando a gente fala “a imprensa” é uma coisa muito grande. O que é? É a rede Globo e a televisão local de uma cidade pequena? É o gigante e o pequenininho? São os qualificados e os sem qualificação? É o que a gente sempre brinca entre nós, “vocês da imprensa”. Mas que imprensa? Então, assim, alguns veículos têm um pouco mais dessa responsabilidade e outros não têm essa preocupação e entendem que não é problema deles. Não é problema de determinado veículo criar nada. Ele tá na missão dele. Se você não tiver um ponto de partida para se basear – é muito difícil achar que um canal de televisão vai criar isso. “Ah, nós vamos criar uma política pública”. No primeiro mandato de Lula, algumas pessoas se reuniram para sugerir alguns programas – algo que nunca deu em nada, mas resultou na Caravana do Esporte, que é uma coisa premiada. Poderia ser uma política pública – levar o esporte de IDH muito baixo. E ali começar a criar um movimento, é o que faz o Caravana do Esporte, que começou na ESPN. Eu acho que esse é um grãozinho de areia nesse deserto aí. Mas é muito pouco... Mas melhor que não fazer nada. Então, todos têm uma ação. Mas, olhar o esporte como deve ser visto, isso é muito difícil, porque todos fazem parte disso. A televisão, sem o governo. O governo sem esse “monstro”, a imprensa. Acho que todo mundo fazer parte desse núcleo. O que seria legal para todo mundo, muito agradável, ter essa missão até social e depois desfrutar dela. A gente teria um outro esporte, muito mais legal do que é. Nós não somos um país esportivo. Somos um país que realizou a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos e depois não vai acontecer mais nada. Eu posso falar por mim e pelos outros. Da minha parte, acho que eu tenho essa missão

e esse cuidado porque a gente está mostrando o tempo todo as mazelas, os interesses por trás disso, o caso específico do “não fazer”, especificamente no futebol. Quem não tá afim de realmente reformular, fazer. E as demandas que têm o futebol. Esporte é uma indústria. Deveria ser tratado como esporte e como indústria. E não é tratado nem como uma coisa nem outra. Os outros esportes vivem num patamar mais difícil. Têm veículos que não tão preocupados com isso. E não é uma ação: fiz uma matéria. É algo muito mais amplo.

Não, nem com futebol. O futebol é um problema, não um estado. A china é sempre uma aberração. A China consegue colocar chineses em todas as seleções de tênis de mesa do mundo. Você tem o chinês que joga pelo Brasil. A chinesa que joga pelo Brasil. O chinês que joga pela argentina... Parece mundial de futsal. Brasil tem 15 inscritos e tem 35 brasileiros jogando. É um negócio estranho. Eu acho que não é por aí: não é a mão pesada do Estado “vai desenvolver tal esporte”. É algo que tem que ser construído. Claro que com essa mão pesada é até mais rápido, mas a gente vai ter uma relação que se é ruim de um jeito, vai ser ruim de outro. Esse é um modelo que eu não acredito também. Eu acredito num outro, de construção. De levar pra base e ir subindo. Talvez seja melhor se basear na Austrália e não na China. A Austrália com 10% da população do Brasil faz muito. Mas ela filtra, observa, leva o atleta de um esporte para o outro onde ele vai se dar melhor. Porque com a população menor tem que trabalhar muito meio a qualidade. E a gente não trabalha nem a qualidade, muito menos a quantidade. E aí é um fator interessante. E agora com a população brasileira envelhecendo, vai ficar mais difícil. A gente está numa mudança demográfica. Então você vai ter uma população mais velha, quantidade menor de jovens, e você tem que trabalhar melhor. Então eu vejo dessa maneira. Não com a imposição do estado, mas com o estado entendendo que é preciso construir. Porque aqui as ações são isoladas. Montei um centro de treinamento, agora vamos deixar os equipamentos dos Jogos Olímpicos aí. Não é assim! É estar lá na escola de Santa Maria no RS ter um professor que está olhando para o aluno que salta mais rápido que os outros. Talvez aqui tenha um talento para determinada categoria de esporte. Vamos observá-lo. A gente manda ele pra onde? Para nenhum lugar. Não adianta o estado tirar esse moleque dos pais e levá-lo para SP porque esse menino é um talento. Não é por aí. Então, isso é mais amplo, denso, demorado e complicado do que chegar com uma caneta: “agora é assim”.

A importância é ter um Guga e ver que nada aconteceu também. O que mudou no tênis brasileiro? Nada mudou. A gente teve um fenômeno. E deu tudo certo, como já teve Maria Esther um dia. A gente tá falando dos fenômenos, não da captação, de filtrar, de políticas do esporte. A gente está falando de um fenômeno que, por uma série de razões, virou esse cara que entrou para a história. O ídolo é importante, mas o ídolo só não resolve nada. Ele te ajuda quando você tem um processo que funciona de captação, de desenvolvimento, de promoção de saúde... Aí o ídolo tá combinado nesse ambiente favorável. Quando você tem só o ídolo, nesse ambiente hostil, como você teve o Guga, num ambiente que não soube aproveitá-lo, “legal, parabéns”. E a gente vive de ídolo. Brasileiro gosta de futebol? Não, brasileiro gosta do time dele ganhando. Gostar de futebol é outra coisa. Torcer pelo time dele nos bons momentos é outra. E nesse caso nós somos bons praticantes. Mas aí tem o ídolo no outro esporte. Dayane dos Santos. Dayane era um ícone da ginástica que poderia potencializar e trazer outros praticantes. Beleza. Qualquer lugar do Brasil você sai e vai praticar ginástica? Não. Entendo, claro, que é difícil. Você vai ter um centro de treinamento de ginástica em cada um dos 5, 6 mil municípios. Também não. Mas também não dá para ser o que a gente tem. Daí você pega a menina de Manaus vai morar em Curitiba agora. Então, é isso que é desenvolver esporte: como você leva gente para praticá-lo. O ídolo é legal, porque o ídolo te desperta. Mas quando o ídolo te desperta, você acorda e tem um buraco. E você não consegue dar o passo seguinte porque tem um buraco. E aí agora, gostei, como é que eu faço? Vou na minha escola? Não. Vou no clube da cidade? Não. Vou para onde? Ah, não vai. Morreu. Morreu ali um futuro ídolo.

Eu acho que nesse caso a gente vai dar para o jornalismo uma responsabilidade que é de consertar o esporte, o país, a economia... Eu acho que o jornalismo consegue – o jornalismo sério, porque tem jornalismo lixo e está cheio na televisão – fazer a parte dele. Mas também a gente não pode querer que resolva os problemas de legislativo, acabe com a corrupção, fomente uma política nacional do esporte... Eu acho que é torna-lo um poder que ele não tem. Você faz até onde você pode. Denuncia... Esse é o nosso papel. Se no passo seguinte não muda... Quando a questão vira policial, problema do Estado para o Estado agir e ele não age, aí a gente... não tem jeito. Porque se não a gente vai achar que sempre o jornalismo está

devendo. Às vezes ele chega no limite dele, até no limite constitucional dele. Acho que fora isso, só virar modelo chinês. Aí não é legal.

Futebol. Sou um cara do futebol. Nasci dentro do futebol, permaneço dentro do futebol, estudo futebol... Posso até acompanhar, mas dizer que tenho o amor, carinho, gosto que eu tenho pelo futebol, não tenho. O futebol é tão gostoso, tão bacana que quanto mais você aprende, mais você percebe que você não sabe nada, que você tem que evoluir... Então, você vai passar uma vida aprendendo e não vai saber tudo. Então, é impossível você ser assim, tão eclético, de conhecer profundamente. Você pode conhecer uma série de coisas superficialmente. E eu prefiro conhecer algo de uma forma mais profunda, então minha dedicação nesse caso é para o futebol. Eu não vou conseguir penetrar em outros mundos como no futebol, porque vai faltar vida, vai faltar tempo. Aí eu não tenho problema em dizer que a minha modalidade, que eu escolhi desde pequeno, é o futebol. Talvez eu seja fruto disso: só tinha futebol, só enxerguei futebol... O que eu senti falta na escola foi atletismo, talvez eu tivesse me encantado pelo atletismo, tenho certeza que teria me encantado e alguma coisa poderia fazer. Mas escola era polichinelo na minha época. E aí chegou o momento do futebol e ficou faltando muita coisa, porque você não desenvolve as modalidades. O que eu aprendi na escola de outras modalidades? Aí você quer que eu goste de algo que eu não tive contato? Raridade.

Eu acho que, nesse caso, você está atendendo a demanda. A demanda pelo futebol é gigante. Isso é uma relação muito clara. Hoje você pega a ESPN Brasil e é um canal de futebol. Raros momentos que você tem outros esportes. Você tem três canais e eles estão segmentados. Aí dentro de um jornal mesmo, na TV aberta, você mede minuto a minuto, põe o futebol e sobe, tira o futebol e... Ai o comercial? Quem é que paga a conta? Vamos botar futebol. Por que tem Flamengo x Corinthians? Porque quando tem sobe, quando sai... Aí é uma relação comercial e de interesse – as pessoas se interessam por futebol. Quem cabe construir ou desconstruir isso? A televisão, que até chegar nela, alguém crescer e ficar adulto, não teve contato com mais nada, e agora a televisão que vai mudar isso? Vai voltar isso “não, tem esportes muito mais legais”. Ou é você criar lá na ponta e crescer? Quando ela ficar adulta “tem futebol, tem basquete, tem atletismo, olha que legal o judô...”. A televisão é que tem que mudar isso? Ela tem que mudar? Que é uma concessão, mas tem uma relação comercial? Então, com certeza, isso poderia ser

melhor debatido entre quem está numa ponta e quem está na outra. Mas você precisa ter um projeto. Agora, o esporte do nosso país funciona desse jeito. E a televisão também vai se beneficiar, porque nós estamos construindo uma geração que gosta de esporte, não só de futebol. Vamos participar? Agora, querer que o último segmento da ponta mude todo o resto, é acreditar em algo impossível. Você pode desenvolver o interesse. “Ah, o Guga! Vamos ver tênis!”. Mas, na TV aberta, que vai demorar 6 horas o jogo? Você vai ver nunca. Nunca porque você não vai falar hoje não apresentaremos a novela das 9 porque exibimos o tênis. Não vai rolar. O tênis não vai dar os 30 pontos de audiência, os patrocinadores da novela tem um compromisso, então a gente tem que aprender a transitar nele e aí construir alternativas a partir da base e não achar que a ultima ponta vai resolver a deformação construída ao longo do tempo. Acho que você tem alguns jornais que cobrem, você tem a ESPN que cobre e só. Os outros não têm interesse nenhum. Televisão aberta, isso é um problema. Porque eles vão fortalecer um grupo que começa a ganhar corpo? E eles têm uma relação com os donos do poder. Com CBF e tal... Você já viu alguma crítica à CBF? O Marin nunca aparece, ele é um santo. Ele e o Del Nero são santos. Mesmo depois dos 7x1, eles não têm nenhuma responsabilidade. Só o Felipão tem. Então, é um negócio que você saca onde é que está. A cobertura – essa daí, esquece. Ela é pontual, por alguns momentos e um ou outro veículo. O resto não tem interesse nem pode.

110%. Ela inviabiliza, porque cria uma prática torta. Isso eu posso falar por experiência própria. Até os 32 anos eu comecei a estudar. Primeiro, vi que ia ter um curso de arbitragem... Porque eu entrei aqui, em 94. A gente ia fazer umas transmissões de futebol. Eu tinha um pouco mais de tempo naquela época. Quando eu fiz, eu percebi que aquilo que eu sabia até os 32, já tinha trabalhado na área do Jornalismo Esportivo por 11 anos, “gente, como é que eu trabalhei sem saber a regra do jogo!”. Porque a regra do jogo não é ler livro. A regra do jogo é entender aquilo, uma série de coisas que não estão no livro. Bom, deve ter um mundo aqui. Aí fiz extensão universitária de futebol, fiz curso de treinadores, até que aí eu fui ampliando, fiz pós na USP de futebol, fiz uma vez, não fiz monografia, fiz outra vez para fazer a monografia... Foi bom duplicar. Fiz na FGV, administração profissional do esporte. E estou fazendo na Universidade do Futebol agora gestão técnica. Transitei nesse mundo, depois a USP me convidou para dar aula de jornalismo

esportivo no curso de Esporte, fiquei 10 anos lá. Então, fiquei mais próximo do mundo acadêmico. Aí você aprende a ir buscar, nos livros, nos caras, nas coisas legais, nas tendências... O que eu aprendi na minha pós de 2002, hoje aquilo está completamente superado. Tive que reaprender o que está rolando, o que tem de moderno... Então, esse aprender é fundamental. É impossível – é possível porque está aí, mas pensando em mim – é impossível não ter avançado no conhecimento técnico do futebol, no meu caso, mas tem muita coisa que serve para o esporte em geral, que é a base, no entendimento, no conhecimento que te faz perceber o que é um resultado normal e o que é um fracasso – e nas manchetes de Olimpíada a gente vai ver “fracassou, fracassou, fracassou”, porque a gente não sabe o que é uma coisa ou outra. Então, para mim, se não fosse isso, não sei o que seria da minha vida hoje. E não pode parar – o que é bom, né. Vitor Frade, da Universidade do Porto, diz o seguinte: “eu não sinto falta daquilo que eu desconheço”. Aquilo que eu desconheço não me faz a menor falta. Primeiro que você está entendendo aquilo. Não consigo imaginar um crítico de teatro que apenas goste de teatro e não entenda sobre teatro. Você tem que entender de direção, de luz, conhecer textos, grandes autores, boa interpretação, tecnicamente falando, recorrer ao material didático, estudar aquilo... Você traz a sua experiência. E isso você pode fazer. Se você for um grande ator ou se você for o jornalista. O conhecimento não tem porta certa ou porta errada. “Ah, jogou, pode falar, não jogou, não pode falar”. Isso é a porta do conhecimento – que uns vão e abrem e outros não. Tem muitos que jogaram e não entendem absolutamente nada do que jogaram – é assustador. Por quê? Acreditam que a experiência basta como conhecimento. Experiência como conhecimento é ótima, fundamental. Quem tem, abraça. Mas é só um ponto de partida. Então, você ter esse embasamento é fundamental para você entender o que está certo, o que está errado, o que já chegou no limite, o que ainda não... Eu vejo isso no meu dia a dia direto. Coisas que você olha e sabe o que está acontecendo. E aí você olha e vê um tiroteio em algo que não existe polemica. Existe é falta de conhecimento. Por isso que eu digo: onde tem uma grande polemica, há falta de conhecimento. No esporte, é muito claro. Tá faltando conhecimento sobre aquele e aquele assunto. Se você trazer conhecimento e alguém para falar sobre aquilo, a gente vai diminuir demais o tamanho da polêmica.

Quando falam em espaço público do esporte, primeiro que a gente tenha uma política para aproveitar aquilo. Se não, “ah, tem um espaço vazio ali, faz uma quadra”. Isso não é política e é espaço público meio torto. A gente não tem. E quando a gente vai para o Ibirapuera aqui em São Paulo a gente pensa “isso aqui é um espetáculo”. Tem cada um fazendo uma coisa... Isso é espaço publico. Para tudo. E a gente não tem. Porque para ter espaço publico do esporte, a gente precisa ter uma ideia. E a ideia, a partir da ideia de que você precisa criar, olhar, observar onde você vai. E não assim: “opa, tem um espaço ali, faz uma coisinha”. Então, espaço público é isso. Se a gente pudesse fazer quadras... Você vai lá em Buenos Aires e você tá andando e quadras publicas. De tênis. Onde é que eu ando na rua em SP ou em alguma cidade do Brasil e vejo uma quadra pública de tênis? Não tem. Isso é espaço publico. Quadras. Aí, que tal uma quadra e um monitor? Alguém à disposição para aprender? Tem custo? Não sei. De repente o fabricante de raquetes tem interesse em ceder dez raquetes. O de bolinhas de ceder dez caixas de bolinhas. Aí você põe sua marca ali e alguém pode resolver até pagar um professor. É uma questão de pensar. Talvez o custo seria zero ou até ganho com isso, ter gente disposta a desenvolver. Mas também, quando existe a política... Quando você tem uma ideia de esporte... Até porque espaço público quando você não tem uma ideia, alguém se apropria dele e já deixa de ser público e vira privado.

ANEXO 5 – ENTREVISTA COM FERNANDO MEZZADRI

Quase que diariamente. Como qualquer brasileiro, normalmente futebol, mas também passo por outras modalidades esportivas. Assisto, eventualmente, aos domingos à noite. Mesa redonda, entre outros na hora do almoço. Com certa frequência, assisto também. Eles são, a maioria deles, voltados para o futebol, deixando as outras modalidades esportivas relegadas a um segundo plano. A grande maioria desses telejornais esportivos é voltada para o futebol, o que é uma pena para outras modalidades esportivas.

O esporte é um grande negócio. Hoje, o esporte de alto rendimento, o futebol, movimenta bilhões e bilhões de dólares por ano. O telejornalismo não acompanha a mesma lógica de fazer reportagens mais sólidas, da importância que é o esporte para o desenvolvimento social brasileiro. Como eles pegam basicamente, na maior parte do tempo, o futebol, e deixam as outras modalidades esportivas

relegadas a um segundo plano, a perspectiva desse jornalismo torna apenas como caráter informativo e superficial, não adentrando nos grandes problemas que temos no esporte brasileiro. É possível, quando você tem a perspectiva de se fazer o jornalismo. É possível fazer a imagem e fazer as reportagens. Isso acontece em outras áreas. Na cultura, política, economia. Se faz a imagem e se faz a crítica quando ela se torna necessária, um jornalismo mais investigativo, que se pauta pelas grandes questões sociais. É lógico que a empresa que gera as imagens reproduz aquilo que quem está pagando quer. Isso sim também é um problema. Você reproduz aquilo que quem está pagando determina no contrato. Aí, os canais de televisão que vão fazer a reportagem e a fazem em cima das imagens cedidas pela empresa. Há o problema dos dois lados: quando se quer fazer uma reportagem de uma questão mais investigativa, demonstrando toda a questão, o que rola por trás. Dos dois lados você pode ter pontos favoráveis ou desfavoráveis.

Responsabilidade teoricamente não. A responsabilidade de desenvolver a política pública do esporte é do governo, seja de federal, estadual ou municipal. Quem tem essa responsabilidade na elaboração e execução dessas políticas é o Estado. Cabe ao jornalismo verificar se o que foi previamente apresentado como proposta de desenvolvimento de esporte está sendo ou não realizado. E levantar problemas que, em alguns casos, onde a política pública, e principalmente na área de esporte, onde nós temos pouquíssimas políticas públicas efetivamente. Temos algumas ações pontuais, projetos pontuais, que não acabam desenvolvendo o esporte como um todo. O jornalismo tem o papel de verificar o que realmente está acontecendo, se está acontecendo. Ele pode contribuir nessa construção da política pública ou levantar algum problema. Tem que ter muito claro qual é o papel da imprensa e qual é o papel do governo. O papel da imprensa: ela busca vender um determinado produto e, nesse caso, é o esporte. Poderia ser qualquer outro produto.

Ao ela fazer isso, ela pega apenas uma dimensão do esporte: a do alto-rendimento. Então, ela pega uma parte do que nós entendemos que seja o esporte e não o esporte como um todo. Porque uma ou outra reportagem vai falar sobre o esporte educacional, sobre o esporte no tempo livre das pessoas, de lazer. Eu não sei exatamente a quantidade, mas imagino que mais de 90%. Ela pega o esporte de alto rendimento, onde é a espetacularização, a comercialização do esporte. Com isso, a imprensa acaba limitando o esporte como um todo e passando para a

sociedade uma imagem que não é real. Não é a única imagem que deve ser passada. Acho que esse é um grande problema que nós temos.

Sempre dos exemplos que são dados, as ações, são voltadas para o alto-rendimento. Na imprensa televisiva, principalmente nos grandes veículos, isso é muito mais comum. Então, a gente deixa para um 5º plano os projetos sociais, projetos esportivos sociais que são fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas. Nós temos que diferenciar o conceito de esporte aqui. Uma coisa é a massificação, em que você pega uma modalidade esportiva e faz a massificação. A outra é a democratização das práticas esportivas, onde você tem várias modalidades esportivas e faz com que a população pratique essas várias modalidades e, a partir dessa prática, do conhecer, do saber dessa prática esportiva, a criança, o adolescente vai escolher uma delas para seguir. Então, mais do que massificar a prática esportiva, somos defensores de que nós temos que democratizar a prática do esporte no Brasil. Ou seja, inserir nas escolas, várias modalidades esportivas, não uma só, fazer com que o esporte tenha uma cultura esportiva no interior da nossa sociedade. Para termos essa cultura, isso só é possível se as crianças participarem, executarem, praticarem o esporte. Eu não acho que é o papel do governo massificar, a nossa defesa é que o governo precisa democratizar. Se haverá atletas de alto rendimento mais pra frente, isso é uma consequência de uma estrutura bem organizada e de um sistema bem organizado. Num primeiro momento, a gente precisa pensar na democratização do acesso ao esporte. Quando a gente fala isso, óbvio que o lazer entra junto.

A imprensa pode contribuir nesse processo. Quando ela pega o futebol. É o objeto que ela quer vender, portanto, quanto mais seguidores o futebol tiver, melhor é. É a relação de oferta e demanda. Se eu tenho uma demanda maior de uma sociedade para a prática esportiva, obviamente a oferta será maior. E cabe à imprensa fazer essa oferta de jogos. Nós temos 24h por dia nos canais fechados a transmissão do futebol. Então, a imprensa tem um papel assim, mas eu gostaria que a imprensa pudesse contribuir para outras dimensões esportivas também.

Nós chamamos isso na sociologia e na política pública de “espelho” – você tem um grande ídolo para as crianças. Acho que isso é importante. O problema não é ter os ídolos. Ter ídolos é importante. O problema é que só se fala do ídolo e

você esquece de fazer a base. Como as condições hoje de você manter o esporte de base, o esporte enquanto elemento da cultura, há um descompasso nessa ideia de ídolo e de praticante. Se eu não tenho praticante, o ídolo não vai servir. Porque tem pessoas que tem sua habilidade natural, que são bons mesmo. Quer dizer, eles se tornam ídolos, mas se você não tem praticantes, o ídolo vai servir para quê? Vai servir não para quem está iniciando a prática esportiva, vai servir para uma parte da sociedade. Não vai acabar servindo como “espelho”.

O caso do tênis é o exemplo que falei antes. Nós tivemos vários ídolos, como Fernando Meligeni, principalmente o Guga, mas isso não chegou para a sociedade. Foi um ídolo nacional, mas não um ídolo específico desta modalidade esportiva que as crianças puderam partir para a prática do tênis. Por que acontece isso? É justamente como falei anteriormente: nós não temos uma base estrutural do esporte na escola.

Enquanto isso efetivamente não tiver no país, nós podemos produzir inúmeros ídolos, porque o país é grande, tem 200 milhões de habitantes. Obviamente surgirão ídolos, mas não temos o praticante. Há esse descompasso entre a construção de um ídolo, do esportista, que ele se estrutura no decorrer do tempo, se torna ídolo nacional, com quem está praticando na escola ou em projetos sociais. Então, esse descompasso, nós podemos refletir sobre ele. O jornalismo efetivamente pode ajudar nesse papel. Não na estrutura que está hoje, apenas para o futebol. Ele vai ajudar se ele compreender que as outras modalidades – e aí eu acho que as Olimpíadas, eu sou um defensor dessa tese, podem contribuir nesse processo – contribuir para que nós venhamos a criar um sistema nacional de esporte. Então, eu gostaria que a própria imprensa pudesse contribuir nesse sentido de mostrar essas questões centrais.

Sem dúvida. Pelo referencial teórico que nós usamos de Pierre Bourdieu, você tem um campo esportivo e a dominação de uma prática sobre outra prática. E essa dominação do futebol sobre outras modalidades esportivas é lógico vai prejudicar a realização e a prática de outras modalidades, como basquete, vôlei, tênis de mesa, badminton. Óbvio que você tem um desequilíbrio nessa balança e o futebol acaba dominando esse campo esportivo. A mídia, o papel da televisão, poderia contribuir nesse desequilíbrio, para diminuir esse desequilíbrio existente no

esporte brasileiro. Mas só que, o que vende? O que vende é o futebol. Canoagem não vende, tae kwon do não vende. Não há praticantes, não há consumidores. Se eu nunca pratiquei, eu nunca terei o gosto por aquela modalidade. É muito difícil eu ter gosto por uma modalidade esportiva se eu nunca pratiquei. Por isso, nossa defesa na prática do esporte enquanto formação na cultura. A imprensa vai vender aquilo que as pessoas comprem. O que elas comprem? Hoje, o futebol. Por que comprem futebol? Porque elas são praticantes, seja praticante ativo, de quem já fez isso na sua vida, ou apenas pela televisão. Essa é uma lógica que a gente tem que repensar. Eu acho que todo movimento que coloca o esporte, que debata sobre o esporte, é positivo. Nós temos acompanhado um pouco a questão do Bom Senso e a organização dos atletas para o desenvolvimento do esporte.

Nos dois casos, também a preocupação maior é com o esporte do alto rendimento. Acho superimportante a participação de todos, mas a defesa básica é o esporte de alto rendimento. Enquanto política pública nós temos que pensar que nós temos que universalizar a prática do esporte no país. Só tem uma maneira: incluir o esporte como uma formação no interior das escolas. Para que eu possa universalizar, como a saúde, temos uma educação que é para todos... Agora nós precisamos universalizar a prática esportiva. Esses movimentos que ocorrem dos atletas são importantes, nós temos que pensar que a política pública transcende esses movimentos. E a imprensa poderia e deveria pautar essas questões, para contribuir efetivamente com o desenvolvimento do esporte brasileiro.

Com certeza. Muitos dos comentaristas econômicos têm uma leitura sobre economia muito maior. Eles não são economistas, são jornalistas, mas têm uma leitura sobre economia de uma maneira muito consistente. O que não ocorre com o esporte. Muitas vezes, quem faz o comentário sobre futebol não é nem formado. A grande maioria das pessoas que comentam futebol não é formada. O jornalista – não sei exatamente qual é a formação dos jornalistas para com o esporte efetivamente – mas eu acho que o esporte tem uma discussão teórica hoje no país que consolida uma necessidade, uma visão das práticas esportivas. Hoje, o esporte ele deveria ser tratado e estudado com mais – e não só na área do jornalismo, ampliando pra todas – como um fenômeno social, político, econômico, cultural do país. E as questões teóricas hoje nós avançamos muito. Têm vários grupos consistentes no país que projetam e dialogam de uma maneira muito consistente do

conceito de esporte. Nós buscamos transcender as questões político-partidárias, pautando o esporte como elemento fundamental consistente pra desenvolver uma política publica que transforme nossa realidade. E isso é possível como? Produzindo teoricamente. Hoje, nós temos uma produção – se não ainda top – mas hoje nós podemos dialogar com qualquer país do mundo teoricamente. Sem dúvida nenhuma, nós temos uma produção – talvez não na quantidade que outros países tenham – mas conseguimos dialogar com qualquer país do mundo sobre esporte. O que nós não conseguimos, ainda, é traduzir isso para a construção de um sistema. Então, acho que é fundamental aprofundar a questão do esporte: os jornalistas, os economistas, quem for discutir. Acho que esse diálogo é fundamental. Eu acho que ele pode ajudar muito. Nós, na academia, tivemos esse item, grupos hoje, na área da Educação Física e na área do esporte, que trabalham com a mídia, têm como objeto de estudo a mídia. Eu acho que essa produção – não sei o quanto ela chega para os jornalistas, mas deveria ter uma via de duas mãos, do que nós produzimos aqui e do que é construído, realizado, no âmbito do jornalismo. Acho que essa via de duas mãos ela é fundamental para uma boa formação, para uma boa reportagem. Têm vários jornalistas que têm produções belíssimas, livros belíssimos, como o Senhor dos Anéis, que retrata o mundo esportivo. Têm várias produções realizadas por jornalistas que são referências mundiais. Mas isso é possível quando? Quando o jornalista tiver a percepção do que é o esporte. E o seu lado positivo e o seu lado não tão positivo assim – o que rola por trás desse mundo esportivo. As questões sociais, políticas, econômicas, culturais do esporte. É fundamental essa troca entre as áreas de conhecimento.

Nós temos espaço público belíssimo, que são as praias, por exemplo. Nós temos aqui quilômetros e quilômetros de um espaço público, que poderíamos estar trabalhando, desenvolvendo práticas esportivas... Nós temos em cidades no interior do Paraná vários espaços. Nós temos as ruas, nós temos as praças... A questão é: como é que se ocupa esse espaço público? Tem espaço público para desenvolvimento do esporte mais voltado para o alto rendimento: precisa ter uma pista padrão internacional para que você faça um atleta. Precisa ter uma quadra de tênis pública para que a criança comece a praticar. Mas eu posso praticar o tênis em qualquer espaço, mesmo na rua. Quando se têm uma política que tem uma percepção do que é o esporte, o espaço público, ele existe. Precisa melhorar? É

claro que precisa melhorar. Colocando quadras nas escolas, quadras cobertas nas escolas, construindo ginásios... Agora, não é só esse fator o limitador para o desenvolvimento do esporte brasileiro. Aí vem o exemplo de Cuba: o pessoal corre na rua. Não tem pista a cada esquina. E tem vários atletas. Então, o espaço público, eu acho que nós temos que ter a percepção de como nós vamos ocupar esse espaço existente. Curitiba tem inúmeras praças e parques e como é que a população ocupa? No sentido de pertencimento desse espaço. É o ciclismo, é o atletismo. São outras práticas possíveis de fazer? Claro que é. Então, a ocupação do espaço existente é fundamental para a construção de política pública.

ANEXO 6 – ENTREVISTA COM LEONARDO MENDES JÚNIOR

Sim, diariamente, quase que ininterrupto. O tempo em que eu estou na redação, a TV está sempre ligada pra ver o que tá rolando. Em casa também, sempre que possível, dando uma olhadinha. Também, com a mesma frequência, tanto TV aberta como fechada. Eu acho que depende muito de qual segmento – se é na aberta, se é na fechada. Cada uma tem seu tipo de preocupação. Na TV aberta, como a preocupação com a audiência, de dar audiência, é muito maior, tem um estilo que é mais abrangente.

Criou-se a ideia de que noticiário esportivo na TV aberta, para dar audiência, não pode só tratar puramente de esporte dentro de campo, mas também não pode pisar muito numa área mais de organização, de gestão. Então, se procura fazer algo um pouco mais leve, que seja abrangente, que agrade quem gosta de outras coisas, que não é tão fanático por esporte. No caso da TV fechada, não, aí já é algo mais especializado e voltado para quem é iniciado, para quem acompanha. Não tem essa neura toda com audiência, então a qualidade, para quem gosta de informação, é muito maior na TV fechada que na aberta.

É um conflito até um pouco preguiçoso, porque se trata como se tivesse que ser uma coisa ou outra: ou é entretenimento, ou é jornalismo. Ninguém se ocupa muito de ver que as duas coisas são possíveis de conviver, que é possível você colocar na mesma fórmula algo que informe, que põe o dedo na ferida quando é necessário, mas que também divirta as pessoas, faça com que elas percebam que estão gastando o tempo delas com algo um pouco mais leve que as vidas delas. Me parece muita preguiça. Isso aqui é entretenimento? Então varre o jornalismo pra

debaixo do tapete. Isso é jornalismo? Então é só cacete, só mau humor, não tem gracinha. Vai de novo desse exercício de você saber mesclar as duas coisas. Claro, se você busca alguém externo, que vai tratar aquilo só como um show, você facilita um pouco o serviço e claramente acaba passando por cima de algumas questões jornalísticas. Acho que o caso mais claro pra você citar como exemplo é quando você tem alguém invadindo o campo – que é um fato jornalístico, especialmente se aquela pessoa tentar agredir ou mesmo interagir com algum atleta, ou mesmo que não tenha essa interação, isso é informação, é material jornalístico. Mas tanto geração de imagem de Copa do Mundo, Olimpíada, UCL, o que for, quando se percebe alguém invadindo o campo, vai pra uma imagem mais geral, vai pro campo, focaliza tudo, menos aquilo.

Claro, se você tem uma empresa externa, ela vai tratar isso como “não faz parte do show”, ela não vai filmar. Se você coloca a mesma empresa que tá transmitindo o evento jornalisticamente pra gerar também, ela vai ter que parar para pensar e dosar como lidar com essa situação. Como mostrar aquele fato jornalístico sem manchar a festa, sem manchar o produto, mas também sem deixar de dar uma notícia relevante. Aí cada um vai buscar a sua fórmula, talvez mostrando aquilo normalmente quando você mostra um lance normal de partida, mas sem ficar repetindo exaustivamente. De quem tá narrando, é obrigatório “olha, o jogo tá parado porque aconteceu isso, os seguranças tão tirando”. Mas exige, primeiro, uma combinação bem acertada antes e também uma direção de transmissão muito esperta ali no momento de saber falar “olha, ok, mostramos o suficiente, narrador falou, vamos seguir o jogo”. É possível sim conviver desde que se haja um esforço para combinar os dois lados: para dar o peso jornalístico que tem que ter e pra você tratar o produto da maneira que você quer tratar. Não acontece. A preocupação é com o show, o espetáculo. Você vê quem transmite aquele evento, muitas vezes, até constrangido de apontar algum fato que em tese desvalorizaria o produto – o que é uma bobagem, tudo tem suas imperfeições. Hoje é tudo tão aberto, tão possível de você ver o que tá acontecendo que se você, como transmissor daquele evento, vira o rosto para aquela situação logo teu público vai descobrir de outra maneira e vai ficar ridículo, vai ficar feio pra você. Por outro lado, quem tem a possibilidade de transmitir, cobrir algo só jornalisticamente às vezes também cai naquela de “tá tudo errado”, dá pau em tudo. Também não é assim. Mesmo falando de futebol brasileiro

ou de esporte olímpico aqui no Brasil, competições de clube que são tão maltratadas, mesmo as mais problemáticas tem seus aspectos positivos e, olhando mundialmente, mesmo as mais profissionais tem seus aspectos negativos. É você saber pesar esses dois lados.

Tem sim. É obrigação o jornalismo esportivo cobrir esse uso, esse fluxo, especialmente de dinheiro público. Acho que é o que fica mais fácil, que fica menos questionável que você acompanhe. No Brasil, a gente tem muito dinheiro entrando no esporte olímpico, por exemplo, ou você tem investimentos e isenções que atingem o futebol. É dinheiro de contribuintes, não só de torcedores, então o jornalismo tem essa função de acompanhar, de cobrir o caminho desse dinheiro. É sim uma função social. Mesmo quando você trata especificamente de recursos privados, que circulam dentro de um clube, você tem muita gente torcendo por aquele clube, muitos sócios daquele clube, ou seja, gente que tá colocando dinheiro mensalmente naquele clube e tem o direito de saber se esse dinheiro está sendo bem usado, se as atitudes daquele clube, seja diretamente o esporte ou de gestão mesmo, tem alguma preocupação social ou responsabilidade social embutida.

Eu acho que quanto ao uso de dinheiro público ainda tem pouca coisa, é um ou outro canal que faz, até porque é muito desgastante, é uma cobertura árida, então você tem que ter muita persistência para seguir nela. Habitualmente, o que você vê na TV no jornalismo esportivo de televisão ligado a esse papel social do esporte, são matérias – algumas até muito bem feitas – sobre iniciativas de atletas, ex-atletas; ou de como o uso do esporte mudou a vida em determinada região carente; ou região que sofre muito com violência; ou até situações mais individuais, alguém que tinha ou tem uma doença grave e conseguiu ou reverter ou atenuar o quadro em função do esporte. Mas são histórias isoladas. Uma história que chega ali na redação. “Ah, eu conheço alguém que faz isso!”, alguma assessoria manda aquele aviso, aquela sugestão de pauta porque um cliente tá envolvido com aquilo. É algo ainda muito mais sazonal, muito mais esporádico do que você ter efetivamente uma política de “a gente vai cobrir essa área e a gente vai dar com tal periodicidade um material sobre isso”. Claro, tem exceções. A ESPN tem a Caravana do Esporte, já com mais de 10 anos, que atua diretamente nessa área. O canal se tornou cada vez mais protagonista nesse projeto, então é uma das raras experiências contínuas que você tem claramente ali a função social do esporte

agindo diretamente com as pessoas que tem algum tipo de privação. Não é história de terceiros, ou recurso público, que você acaba cumprindo indiretamente essa função social. Não, é o problema social e você acaba atuando diretamente nele. É um ótimo exemplo, mas ainda é exceção.

Eu vejo que se trabalha mais em TV aberta que fechada, muito em função da audiência, e em determinados momentos determinadas histórias que combinam essa função social dão audiência, então você acaba fazendo o certo por um caminho que talvez não fosse o mais recomendável. Mas, enfim, você tá mostrando aquele viés do esporte também. Na TV fechada um pouco menos, talvez em programas específicos. Na verdade, o que dita em maior ou menor grau é a audiência. Às vezes, você explorar esses temas sociais, você levar essa função social do jornalismo, te dá audiência também, mas a preocupação é muito maior de você valorizar aquilo que você está transmitindo, aquilo que você paga pra transmitir. Isso com muito mais força na TV aberta, mas com cada vez mais força na TV fechada, porque os canais de esporte tem hoje uma concorrência muito maior que tinham dez anos atrás. Então, mesmo na TV fechada, se perdeu a vergonha de aumentar a cobertura jornalística para promover aquilo que o canal transmite e diminuir a cobertura jornalística daquilo que o canal não transmite. Aí, se você coloca essa preocupação, que é econômica em primeiro lugar, você acaba matando outras preocupações e nesse bolo acaba entrando essa preocupação mais social, com viés mais social, do jornalismo esportivo.

De maneira tão organizada, não. Na China, teve esse exemplo do tênis de mesa, mas se você olhar para todas as modalidades individuais na China elas tiveram um investimento muito grande, fosse no período do Mao Tsé Tung ou depois na abertura gradual da China. E isso se refletiu em Olimpíada. É só ver o quanto eles ganharam de medalha em natação e várias outras modalidades individuais, o que também diz muito sobre a cultura do país. Por mais que tenha sido por anos (e seja ainda hoje) um país comunista, onde a comunhão social, em tese, deveria ser muito maior, há uma cultura individual muito forte e isso acaba sendo levado para o esporte também, por uma questão de retorno de investimento. Se você formar dois mesa-tenistas de altíssimo nível eles podem te dar tr s medalhas olímpicas, duas de ouro (simples e duplas) e uma de prata. Para você ganhar uma medalha de ouro no vôlei, você tem que formar doze atletas, o que não compensa matematicamente. No

Brasil, o que você tem é uma geração espontânea contínua. Você pega, por exemplo, o Guga. Gustavo Kuerten apareceu quase que por geração espontânea. Não houve nenhuma política clara para formar, para descobrir valores no tênis que se chegasse ao nível do Gustavo Kuerten. Ainda assim, ele surgiu. A partir do surgimento dele, muito mais gente foi jogar tênis, mas por conta – no clube ou nas poucas quadras públicas que você tem. Mas não houve uma preocupação em ordenar aquele interesse todo. Você não iria tirar, talvez, “Gustavos Kuertens” em série, porque aí entra muito o dom, a capacidade individual, mas você poderia fazer, por exemplo, o que a Argentina fez. Eles tiveram o Guillermo Vilas, no fim dos anos 70, que era um talento tão grande quanto Gustavo Kuerten. A partir dali houve uma explosão na prática do tênis na Argentina, mas houve uma organização. Demorou um pouquinho, porque ainda se perdeu uma geração, que teve ali esporadicamente Martin Jaite, Alberto Mancini, Horacio de la Peña, também casos isolados, e aí depois sim, você teve uma geração consistente, formada por um projeto bem claro de buscar tenistas. Aí você teve Guillermo Coria, Gastón Gaudio. Um pouco mais recentemente, Juan Martín del Potro e David Nalbandian. Todos chegaram a ser top 10. Depois, você teve uma leva de top 30 e um número maior de top 100. No Brasil, não teve isso. Automobilismo a mesma coisa. Teve o Emerson Fittipaldi lá atrás, daí despertou o interesse de outras iniciativas isoladas e surgiu o Piquet, o Senna. Aí muita gente foi correr de kart, muito moleque foi pedir para o pai para correr de kart porque gostava do Piquet, do Senna. Só que você não teve, de quem organizava e organiza o esporte, um trabalho para canalizar esse interesse todo em novos pilotos-talento. Então, basicamente, você continuou, no Brasil, tendo o surgimento de pilotos da Fórmula 1 ou de tenistas da mesma maneira como sempre foi: por geração espontânea. Aí, quando você deixa na mão do acaso, pode surgir, depois de um Emerson, um Piquet e depois de um Piquet, um Senna, mas pode surgir um Massa, um Barrichello, que são talentosos, mas não no mesmo nível. No tênis, você pode ver surgir um Guga, que foi um fenômeno mundial mas pode ver surgir depois um Saretta, que era bom, mas não tão bom assim, ou André Sá e Marcelo Melo, que são bons duplistas, mas não tem o mesmo porte, o mesmo nível de jogo que o Guga tinha. Então, acaba tudo se tornando um imenso desperdício, porque talvez você tenha aí trabalhando num escritório de advocacia ou na Petrobrás ou em qualquer outro lugar, um cara que podia ser tão bom quanto o Gustavo Kuerten, mas que não foi porque você não tinha um projeto, um trabalho para pegar aquele talento e fazer

com que ele fosse evoluindo até chegar ao nível profissional. Eu acho que houve um esforço, na época, de vários veículos, de apontar para a necessidade de você usar aquele fenômeno, que era o Guga, para massificar o tênis, mas aí esbarrou até na falta de conhecimento de nós jornalistas.

O Brasil forma basicamente dois tipos de jornalistas esportivos – o de futebol e num número bem menor e cada vez menor o de automobilismo. Esses têm um grau de especialização e, mesmo assim, atuam ali sem ter a especialização, o conhecimento necessário. Com raríssimas exceções, nos outros esportes somos todos generalistas. Então, chega num ponto que mesmo o jornalista não tem o conhecimento pra avançar um pouco mais na cobrança, por não ter o conhecimento de como funciona a estrutura daquela modalidade ou como funciona a circulação de dinheiro público para você aprovar um projeto, que poderia ser uma maneira de potencializar aquele interesse todo. Cai de novo e vai acabar desembocando na diminuição gradativa das redações e aí você tem menos tempo ainda de ver gente se especializando em algo que não dá audiência. Então, mesmo com essa limitação, houve uma preocupação de muitos veículos em cobrar, em fazer com que a CBT, principalmente, capitaneasse iniciativas que levassem à massificação daquele fenômeno. Ainda assim, teve muita gente que ficou só no *oba-oba*, que se preocupou só em morder e atrair o patrocinador que queria investir no tênis naquele momento por causa do Guga, porque era o cara que tava todo mundo olhando, todo mundo prestando atenção. Mas eu diria que, dentro das possibilidades do que as suas limitações permitiam, o jornalismo tentou ajudar nessa parte.

A importância é total, porque é o que vai fazer as pessoas praticarem determinada modalidade por lazer. Por exemplo, se você for numa escola qualquer no horário de recreio e tiver uma molecadinha lá batendo bola, você vai ouvir um gritando “Messi”, outro “Neymar”, outro “Cristiano Ronaldo”. Vai ver uns com cabelo do Neymar, do Ronaldo. Se você for numa quadra de basquete, você vai ver gente jogando com camisa do Kobe Bryant, do Kevin Durant, do Nenê também. O esporte, o espetáculo, é o que vai levar as pessoas a praticarem aquela modalidade por lazer. Elas tentarem ali no dia-a-dia dela ser um pouquinho daquele astro que elas veem na TV ou quando vão ao estádio. Elas fazerem parte, um pouquinho, daquele show. É impossível você dissociar uma coisa da outra.

Futebol, porque é com o que eu mais trabalho e porque é raro eu conseguir assistir alguma coisa de esporte como mero telespectador, se eu for ao local. Você sempre acaba vendo com o olhar de quem precisa transformar aquilo, usar aquilo como subsídio para a produção jornalística, mas indubitavelmente futebol é o que eu mais vejo.

Apostar em uma, qualquer monocultura é nocivo por si só. Então, se você só cobre futebol, só leva futebol ao teu público, a mensagem que você está passando é de que a única modalidade esportiva que compensa, que vale a pena, é aquela, é o futebol. Então, o cara que gosta de jogar tênis, de jogar basquete, de jogar vôlei ou praticar corrida tá perdendo tempo com uma bobagem. Você cria uma distorção que não deveria existir. Por outro lado, tem também a questão da demanda do público. A demanda do público é bem maior pelo futebol do que por outras modalidades. Aí é uma questão de cultura do brasileiro, de sempre ter sido bombardeado e sempre ter tido a iniciação esportiva dele pelo futebol. São raros os casos de alguém que se apaixonou por esporte via tênis, basquete ou automobilismo. Você pode até incluir essas modalidades no seu *hall* de paixões, mas inevitavelmente o futebol é a primeira.

Ainda assim, a entrega que você tem do futebol é bem desproporcional em relação ao gosto real das pessoas. Pegar algum exemplo, tipo MMA. Você tem muito mais gente que gosta do que você vê na televisão, embora tenha aumentado nos últimos anos. Surfe. Você tem muito mais gente que gosta do que você vê na televisão. Basquete também, vôlei também.

Mas aí cai de novo na questão da audiência. Se o futebol em horário nobre já está ruim, imagine você colocar um jogo de fase de classificação da liga nacional de vôlei no horário nobre. Vai ser uma tragédia. Então, as TVs têm essa preocupação. É um terreno bem movediço, bem complicado de você achar esse equilíbrio. Que tá errado, desproporcional, isso é fato. Mas também não dá pra você demonizar as escolhas que levam a isso. Elas só estão um pouco descalibradas. A cobertura, no geral, ainda é muito mais reativa. O Bom Senso faz uma manifestação no jogo, todo mundo senta ou leva uma faixa, ou fica trocando passes quando começa o jogo, então dá uma notícia sobre aquilo. Aí, some do noticiário. Tem outra manifestação, você traz para o noticiário de novo. O que acaba até nesses vazios a

uma percepção errada das pessoas. De repente, acontece um problema nesse meio tempo relacionado à violência entre torcidas – e aconteceu mesmo em vários momentos – foi muito comum você ver torcedor falando “ah, mas cadê o Bom Senso, os caras não tão fazendo nada”. Não, os caras estavam fazendo algo, elaborando calendário ou fiscalizando as leis de responsabilidade fiscal, só que você, público, não estava sabendo porque nós, jornalistas, relaxamos em relação àquilo. O Atletas pela Cidadania, então, nem se fale, aparece uma vez na vida outra na morte no noticiário. Então, é uma cobertura que se torna bem irregular, isso é um erro. Como eu falei, é um tema bastante árido, exige que você tenha muito acompanhamento, que você tenha muita leitura, muita lei que você tem que tentar entender. Isso é muito chato de fazer. É o tipo de assunto que não rende matéria, pauta todo dia, e aí se você fica muito tempo num assunto que vai te render duas ou três matérias teu chefe já pega no pé, “pô, o cara tá só enganando”. Não é bem assim. O tema que não vai gerar pauta todo dia. Falta muito ainda para avançar na cobertura desse tipo de assunto, desse tipo de tema. Por exemplo, um assunto que sumiu totalmente do noticiário, mas que logo, logo vai voltar, é “aplicação de recursos da Lei Piva no esporte olímpico”. Daqui a pouco a gente tá com Pan, Olimpíada, aí todo mundo vai falar sobre isso. Mas é um assunto que basicamente não se fala desde que terminou a Olimpíada de Londres. Daí, quando tiver a um mês do Pan, no ano que vem, todo mundo vai sair se descabelando pra ver o que foi feito, quanto veio de dinheiro, o que foi aplicado, o que não foi. O dinheiro continuou vindo todo ano, as confederações foram fazendo as escolhas de como usar aquele dinheiro em 2013, agora em 2014... Muitas já decidiram o que vão fazer com esse dinheiro em 2015. Muitas escolhas erradas já foram feitas e não tem mais como voltar atrás e a gente perdeu esse bonde. Aí depois vai reclamar – ainda com certa razão – que aquela decisão foi tomada de maneira errada e o dinheiro foi mal aplicado, mas vai ter também que engolir (e certamente vai esquecer desse lado) de que, quando aquela decisão foi tomada, a gente não tava nem aí para aquele assunto.

Prejudica sim. É uma questão que mudou também o espectro que o jornalista esportivo tem que acompanhar. Eu entrei na universidade em 1997. Naquele tempo, para você cobrir – vou citar o caso do futebol que é o menos dramático ainda –, você basicamente tinha que entender de futebol para trabalhar

com a cobertura de futebol. Hoje, a gente tá em 2014. Para você cobrir futebol, além de entender ali do jogo – e você tem que entender mais ainda e tem que ter um conhecimento cada vez mais apurado de tática, de treinamento, que é algo que 17 anos atrás não era tão necessário, mas tem que entender de gestão, de marketing esportivo, de medicina esportiva, de direito esportivo, de justiça desportiva, de legislação não só esportiva. Por exemplo, você tem clubes de futebol aderindo ao Refis (Programa de Recuperação Fiscal) da crise, que é um programa do governo federal para empresa de qualquer tipo e também para clubes de futebol. É algo que, a primeira vista, foge totalmente do jogo, do esporte em si. Você tem que ter uma noção, pelo menos básica, preferencialmente média, no mínimo, de muito mais assuntos que você precisava ter 17 anos atrás, pra ficar nesse comparativo que eu fiz. Hoje, por exemplo, é possível cobrir muito bem futebol sem entender tanto de futebol. São tantos outros assuntos que estão envolvidos ali que dá pra você ficar semanas a fio escrevendo ótimas matérias de futebol sem falar da função tática do centro avançado. Então, você tem essa necessidade de conhecimento maior e por outro lado esse jornalista tem uma necessidade de entrega de material muito maior. Se o cara trabalha unicamente com internet... Talvez as redações de site (unicamente de site) sejam as que mais se assemelhem hoje, talvez falar de um regime de escravidão seja forçado, porque todo mundo ali e tá recebendo por isso, mas talvez sejam as que mais se assemelhem a um regime de trabalho *esforçado*, porque as pessoas trabalham muito e produzem em série. Uma produção em série de notícias. Mesmo quem não trabalha unicamente com internet, trabalhe em TV, jornal e revista, tem que ter um pé cada vez mais firme na internet. Então, no mínimo, você tá produzindo pra duas mídias. Ou seja, a tua exigência de especialização de conhecimento é cada vez maior, a tua necessidade de produção é maior e basicamente o tempo que você tem pra fazer tudo isso é o mesmo. Você continua tendo 24 horas por dia para distribuir com isso e tentar dormir e viver um pouquinho ainda. Isso inevitavelmente acaba tendo impacto na qualidade do que você entrega. Se você tem um conhecimento meia boca de uma série de assuntos relacionados ao futebol, que é aquilo que você escreve, e você tem que entregar cinco textos por dia sobre aquilo, obviamente a qualidade final do que você vai entregar é muito menor do que se você tivesse uma especialização, média que fosse, naqueles assuntos e pudesse produzir três textos mesmo, que ainda assim é um número grande. Um então nem se fale. Isso do futebol. Se você for partir para

outras modalidades, aí a situação é mais dramática ainda, porque entra o fato de você não ter aquela familiaridade quase de nascença que você tem com o futebol e também o fato de que, nas redações, cada vez menos se dá atenção pra esse tipo de modalidade, para modalidade que não seja futebol.

Quanto mais conhecimento você tiver sobre a tua área de atuação, maior vai ser a tua condição de entregar um produto, um material melhor para o teu público. Quanto mais você conhecer, falando de futebol, de tática, melhor você vai se sair em reportagens que abordem aquilo. Quanto mais você tiver conhecimento de gestão do esporte, melhor vai ser o material que você vai entregar daquilo. E quanto mais você tiver uma noção, um conhecimento da sociedade, e aí entra a questão política, social, econômica, mais você vai conseguir inserir aquele material, em tese, meramente esportivo, dentro da realidade das pessoas. Você vai conseguir mostrar pro teu público que alguns aspectos do esporte extrapolam o esporte. Tem um impacto cultural, tem um impacto econômico, tem um impacto político, tem um impacto social. Conhecimento nunca é demais. O conhecimento amplo vai te permitir ser mais completo e permite que o material que você faz seja mais completo, seja mais amplo consiga fazer diferença na vida das pessoas. Se você for olhar lá para o princípio do jornalismo, é muito isso – levar uma informação que faça alguma diferença pras pessoas. Aí não precisa necessariamente ser algo que vai ter um impacto crucial na vida daquela pessoa, no futuro, no destino dela. Pode fazer diferença simplesmente deixando ela mais feliz, mais satisfeita. Principalmente, no mundo que a gente vive, já é uma grande coisa, deixar uma pessoa mais satisfeita. Mesmo que seja com algo aparentemente bobo como um jogo de futebol.

Tá em falta. Precisava ter mais e precisava ter, principalmente, algum cuidado, algum monitoramento. A gente até vê algumas praças pela cidade com quadras. O velódromo mesmo, no Botânico, é um espaço público, quem quiser pode chegar lá e usar. Mas era importante ter um controle ali, ter algum agente público, primeiro ordenando as coisas, para que não se tenha confusão ou dano ao patrimônio público, mas também tentando organizar aquilo. De repente, você botar alguém lá para colocar um pouco de ordem naquele espaço público, você consegue formar horários em que você vai ter grupos de crianças, de jovens, atuando. Se você tem um professor de Educação Física coordenando, atuando, vai ter muito mais condições de que aquela brincadeira seja mais bem aproveitada pelas pessoas. Se

for criança, se for jovem, tirar daquela brincadeira algo útil pra vida dela. Em última análise, você pode até ter algum ali com olhar mais preparado. “Opa, esse molequinho que vem aqui segunda, quarta e sexta no meio da tarde jogar bola ou brincar com raquete e bola tem um talento fora do comum. Vamos encaminhar ele pra algo um pouco mais sério”. A questão é essa, você tem que ter um número maior de espaços. As escolas têm muito espaço. As escolas públicas. Usar isso em contraturno, fim de semana. Eu moro na frente de uma escola municipal que abre aos finais de semana pra molecada usar as quadras que tem lá, usar o espaço. Ok, isso é muito bacana, só que, de algumas semanas pra cá, eu deixei de ver um professor ali, então fica simplesmente um uso aleatório, o que é ruim, porque aí você cria a condição para que aquilo vire uma coisa ruim, para que se tenha um problema ali dentro. E a partir do momento em que se tiver algum problema, qual vai ser a reação? Simplesmente fechar, acabar, ao invés de disciplinar aquele espaço. Então, tem que ter mais espaço público, só que com gente cuidando, com gente orientando. Melhor você ter cinquenta bem cuidados do que ter quinhentos simplesmente largados, para dizer que tem e usar pra bonito em campanha política.

ANEXO 7 – ENTREVISTA COM CRISTIAN TOLEDO

Sim. Diária. Sim. Um pouco menos. Eu acho que o telenoticiário de tv fechada é praticamente um hard news obrigatório para um público específico. Então ele cumpre o papel de ser um noticiário mesmo. Um programa noticioso. Nos principais canais de TV fechada. Os noticiários de televisão aberta são diferentes. Eles esperam outro público. Muito mais aberto e muito menos conhecedor do esporte. Então eles precisam ter outro olhar, um outro enfoque sobre o esporte pensando num outro público que não é um público aficionado por esporte. Então, eles levam para determinados caminhos que eu, particularmente, não consigo levar, que é o caminho do humor, até um limite máximo, não que não tenha que ser bem humorado ou descontraído, mas praticamente no limiar da piada e com uma informação muito mastigada, o que é inevitável porque você trabalha com um público que não conhece esporte.

Se o jornalista dá a sua informação com independência, trata a notícia da forma como ela tem que ser tratada, não me importa se ele estiver vestido de terno ou bermuda. Para mim, o jornalista ele pode exercer sua credibilidade, sua

profissão, em qualquer tipo de programa. Agora, há um caminho inevitável na busca para que tudo seja entretenimento. Em televisão, tudo é entretenimento. Tudo. Inclusive o jornalismo. Óbvio que entretenimento não significa palhaçada, significa que o assunto que está sendo tratado entretenha o telespectador. E entreter pode levar ele à diversão, à reflexão, à emoção. O destino depende do enfoque. Não vejo o problema em ser um entretenimento. Não vejo problema em ser descontraído. Só o problema, para mim, é quando isso passa do limite e interfere na divulgação da notícia, que é o mais importante. Por mais que a gente trabalhe com esporte, que é um negócio, que é rentável, que é mais do que puramente um assunto jornalístico porque ele é sim entretenimento, porque esporte, nós os jornalistas tratamos com notícia. Então, seja o programa que for, desde um programa quase humorístico até um programa sério até a medula, a gente tem que saber tratar a informação da melhor forma possível. Sorrindo ou com a cara fechada. Eu acho que o papel de ser o detentor dos direitos ou o exibidor dos direitos e ao mesmo tempo você cumprir uma função jornalística, não vejo tanto problema. Eu vejo mais perigo quando a empresa de mídia assume o papel de promotora do evento. Eu acho que o papel de broadcaster é inevitável. Infelizmente, no Brasil a gente tem pouquíssimas opções de qualidade para ser um exibidor de eventos. E temos, a rigor, uma empresa de mídia capaz de produzir, ou melhor, emitir, de ser o broadcaster, de ser o detentor dos direitos e de fazer uma cobertura minimamente informativa. Esse é um problema, daí já não da comunicação, nem do esporte, é da mídia no Brasil. Que é outra discussão mais ampla que não envolve apenas política, mas envolve também competência administrativa. É muito fácil a gente dizer que o problema é se dar muito poder a uma determinada empresa... E as outras? São incapazes? Geralmente são. O problema para mim tá no fato quando essa broadcaster passa a ser a promotora do evento. Aí sim pode afetar - e muito - o trabalho jornalístico. Porque daí você não só tem que noticiar como você tem que promover. A partir disso, se cria um dilema brutal para quem comanda e uma dificuldade gigantesca para quem trabalha.

Minimamente do papel de observador e, caso necessário, cobrando. Qualquer política pública é tema para o jornalismo no momento em que ela está sendo aplicada ou não. A diferença - e aí é uma questão que talvez mereça ser mais aprofundada - é que nós não temos, no jornalismo esportivo, a tradição de

acompanhar as políticas públicas. O esporte no jornalismo supera o telejornalismo, no jornalismo é o esporte de competição. A iniciativa pública ou mesmo alguma iniciativa de algum ente privado - empresa ou pessoa - ela não é informação. E aí a gente vai para aquela roda viva: o que é interesse público e o que é interesse do público. Nós tratamos basicamente, em jornalismo esportivo, do interesse do público. O público quer saber de futebol? Vamos dar futebol. O público quer saber menos de vôlei? Daremos menos vôlei. O público mal quer saber de tênis? Daremos quase nada de tênis. O público não quer saber de badminton? Nós não damos badminton. E aí a gente é refém da audiência, em qualquer veículo ou mídia. O público não se interessa e nós, em vez de, talvez, termos a coragem de tratar disso, preferimos ficar presos nos números, porque não nos basta mantê-los: temos que aumentá-los. Então é um problema muito sério. Só que é um problema que dependeria de um trabalho, que eu vejo hoje, só a ESPN tem, de acompanhar políticas públicas e mais, de, inclusive, ter iniciativas, dentro de um terceiro setor, também de fomento da prática esportiva. Vai muito de acordo com uma ou outra circunstância. Vai muito da possível participação de um personagem conhecido em um desses momentos. "Fulano que jogou na seleção de tal ano está dando aula de futebol em uma quadra pública", "ah, vamos lá". Mas não vamos por conta da atividade, vamos por conta do personagem. Ou se alguém conhece alguém que conhece alguém. Então, a gente vai sempre para as redes de contato. O telejornalismo, à exceção da ESPN que até mais trabalha um próprio viés com os caminhos do esporte, e nem tanto uma avaliação profunda da gestão pública - mesmo assim é quem mais se aprofunda nessa situação - de resto é praticamente zero. Até porque as emissoras são parceiras em muita coisa, do poder público e do poder privado, das confederações e dos clubes. Então, há uma mistura de interesses muito grande. E, como a televisão principalmente - e aí eu vou chegar num paradoxo interessante - a aberta ela carece de audiência, ela não vai se apoiar em coisas que em tese não chamariam a atenção. Mesmo assim, e aí eu chego no paradoxo, são as TVs abertas que, vez ou outra, acabam apresentando um projeto interessante. Por quê? Porque vislumbram nesse projeto uma matéria interessante. Quer dizer: a visão é contrária. Você não está pensando na difusão de um bom projeto, você está pensando em fazer uma boa matéria. Eu acho que determinados jornalistas têm essa função de mais investigação, cobrança... Tanto no lado público da coisa como no lado privado. Eu acho que a gente não faz tanto essa função

social se a gente fizer essa avaliação pura. Agora, se a gente tiver a função da informação, da difusão da notícia, a gente acaba fazendo, por vias tortas ou não. O que falta, talvez, para a gente, é mais combatividade, principalmente por conta dos sérios problemas que a gente tem com o uso do dinheiro, público ou não, no esporte. Isso poucos se dedicam e as emissoras de TV, por maiores que tenham suas equipes, não conseguem ter muitos profissionais somente dedicados a isso. Isso acontece mais em um ou outro blog, às vezes independente... Quer dizer, que foge dos grandes centros de mídia.

Não. De forma alguma. É claro que a gente não pode comparar talvez o cenário hoje com o cenário China dentro de um regime ditatorial. Já comparando uma ditadura com outra, nós tivemos a busca de ídolos por parte do regime militar, mas na verdade não para incentivar a prática esportiva, mas para que essas figuras populares tornassem fiadores do regime vigente. Não tivemos nunca nenhum projeto que incentivasse a criação de novos atletas por parte do poder público. Em momento algum. Não há nenhum trabalho focado na geração de novos atletas. Tanto que, quando é que aumentam os patrocínios, estatais ou privados? Na proximidade dos Jogos Olímpicos. Por quê? Porque aí há publicização desses apoios. Mas, na base, quase nada é feito. E acho que nunca vai ser. Se ele for tratado de uma forma bacana, ele pode incentivar as pessoas à prática. Mas, mesmo quando isso acontece, por falta de incentivo, de apoio na base, onde pouco é visto - quer dizer, você precisa apoiar um número gigantesco de jovens para que surja um quem sabe - isso não acontece.

O tênis é um exemplo mega clássico. Nós tivemos o melhor tenista do mundo num determinado período, nós tivemos um crescimento brutal no número de praticantes de tênis e nada disso converteu no crescimento do esporte no país. Quando o atleta começou a perder, ou começou a se lesionar, que era o caso do Gustavo Kuerten, começou a cair o interesse e hoje voltou a ser o mesmo interesse de quando eu era jovem e via os atletas do Brasil ficando entre os 30, 40, 50 melhores do mundo, como é hoje, talvez até um pouco pior do que era nos anos 80. Então, a mentalidade do brasileiro - do torcedor e do patrocinador, incluindo o poder público - pensa só no vencedor. Não adianta a gente pensar em nada se nós não temos um grande campeão. Não se pensa em criar oportunidades para criar um grande campeão. Não, nós queremos um campeão. Que ele surja praticamente do

nada, como surgiu o Guga, o Ademar Ferreira da Silva, Paula e Hortência, João do Pulo, os campeões de Fórmula 1... Nenhum deles partiu de um projeto de construção de ídolos. Eu excluo o futebol porque o futebol é algo completamente fora dessa realidade. Futebol é um mundo a parte dentro do Brasil. Mas, nos outros esportes, nós nunca tivemos um projeto coordenado, mesmo no vôlei, que é o esporte mais organizado do país, para formar uma geração. A gente teve grande sorte de formar duas gerações espetaculares em 25 anos. O basquete da mesma forma. O futsal, mesmo tantas vezes campeão, da mesma forma. A ginástica dependeu de alguns fenômenos. Nós temos hoje o campeão olímpico, campeão mundial, e não se fez um investimento sequer - tanto que ele quase abdicou de treinar no Brasil - no tênis da mesma forma, no automobilismo que tinha um gigantesco caminho, mas também não houve incentivo. Então, não há incentivo se não tem um vencedor. E esse vencedor é quem recebe o incentivo. Esse incentivo não se destina à formação de novos campeões.

A massificação nem existe mais. O jornalismo poderia veicular mais projetos que levassem ao interesse do jovem. O jornalismo, quando você fala em catalisador, ele pode ser o amálgama dessa mistura. Porque às vezes há muito interesse de um lado, às vezes há quem até queira apoiar do outro, tá faltando justamente quem misture essas duas coisas. Jornalismo poderia cumprir esse papel. Mas não é um papel que a TV aberta vai cumprir. Poderia ser um papel que a TV fechada cumpriria. Mas aí careceria de uma nova visão do que a gente faz com o jornalismo, do que os empresários privados ou gestores públicos têm como interesse na divulgação da prática esportiva e teria que ter também uma outra visão das confederações, que também não se interessam na formação de atletas, sejam eles saídos de berço esplêndido, sejam eles saídos das regiões mais carentes das cidades. Não há interesse nenhum na formação de novos atletas. Espera-se, por geração espontânea, surja alguém pronto, com 17 anos, e esse alguém comece a ganhar tudo, como por exemplo é o Artur Zanetti.

Vôlei. Mais que futebol, porque futebol é trabalho. Eu acho que o prejuízo é para o resto, porque é a tal história do dilema da bolacha: dá mais audiência porque só se fala de futebol ou só se fala de futebol porque dá mais audiência? E a gente fica correndo contra o próprio rabo porque a gente precisa justamente de audiência, em todas as mídias. De resto, a gente trabalha com nicho. E nicho, dentro da TV

aberta, tem menos espaço e, mesmo na TV fechada, tem menos espaço. Eu acho que é um prejuízo primeiro para a formação do profissional, porque o profissional é tremendamente bitolado, não sabe de outros esportes. O jornalista, em si, primeiro não sabe nada quando sai da aldeia. Quando ele está fora da aldeia dele, não sabe mais nada. Segundo: ele não sabe nada sobre outros esportes. Isso é evidente ao você acompanhar os noticiários e as transmissões de outros esportes. Um ou outro que sabe alguma coisa, mas a maioria não sabe nada. E terceiro: há sim um prejuízo para a divulgação dos outros esportes. Daí, a gente volta para outra roda vida: a pessoa investe porque precisa de retorno, esse retorno vem com mídia, a mídia não cobre, ele não investe, não tem retorno e aí vai seguindo essa roda viva. Essa é uma questão muito séria. Fica uma pergunta: até que ponto o jornalismo precisa se preocupar com isso? Na função social, talvez sim. Na função de busca pelo seu resultado, da mesma forma que os outros também precisam, talvez não. Na minha opinião, o ideal era que tivéssemos minimamente um espaço para divulgação, políticas públicas ou iniciativas, ou de tratar um pouco mais desse esporte-lazer e principalmente da formação de atletas. Mas somos todos reféns de números. A gente precisa dos números. E, se a gente tivesse os números, a gente poderia pensar. Mas agora que eu tenho o número, vou tentar mais. E aí você continua sem se preocupar com coisas mais relevantes do que pura e simplesmente uma competição esportiva. O Bom Senso está sendo bem acompanhado. Não falo só pelos veículos que eu trabalho, mas acho que está sendo bem acompanhado. Praticamente tudo que é tratado do Bom Senso tem uma repercussão forte. A união dos atletas - da Ana Moser, do Raí, dessa rapaziada toda - acho que tem uma veiculação muito menor. Ela fica restrita - até talvez por conta das relações de amizade e profissionais da Ana Moser, que é quem mais lidera essa história - por exemplo, à ESPN. O que é um erro. Mas ele é claramente fruto de uma disputa entre empresas. Eu acho que é aquela coisa: explica, mas não justifica. Acho que esse é um trabalho bem menos divulgado. A minha preocupação em relação a esses movimentos é que eles não podem ter uma bandeira partidária. Acho que os dois conseguiram, até o momento, não ter essa bandeira, até porque os nossos partidos são muito fracos. Então, não adianta a gente pensar que os partidos vão conseguir tomar de bandeira. Mas, às vezes, as individualidades levam a esse caminho. Vejo nesses projetos um dos poucos caminhos viáveis para a modernização do esporte. E eu espero tratar em modernização do esporte. Eles não

vão afetar, em primeira instância, a forma como se cobre. Eles vão lá, na gestão. E aí vão enfrentar um problema muito sério, muito difícil, porque vão trabalhar com estruturas que estão enraizadas há séculos. Mas, pelo menos, são ventos democráticos que, enfim, aparecem no esporte. Não conseguem muita coisa. Vão ter às vezes que ceder para chegar aos seus objetivos, como o Bom Senso teve que ceder na lei de responsabilidade fiscal, do fairplay financeiro, porque assim se faz política esportiva ou não, mas são iniciativas muito interessantes. E, quanto à divulgação, o Bom Senso acho que tem não só divulgação, como apoio dos jornalistas - não significa que as empresas apoiam as suas iniciativas - mas os jornalistas, praticamente todos apoiam as iniciativas do Bom Senso, e quem conhece o trabalho do Atletas pela Cidadania, também apoia mas repito: isso não significa que seus veículos apoiam.

Eu acho que o problema não é do jornalismo esportivo. Eu acho que o estudante de jornalismo lê pouco. Não tá lendo nem gibi mais. Muito menos teoria da comunicação ou teoria política, ou filosofia clássica, ou teoria da arte... Qualquer rumo que ele vá seguir. Então, o problema, é que a gente detecta no emissário da nossa informação, no receptor da nossa informação, que ele já não se aprofunda na informação, que ele já não busca dois lados da mesma história, porque o próprio receptor já tem o seu lado definido e, para ele, pouco importa se há um outro lado em que a verdade esteja. Ele só quer tratar da sua "verdade". É um problema também do jornalista. O jornalista já sai da faculdade bitolado - politicamente, esportivamente, culturalmente -, descrente de que um bom texto ainda é o melhor caminho para você contar uma história, desinteressado na prática profunda da profissão e sai despreparado teoricamente. Problema dele? Sim. Culpa também da faculdade, que ao mesmo tempo em que não consegue aprofundar a teoria, praticamente esquece da prática e aí, desculpa essa frase com um quase trocadilho, porque os professores das faculdades não têm mais vivência prática. Não sabem o que acontece no mercado de trabalho. Então, o jovem que sai da faculdade praticamente não sabe o que está acontecendo no mundo aqui fora. Dentro da profissão dele e fora. Em relação ao jornalista esportivo, como eu disse, ele é bitolado. Primeiro, porque ele sai com uma ideia fixa. Principalmente em relação ao esporte e principalmente em relação ao futebol. Segundo: ele é basicamente um desinformado. Conheço profissionais brilhantes do jornalismo esportivos que não

sabem quem é um ministro do governo, um secretário do governo estadual. E, às vezes, esquecem capitais de estados. Mas que fazem seu trabalho brilhantemente. Só que se precisarem fazer outra coisa, estão ralados. Então, o jornalismo esportivo, na sua essência, e aí até por uma conta de preconceito lá de trás ("não sabe nada, vai fazer esporte"), ele é muito desinformado. E com isso ele perde muitas chances. Ai você junta um profissional sem informação e bitolado, ele não vai conseguir exercer a sua função, de forma alguma. Qualquer aprofundamento sobre qualquer tema ajuda o jornalista na sua função. A gente falar sobre teoria do esporte, a gente corre o risco de se abraçar num "regrismo". Ao invés de se aprofundar na teoria esportiva, se aprofunda nas regras do esporte. E acabar esquecendo toda a parte de bastidores, que é muito mais importante quanto o que acontece nos campos e quadras. Qualquer aprofundamento é importante. Qualquer conhecimento, qualquer leitura é importante. Você não pode ter preconceito contra leitura alguma, mesmo que ela "fira seus princípios", até porque o jornalista não tem princípio nenhum: o único é a busca pela verdade. É o único princípio que ele tem que correr, sempre. De resto, jornalista não tem bandeira política, não tem clube do coração, não tem esporte preferido. Nosso único esporte, clube ou partido é a verdade. Quanto mais ele se aprofundar, melhor. Seja isso por interesse próprio, seja por conta de uma possibilidade que a própria academia der para ele, ou seus chefes na empresa que ele trabalhar derem para ele.

Eu penso no local de fácil chegada, de locomoção barata para se chegar nesse lugar, com estrutura tanto física quanto humana - não basta eu ter uma quadra de vôlei se eu não tiver uma rede para jogar, se não tiver alguém para pelo menos ajudar a prover isso - e com acesso gratuito para todos. Que esse espaço tenha, pelo menos em determinado período do dia, quem sabe o contra-turno das escolas, também a prática monitorada do esporte. Quer dizer: não estou falando em formação de atletas. Eu estou falando em prática monitorada. Vamos jogar vôlei? Vamos, então, formar os times, fazer assim, treinar também, treinar basquete, pode ser, mas também a prática, para que o garoto - principalmente porque o espaço público ele tem que ser visado para o mais jovem - para que o espaço público não tire também o prazer da prática esportiva. Uma das coisas que mais me assusta são garotos de quatro, cinco anos, estarem treinando futebol, treinando atletismo,

treinando jiu-jitsu, ao invés de estarem se divertindo jogando bola, brincando de luta, correndo numa pista qualquer.